

(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA  
EM TRADUÇÃO

ANO XIII - VOL. ILUSTRADO - DEZ. 2023 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

Edição Pró Palestina

Heba Abu Nada  
(no)

Mahmoud Darwich

Fadwa Touqan

Olivia Elias

Izumi Shikibu

Cemal Süreya

Jan Huszcza

José Watanabe

Marquerite Burnat Provins

Olga Orozco

Mihai Eminescu

Octavian Goga

Ceccardo Roccatagliata

Mary Oliver

Nezahualcōyōtl

Emily Pauline Johnson  
(Tōkahonwaka)

tradução  
μετάφραση  
ترجمه  
ਅਨਵਾਦ  
Übersetzung  
ñembohasa  
traducción  
перевод  
ገጽገጽ  
מִלְאָת  
vertaling  
번역  
kāānnōs  
translation  
тәржемә  
översättning  
တၢ်ဂ့ၢ်မံၤ  
përkthim  
ᐅᐱᐅᐱᐅᐱᐅᐱᐅᐱᐅ  
canji  
okujjulula  
turkakipt'äwi  
translatio  
tradukado  
ಅನುವಾದ  
překlad  
çeviri  
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:  
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -- Florianópolis, 2010 --  
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 13, n. 27, vol. ilustrado, dez. 2023  
Bílingue: 10 idiomas  
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Alhe Daka  
Sistema requerido: eBook (PDF)  
Modo de acesso: <https://www.notadotradutor.com/>  
Portal interativo: Archive.Org  
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex  
Licenciada na Creative Commons – Open Access

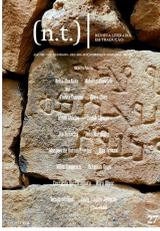
INTRO

“Tęu nome ę palestino.  
Tua fala e tęu silęncio sęo palestinos.”

Mahmud Darwich



# EDITORIAL



notadotradutor.com  
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO  
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA  
Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E HQS  
Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA  
Amanda Zampieri

REVISÃO EDITORIAL  
Thais Fernandes

CONSULTORIA LINGÜÍSTICA  
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS  
Equipe (n.t.)



Na história das escritas antigas, a nabateia chama a atenção por ser encontrar em uma posição intermediária, uma vez que representa um elo entre dois sistemas de escrita semíticos: o aramaico, que se desenvolveu anteriormente a ela e que a influenciou, e o árabe, que evoluiu posteriormente a ela e que recebeu seus influxos. Utilizada principalmente na região da Nabateia, que abrangia antigamente parte da Jordânia, Síria, Arábia Saudita e Egito, surgiu no séc. II a.C., estendendo-se até o séc. IV d.C. Suas inscrições, que progrediram ao longo do tempo ganhando formas mais cursivas e estilizadas, podem ser encontradas em monumentos fúnebres e devocionais nos antigos assentamentos de Petra, Bostra, Madaim Salé e na Península do Sinai, e em um pequeno número de papiros. Ocidentalmente, foi decifrada pela primeira vez em 1840 pelo orientalista e epigrafista alemão Eduard Friedrich Ferdinand Beer.

O registro mais antigo em nabateu, no entanto, ainda é um tema debatido entre os especialistas, tendo diferentes candidatos ao título, dentre os quais, a inscrição da era helenística tardia de Aslah Triclinium, encontrada em Petra, na Jordânia, datada de 96-95 a.C., e a inscrição de Obodate que menciona um governante nabateu, encontrada no deserto de an-Naqab, nas terras da antiga Arábia, oriunda do séc. II a.C. Já para a capa desta edição da (n.t.) trazemos uma inscrição funerária do século III d.C., originária de uma edificação em Umm al-Jimal, uma antiga aldeia na Jordânia fundada pelos nabateus, sendo que a última inscrição data de 356 d.C., encontrada em Hejaz, na Arábia Saudita. A partir do séc. IV d.C, a escrita nabateia, que ao longo de sua vigência havia feito empréstimo não só do léxico, mas também da gramática do antigo norte-arábico, passou a ser usada para escrever a língua árabe.

É por causa dessa sua origem que a escrita nabateia ocupa um lugar de destaque na história da escrita, sendo uma *ponte* entre o aramaico e o árabe. É esse mesmo árabe, que se desenvolve a partir da confluência de outros sistemas de escrita, como o aramaico e o nabateu, no séc. IV d.C., que teve origem, séculos depois, o árabe palestino, um contínuo dialetal arábico do ramo levantino falado pela maioria dos palestinos no Oriente Médio e por populações da diáspora. Eis aqui, desta vez, a *ponte* entre a capa desta edição, o Nabateu, e a edição especial Pró-Palestina, pois todos temos uma origem, um lugar, uma evolução.

Enquanto organizávamos esta edição, que seria ilustrada e exclusivamente de poesia, uma vez mais outro conflito envolvendo o povo palestino eclodiu ao final de 2023, e um novo genocídio, perpetrado pelo Estado de Israel, teve início. Urgia, por isso, não só

preparar a edição especial, mas deixar constância do momento atual em prol da Palestina Livre, usando como *ponte* a tradução, pois a tradução não é apenas uma questão de reunir palavras, e sim, de tornar inteligível toda uma cultura, como atestaria Burgess. Neste caso, cabia-nos tornar perceptível a cultura palestina, obliterada pelos meios de imprensa tradicionais, pois, em suma, em tempos de intolerância, “palestinos somos todos nós”. Isso porque o que estamos presenciando em Gaza e em Rafah não se trata apenas de um conflito, e sim, do poder do Estado sobre uma população, mostrando que ele pode fazer o que quiser, incluso, aniquilar. E ter essa noção abala nossa inocência, que perpassa os livros de história.

Outro motivo que nos levou a preparar esta edição foi o fato de que estávamos por publicar, nas páginas da revista, uma tradução da poeta palestina Heba Abu Nada, que acabou sendo assassinada em outubro de 2023, vítima de um bombardeio em Gaza. Eis que o conflito chegava até nós, atravessando oceanos. Por isso, decidimos organizar este número em homenagem à poeta e ao povo palestino com a publicação da HQ literária bilingue *Gaza*, pois, embora uma guerra não seja desenhável, como diria a ilustradora da revista, Aline Daka, isso só pode ser feito porque estamos diante de uma poeta cuja poesia (e existência) a fez suportável.

Desta forma, a poesia e a tradução vão, uma vez mais, ao encontro histórico de um povo e ocupam seu lugar no mesmo enfrentamento que os palestinos travam contra a opressão e a injustiça, pelo direito não só à dignidade, mas à existência. Logo, a edição abre e encerra com poetas palestinos e da diáspora: primeiro, com o célebre poema *Amante da Palestina* | عاشق من فلسطين, de Mahmud Darwich, por Matheus Menezes, seguido das seleções *A liberdade do povo* | حرية شعب, de Fadwa Touqan, por Jaime W. Cardoso e José C. Gondim, e *Para as crianças da Palestina* | Pour les enfants de Palestine, da poeta da diáspora Olivia Elias, por Raquel Silveira.

Na sequência, apresentamos a já consueta seção de Poesia, desta vez ilustrada, abrindo com *Meus cabelos negros* | 黒髪の, da poeta japonesa Izumi Shikibu, por Laura Grandó; *Algumas palavras de amor* | Bazı Sevda Sözleri, do turco Cemal Süreya, por İmren Gökçe Vaz de Carvalho, *Isso* | To, do polonês Jan Huszcza, por Olga Kempnińska; *Da sombra das paredes* | Din umbra zidurilor, do romeno Octavian Goga, por Raul Passos; *Um sonho* | Vis, do também romeno Mihai Eminescu, por Fernando Klabin; *O livro para ti* | Le livre pour toi, da franco-suíça Marguerite Burnat-Provins, por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira; *Sete coisas do corpo* | Siete cosas del cuerpo, do peruano José Watanabe, por Ekaterina Olortegui; *A cartomancia* | La cartomancia, da argentina Olga Orozco, por Camila de Moura; *A viagem eterna* | Il viaggio eterno, do italiano Ceccardo Roccatagliata Ceccardi, por Gleiton Lentz, *Sonhos* | Dreams, da estadunidense Mary Oliver, por Ana Santos; *Canto de Nezahualcōyōtl* | Icuic Nezahualcōyotzin, do náuatle clássico, por Sara Lelis de Oliveira; e *A canção que meu remo canta* | The Song My Paddle Sings, da canadense





#### AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: • *الدنوان* (Aldiwan.Net (Arábia Saudita), para "فلسطين من عاشق من", de Mahmud Darwish; • 関西福祉大学リポジトリ (Japão), para "黒髪", de Izumi Shikibu; • Google Books, para "Bazi Sevda Sözleri", de Cemal Süreya; • Google Books, para "To", de Jan Huszcza; • Biblioteca Centrală Universitară „Carol I” (Romênia), para "Din umbra zidurilor", de Octavian Goga; • Biblioteca Centrală Universitară „Carol I” (Romênia), para "Vis", de Mihai Eminescu; • Gallica (França), para "Le livre pour toi", de Marguerite Burnat-Provins; • Google Books, para "Siete cosas del cuerpo", de José Watanabe; • Google Books, para "La cartomancia", de Olga Orozco; • LiberLiber (Itália), para "Il viaggio eterno", de Ceccardo Roccatagliata Ceccardi; • Hemeroteca Nacional de México/UNAM, para "Icuic Nezahualcoyotzin", de Nezahualcoyotl; • Gutenberg.Org, para "The Song My Paddle Sings", de E. Pauline Johnson. **Direitos de publicação:** • *عاشق من فلسطين* (Jordânia), para "عاشق من فلسطين للدراسات والنشر", de Mahmud Darwish; • *حرية شعب* (Libano), para "حرية شعب", de Fadwa Touqan; • Achiamé (Brasil) para "A liberdade do povo", de Fadwa Touqan; • Éditions Al Manar (França), para "Pour les enfants de Palestine", de Olivia Elias; • The Atlantic Monthly Press (EUA), para "Dreams", de Mary Oliver. **Direitos autorais cedidos:** • Olivia Elias, para "Pour les enfants de Palestine".

(n.t.) | 27°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons, Licença Internacional 4.0 Open Access

ISSN 2177-5141



de ascendência mohawk E. Pauline Johnson (Tekahionwake), por Carolina Paganine.

Na seção final, apresentamos a HQ Pró-Palestina, inédita e bilingue, *Gaza* | غزة, baseada na última mensagem publicada em vida pela poeta Heba Abu Nada, ilustrada por Aline Daka e traduzida por Miguel Sulis.

Para encerrar, esta edição poética, que inicia na antiga Naba-teia e que *ilustra* uma série de poetas mundo afora, da Turquia ao Japão, da Argentina ao Canadá, cujas vozes perpassam suas fronteiras originárias, é igualmente uma edição Pró-Palestina. Isso porque busca *traduzir*, através da lírica dos poetas Darwish, Touqan, Abu Nada e Olivia Elias, a voz dos palestinos e de sua poesia de combate, uma poesia que desempenha um papel fundamental na luta pela libertação de seu povo. A (n.t.) é uma revista internacionalista, de modo que, assim como Diógenes de Sinope, desconhecemos a existência geográfica das fronteiras, sobretudo porque acreditamos que, com a tradução, podemos perpassá-las e torná-las menos provincianas e mais cosmopolitas, mas ora urge que declaremos, desta vez, nosso apoio às fronteiras palestinas, para que cessem a ocupação e a invasão genocida do Estado de Israel. E que se forem necessárias pedras para erguê-las, que assim seja, pois às vezes as pedras, como em uma eterna intifada, têm vida!

Pela Palestina Livre! ■

*Os editores e a ilustradora*  
Desterro, junho de 2024.



## SUMÁRIO

POESIA PRÓ-PALESTINA

عاشق من فلسطين | **Amante da Palestina**

*de* Mahmud Darwich

*por* Matheus Menezes

11

حرية شعب | **A liberdade do povo**

*de* Fadwa Touqan

*por* Jaime W. Cardoso e José C. Gondim

24

**Pour les enfants de Palestine**

**Para as crianças da Palestina**

*de* Olivia Elias

*por* Raquel Silveira

50

POESIA

黒髪の | **Meus cabelos negros**

*de* Izumi Shikibu

*por* Laura Grandó

71

**Bazı Sevda Sözleri**

**Algumas palavras de amor**

*de* Cemal Süreya

*por* İmren Gökce Vaz de Carvalho

78

**To | Isso**

*de* Jan Huszcza

*por* Olga Kempnińska

94

**Din umbra zidurilor  
Da sombra das paredes**

*de Octavian Goga*

*por Raul Passos*

112

**Vis | Um sonho**

*de Mihai Eminescu*

*por Fernando Klabin*

126

**Le livre pour toi | O livro para ti**

*de Marguerite Burnat-Provins*

*por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira*

132

**Siete cosas del cuerpo**

**Sete coisas do corpo**

*de José Watanabe*

*por Ekaterina Olortegui*

150

**La cartomancia | A cartomancia**

*de Olga Orozco*

*por Camila de Moura*

168

**Il viaggio eterno**

**A viagem eterna**

*de Ceccardo Roccatagliata Ceccardi*

*por Gleiton Lentz*

178

**Dreams | Sonhos**

*de Mary Oliver*

*por Ana Santos*

204

**Icuic Nezahualcoyotzin  
Canto de Nezahualcóyotl**

*por* Sara Lelis de Oliveira

226

**The Song My Paddle Sings**

**A canção que meu remo canta**

*de* E. Pauline Johnson (Tekahionwake)

*por* Carolina Paganine

237

HQ PRÓ-PALESTINA

**اغزة | Gaza**

*de* Heba Abu Nada

*por* Miguel Sulis

*ilustração de* Aline Daka

251

**INDEX**

254





poesia

(n.t.) | Khirbat al-Mafjar



# AMANTE DA PALESTINA

MAHMUD DARWICH

**O TEXTO:** Publicado na coletânea *Amante da Palestina* (عاشق من فلسطين), em 1966, Mahmud Darwich, no homônimo poema que dá título ao livro, lança mão de elementos que seriam uma constante em sua poesia, como a exaltação de sua terra natal e as metáforas que tomam a Palestina como figuras femininas. Em textos futuros, ele a transforma em pura polissemia, sendo a pátria idílica que não se pode retornar, a mãe carinhosa cujas mãos a distância não permite acariciar, a Al-Andaluz caída e tomada pelo estrangeiro. Na composição, o poeta toma o território palestino por amante, cantando a paixão e a tragédia de um amor vilipendiado. Mobilizando os recursos naturais e a própria natureza enquanto composição dessa mulher-território, exalta a resistência de uma Palestina histórica, com raízes profundas e impossíveis de serem extraídas.

**Texto traduzido:**

محمود درويش. عاشق من فلسطين، الأهلية، ٢٠٢٠، ص. ١٤-٧.

**O AUTOR:** Mahmud Darwich (1941-2008), poeta e escritor árabe, nasceu em Al-Birweh, na Galileia. Conhecido como o Poeta Nacional da Palestina por sua afeição à pátria perdida, o autor usou sua terra natal como veículo para captar, compreender e expressar temas universais, não necessariamente atrelados apenas ao território palestino. Vítima da Nakba em 1948, a limpeza étnica palestina perpetrada pelo Estado de Israel, sua cidade natal foi destruída durante a ocupação. Ao deixar a Palestina, passou pela União Soviética, Egito, Líbano, Paris e Estados Unidos. Sua obra compreende mais de 30 livros, entre poesia e prosa, tendo sido traduzida para vários idiomas.

**O TRADUTOR:** Matheus Menezes é mestrando em Literatura Estrangeira e Tradução pela USP (PPG - LETRA), onde desenvolve pesquisa sobre a literatura produzida pela diáspora árabe (*mahjar*) em São Paulo, no início do século XX. Para a (n.t.) traduziu Fawzi Maluf.



“Escreverei uma frase mais valiosa que mártires e carícias:

‘A Palestina era! E ainda é!’”

“ساكتب جملة أعلى من الشهداء والقُبُل:

‘فلسطينية كانت. ولم تزل!’”

# عاشق من فلسطين

«سأكتب جملة أعلى من الشهداء والقُبل:  
فلسطينية كانت. ولم تنزل!»

محمود درويش

عيونك شوكة في القلبِ  
توجعني... وأعبدها  
وأحميها من الريح  
وأغمدتها وراء الليل والأوجاع... أغمدتها  
فيشعل جرحها ضوء المصابيح  
ويجعل حاضري غدها  
أعزَّ عليَّ من روجي  
وأنسى، بعد حين، في لقاء العين بالعين  
بأنا مرة كنا، وراء الباب، اثنين!

كلامك... كان أغنيه  
وكنت أحاول الإنشاد  
ولكنَّ الشقاء أحاط بالشفة الربيعية  
كلامك، كالسنونو، طار من بيتي  
فهاجر باب منزلنا، وعتبتنا الخريفه

وراءك، حيث شاء الشوقُ...  
وانكسرت مرابانا  
فصار الحزن ألفين  
وللمنا شظايا الصوت...  
لم نتقن سوى مريثة الوطن!  
سنزرعها معاً في صدر جيتارٍ  
وفق سطوح نكبتنا، سنعرّفها  
لأقمارٍ مشوّهة... وأحجارٍ  
ولكّي نسيْتُ... نسيْتُ... يا مجهولة الصوت:  
رحيلك أصدأ الجيتار... أم صمتي؟!  
رأيتك أمسي في الميناء  
مسافرة بلا أهل... بلا زادٍ  
ركضتُ إليك كالأيتامُ ،  
أسأل حكمة الأجداد:  
لماذا تُسحبُ البيّارة الخضراء  
إلى سجن، إلى منفى، إلى ميناء  
وتبقى، رغم رحلتها  
ورغم روائح الأملاح والأشواق،  
تبقى دائماً خضراء؟  
وأكتب في مفكرتي:  
أحبُّ البرتقال . وأكرهُ الميناء  
وأردف في مفكرتي :  
على الميناء  
وقفتُ. وكانت الدنيا عيونَ شتاءٍ  
وقشر البرتقال لنا. وخلفي كانت الصحراء!  
رأيتك في جبال الشوك

راعياً بلا أغنام  
مطاردةً في الأطلال...  
وكنت حديقتي، وأنا غريب الدار  
أدقُّ الباب يا قلبي  
على قلبي...  
يقوم الباب والشبَّاك والإسمنت والأحجار!

رأيتكِ في خوابي الماء والقمح  
محطَّمةً. رأيتكِ في مقاهي الليل خادمةً  
رأيتكِ في شعاع الدمع والجرح.  
وأنتِ الرئة الأخرى بصدري...  
أنتِ أنتِ الصوتُ في شفتي....  
وأنتِ الماء، أنتِ النار!

رأيتكِ عند باب الكهف... عند النار  
مُعلَّقةً على حبل الغسيل ثياباً أيتامك  
رأيتكِ في المواقد... في الشوارع...  
في الزرائب... في دم الشمسِ  
رأيتكِ في أغاني اليُتم والبؤس!  
رأيتكِ ملء ملح البحر والرملِ  
وكنتِ جميلة كالأرض... كالأطفال... كالفلِّ  
وأقسم:

من رموش العين سوف أُخيِّط منديلاً  
وأنقش فوقه شعراً لعينيكِ  
واسما حين أسقيه فؤاداً ذاب ترتيلاً...  
يمدُّ عرائش الأيكِ...

سأكتب جملة أعلى من الشهداء والقُبَلِ:  
"فلسطينيةٌ كانت. ولم تزل!"  
فتحتُ الباب والشباك في ليل الأعاصيرِ  
على قمرٍ تصلَّب في ليالينا  
وقلتُ لليلتي: دوري!  
وراء الليل والسورِ  
فلي وعد مع الكلمات والنورِ  
وأنتِ حديقتي العذراءُ....  
ما دامت أغانينا  
سيوفاً حين نشرعها  
وأنتِ وفيّة كالقمح...  
ما دامت أغانينا  
سماداً حين نزرعها  
وأنتِ كنخلة في البال ،  
ما انكسرتُ لعاصفةٍ وخطابِ  
وما جرَّت ضفائرها  
وحوشُ البيد والغاب....  
ولكني أنا المنفِي خلف السور والبابِ  
خُذيني تحت عينيكِ  
خذيبي، أينما كنتِ  
خذيبي، كيفما كنتِ  
أردِّ إليّ لون الوجه والبدنِ  
وضوء القلب والعينِ  
وملح الخبز واللحنِ  
وطعم الأرض والوطن!  
خُذيني تحت عينيكِ

خذي لي لوحة زيتية في كوخ حسرات  
خذي أيه من سفر مأساتي  
خذي لعبة... حجراً من البيت  
ليذكر جيئنا الآتي  
مساربه إلى البيت!

فلسطينية العينين والوشم  
فلسطينية الاسم  
فلسطينية الأحلام والهيم  
فلسطينية المنديل والقدمين والجسم  
فلسطينية الكلمات والصمت  
فلسطينية الصوت  
فلسطينية الميلاد والموت  
حملتك في دفاتري القديمة  
نار أشعاري  
حملتك زاد أسفاري  
وباسمك ، صحت في الوديان:  
خيول الروم!... أعرفها  
وإن يتبدل الميدان!  
خُدُوا خُدْرًا  
من البرق الذي صبَّته أغنيتي على الصوان  
أنا زين الشباب ، وفارس الفرسان  
أنا. ومحطَّم الأوثان.  
حدود الشام أزرها  
قصائد تطلق العقبان!  
وباسمك ، صحت بالأعداء:

كلي لحمي إذا نمت يا ديدانُ  
فبيض النمل لا يلد النسورَ  
وببيضة الأفعى..  
يخبئ قشرها ثعبانُ!  
خيول الروم ... أعرفها  
وأعرف قبلها أي  
أنا زينُ الشباب، وفارس الفرسان!

## AMANTE DA PALESTINA

*“Escreverei uma frase mais valiosa que mártires  
e carícias: ‘A Palestina era! E ainda é!’”*

---

MAHMUD DARWICH

Teus olhos são espinhos no coração  
Afligem-me... e os louvo  
Eu os protejo das ventanias  
Eu os embainho contra a noite e as aflições... os embainho  
Suas feridas cedem luz às lamparinas  
Transformam o presente em amanhã  
Eu os estimo mais que minha alma  
E esqueço logo se encontram os olhos  
Que uma vez, a portas fechadas, éramos dois!

Tuas palavras... eram uma canção  
Que eu tentava entoar  
Mas a mágoa circunscreveu os lábios primaveris  
Tuas palavras, qual andorinha, voaram de casa  
A porta de casa e o limiar outonal migraram  
Seguiram-te para onde quer que a saudade saúda...  
E nossos espelhos se esfacelaram  
Tristeza elevada a mil  
Recolhemos os estilhaços do som...  
Para aperfeiçoar a elegia da pátria!  
Juntos a lavraremos no peito de uma viola

Que tocamos sobre o teto de nossa desgraça  
Para a lua em desmantelo... e as rochas  
Esqueci... esqueci... ó som da incerteza:  
Será tua partida a enferrujar a viola... ou meu silêncio?!  
Eu te vi ontem no porto  
Viajante desacompanhada... desprovida  
Corri para ti como um órfão  
Recorri à sabedoria ancestral:  
Como pode o pomar verde ser arrastado  
Para a prisão, para o exílio, para o porto  
E permanecer, a despeito do partir  
A despeito dos aromas de saís e saudades  
Permanecer sempre verde?  
Escrevo em meu diário:  
Amo as laranjas. Odeio o porto.  
Sigo a escrever:  
No porto  
Parei. O mundo era os olhos do inverno  
Temos a casca de laranja. Atrás de mim era o deserto!  
Eu te vi na montanha de espinhos  
Uma pastora sem ovelhas  
Perseguida nas ruínas...  
Tu eras o meu jardim quando o lar me era estranho  
Bato na porta, aí de meu coração  
Sobre meu coração...  
Erguem-se a porta, a janela, o cimento e as pedras!

Eu te vi nos vasos de água e trigo  
Em cacos. Vi servindo num café noturno  
Vi no brilho da lágrima e da ferida.  
Tu és o segundo pulmão de meu peito...  
Tu, tu és o som em meus lábios...  
Tu és a água e tu és o fogo!

Eu te vi na boca da caverna... em chamas  
Pendurando no varal a roupa de teus órfãos  
Eu te vi nos fornos, nas ruas...  
Nos currais... no sangue do sol  
Vi nas canções de orfanato e miséria!  
Vi no sal do mar e na areia  
Eras bela como a terra... como as crianças... como o jasmim  
E eu juro:  
Tecerei um lenço a partir de meus cílios  
Bordado com poemas para teus olhos  
Com um nome que ao ser regado pelo coração...  
Estende-se como videiras no campo...  
Escreverei uma frase mais valiosa que mártires e carícias:  
“A Palestina era! E ainda é!”  
Em uma noite de tormenta abri a porta e a janela  
Para uma lua endurecida em nossas noites  
Eu disse para a noite: Vai!  
Para trás da escuridão e das muralhas  
Pois estou compromissado com as palavras e a luz  
Tu és meu jardim virginal...  
Enquanto nossas canções  
Forem espadas que empunhamos  
Tu és fiel como o trigo...  
Enquanto nossas canções  
Florescerem quando as semeamos  
Tu és como a palmeira ideal  
Que nenhum vento ou lenhador derruba  
Teus cachos poupados  
Pelas feras da selva e da floresta...  
Eu sou o exilado detrás da cerca e do portão  
Toma-me sob teus olhos  
Toma-me onde estiveres  
Toma-me como puderes

A cor da face e do corpo retornarão  
A luz dos olhos e do coração  
O sal da canção e do pão  
O gosto da terra e da nação!  
Toma-me sob teus olhos  
Toma-me em uma pintura a óleo na tenda das aflições  
Toma-me como um verso dessa trágica viagem  
Toma-me como um jogo... um tijolo de casa  
Para guiar nossa geração  
No caminho de volta para casa!

Teu olho e tua tatuagem são palestinos  
Teu nome é palestino  
Teu sonho e tua preocupação são palestinos  
Teu lenço, pé e corpo são palestinos  
Tua fala e teu silêncio são palestinos  
Teu som é palestino  
Teu nascer e teu morrer são palestinos  
Eu te carreguei em meus antigos cadernos  
A chama em meus poemas  
Eu te carreguei em minhas viagens  
Por teu nome, gritei nos vales:  
No trotar bizantino... eu te reconheço  
Mesmo que mudem os campos de batalha!  
Estejam atentos  
À luz que minha canção irradia no granito  
Eu sou a graça juvenil e o maior dos cavaleiros  
Eu. O iconoclasta.  
Quem semeia as fronteiras do Levante  
Com versos que libertam águias!  
Por teu nome gritei aos inimigos:  
Vermes, comam minha carne se eu adormecer  
Ovos de formiga não parem águias

Já um ovo de serpente...  
Esconde em sua casca uma víbora!  
No trotar bizantino... eu a reconheço  
E reconheço antes de tudo  
Que sou a graça juvenil e o maior dos cavaleiros.

# A LIBERDADE DO POVO

FADWA TOUQAN

**O TEXTO:** Seleção com seis poemas de Fadwa Touqan, extraídos do livro الليل والفرسان (*A noite e os cavaleiros*), de 1969: “Diário de Mazin” (“الصفحة الشرقية”), “Cartas às crianças da margem oriental” (“رسالة إلى طفلتين في”) “A peste” (“الطاعون”), “Suspiros na frente do escritório de salvo-condutos” (“عند جسر اللني”), “Basta-me permanecer em seu regaço” (“كفاني أظل بحضنها”) e “A liberdade do povo” (“حرية شعب”). Conhecida por sua linguagem lírica e evocativa, a poesia de Touqan é profundamente enraizada na causa palestina e na luta pela libertação de seu povo, por meio da qual expressa sua dor e raiva com a ocupação israelense e a Nakba. Em seus poemas, explora também a condição humana, abordando temas universais como o amor, a perda e o exílio. No Brasil, esta seleção foi publicada na coletânea *Poesia palestina de combate*, lançado pela Editora Achiamé em 1981 e assinada pelos tradutores Jaime W. Cardoso e José C. Gondim, a partir de uma versão ocidental. A modo de memória, devidamente cotejada, a republicamos pela primeira vez ao lado do original em árabe.

**Textos consultados:** Laâbi, Abdellatif (Org.). “Fadwa Tuqan”. In. *Poesia palestina de combate*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981, pp. 105-113; em árabe:

فدوى طوقان. الليل والفرسان. الأعمال الشعرية الكاملة لفدوى طوقان. بيروت: المؤسسة العربية للدراسات والنشر 1993. ٤٣٩-٣٦٧.

**A AUTORA:** Fadwa Touqan (1917-2003), poeta e escritora palestina, nasceu em Nablus. Considerada um símbolo da causa palestina e uma das escritoras mais proeminentes da moderna literatura árabe, publicou seu primeiro livro de poesias, *وحدى مع الأيام* (*Sozinha com os dias*), em 1952, dando início à sua carreira literária. Mediante um estilo único de narração, sua obra se destaca não só por abordar a luta do povo palestino, mas também a das mulheres árabes em sociedades patriarcais, defendendo a emancipação feminina. Faleceu em 2003, no auge da Intifada de Al-Aqsa, enquanto sua cidade natal estava sitiada. Ocupou vários cargos acadêmicos na Universidade Nacional An-Najah em Nablus, tendo sido também conferencista internacional.

**OS TRADUTORES:** Jaime Wallwitz Cardoso, poeta e militante político de esquerda gaúcho, e José Carlos Gondim, linguista, jornalista e diretor de teatro paraense.



“O trovão, o redemoinho e a tormenta de minha pátria  
fazem versos comigo. Liberdade!”

“والرعد والإعصار والأمطار في وطني  
ترددها معي: حريتي.”

## حرية شعب

« صوتُ أردده بملء فم الغضب  
تحت الرصاص وفي اللهب.»

فدوى طوقان

### الفدائي والأرض

(1)

أجلس كي أكتب، ماذا أكتب؟

ما جدوى القول؟

يا أهلي، يا بلدي، يا شعبي

ما أحقر أن أجلس كي أكتب

في هذا اليوم

هل أحيي أهلي بالكلمة؟

هل أنقذ بلدي بالكلمة؟

كل الكلمات اليوم

ملحٌ لا يروق أو يزهر

في هذا الليل...

(2)

في بهرة الدّهول والضبياع

أضياء قنديل الهبيّ حنايا قلبه

وشع في العينين وهج جمرتين  
وأطبق المفكرة  
وهب، مازن، الفتى الشجاع  
يحمل عبء حبه  
وكل هم أرضه وشعبه  
وكل أشتات المنى المبعثرة!!

\*\*\*

-:ماضي أنا أمآه  
ماضي مع الرفاق  
لموعدي  
راضي عن المصير  
أحملة كصخرة مشدودة بعنقي  
فمن هنا منطلقي  
وكل ما لدي، كل كل النبض  
والحب والإيثار والعبادة  
أبذله لأجلها، للأرض  
مهراً، فما أعز منك يا  
أماه إلا الأرض  
-:يا ولدي!  
يا كبدي! -:أماه موكب الفرح  
لم يأت بعد  
لكنه لا بد أن يجيء  
يحدو خطاه المجد  
-:يا ولدي!  
يا .....

-:لا تحزن إذا سقطت قبل-

موعد الوصول

فدربنا طويلة شقيّة

ودون موعد الوصول ترتبي على المدى

سواحل الليل الجهنمية

نعبرها على مشاعل الدماء

لكن لن يجيء بعدنا الفرح

لأبدّ من مجيئه هذا الفرح

فيتساوى لأخذ والعطاء

-:يا ولدي

اذهب!

وحوّطته أمه بسورتي قرآن

اذهب!

وعوّذته باسم الله والفرقان

كان مازن الفتى الأمير سيد الفرسان

كان مجدها وكبرياءها وكان

عطاءها الكبير للأوطان

\*\*\*

في خيمة الليل

وفي رحابة العراء

قامت تصليّ

ورفعت إلى السماء وجهها

وكانت السماء

تطفح بالنجوم والألغاز

.....

يا يوم أسلمته للحياة  
عجينةً صغيرةً مطبّيةً  
بكل ما في أرضنا من طيب  
يا يوم ألقمته ثديها الخصب  
وعانقت نشوتها  
واكتشفت معنى وجودها  
في درّة حليب

.....

.....

(يا ولدي  
يا كبدي  
من أجل هذا اليوم  
من أجله ولدتك  
من أجله أرضعتك  
من أجله منحتك  
دمي وكلّ النبض  
وكلّ ما يمكن أن تمنحه أمومة  
يا ولدي، يا غرساً كريمة  
اقتلعت من أرضها الكريمة  
أذهب، فما أعزّمتك يا  
بنيّ الآ الأرض

\*\*\*

(3)

((طوباس)) وراء الربوات  
أذانٌ تتوتّر في الكلمات  
وعيون هاجر منها النوم

الريح وراء حدود الصّمت  
تلهث خلف النّفّس الضائع  
تركض في دائرة الموت!

.....

يا ألف هلا با لموت!  
واحترق النجم الهاوي ومرق  
عبر الربوات  
برقاً مشتعل الصوت  
زارعاً الإشعاع الحيّ على-  
الربوات  
في أرضٍ لن يقهرها الموت!  
أبداً لن يقهرها الموت.

## رسالة إلى طفلتين في الضفة الشرقية

« إلى كرمة وعمر »

يا كرمتي أودّ لو أطيّر  
على جناح الشوق لو أطيّر  
لكنّ توقي يا صغيرتي مقيد أسير...  
يعجزني يا كرمتي العبور  
فالنهر يقطع الطريق بيننا  
وهم هنا يرابطون  
كلعنه سوداء هم هنا يرابطون  
قد نسفوا نسفوا الجسور  
وحرّموني منك يا صغيرتي  
وحرّموا العبور

\*\*\*\*\*

الموت رابضٌ على الثّهر  
الموت رابضٌ لكل من عبر  
يا كرم يا غزالي  
العسل الصّافي المضيء في العيون  
يوحشني كثير  
والخصل الشقراء مثل القمح، مثل-  
موسم الحصاد في حقولنا  
توحشني، توحشني كثير  
أودّ لو أطيّر يا غزالي

## الطاعون

يوم فشا الطاعون في مدينتي  
خرجت للعرء  
مفتوحة الصدر إلى السماء  
أهتف من قرارة الأحزان بالرياح:  
هبي وسوقي نحونا السحاب يا رياح  
وأنزلي الأمطار  
تطهر الهواء في مدينتي  
وتغسل البيوت والجبال والأشجار  
هبذي وسوقي نحونا السحاب يا رياح  
ولتنزل الأمطار!  
ولتنزل الأمطار!  
ولتنزل الأمطار!

## عند جسر اللني

من صور الاحتلال الصهيوني  
آهات امام شباك التصاريح

---

وقفتي بالجسر أستجدي العبور  
آه، أستجدي العبور  
اختناق، نَفْسِي المَقْطُوعُ مَحْمُولٌ على  
وهج الظهيره

سبع ساعات انتظار  
ما الذي قصَّ جناح الوقت،  
من كسَّح أقدام الظهيره؟

يجلد القيظ جبيني  
عرقى يسقط ملحاً في جفوني  
آه، آلاف العيون

علقتها اللهفة الحري مرايا ألم  
فوق شباك التصاريح، عناوين  
انتظار واصطبار

آه نستجدي العبور  
ويدوي صوت جندي هجين  
لطمه تهوي على وجه الزحام:  
(عربن فوضى، كلاب)

ارجعوا، لا تقربوا الحاجز، عودوا يا كلاب)  
ويد تصفق شباك التصاريح-  
تسدّ الدرب في وجه الزحام  
آه، إنسانيتي تنزف، قلبي

يقطر المرّ، دمي سمّ ونار  
(عرب، فوضى، كلاب!)..  
آه، وامعتصماه!  
آه يا نار العشيره  
كل ما أملكه اليوم انتظار...  
ما الذي قصَّ جناح الوقت،  
من كسَّح اقدم الظهيره؟  
يجلد القيظ جيبني  
عريقي يسقط ملحاً في جفوني  
آه جرحي!  
مرغّ الجلاد جرحي في الغام

\*\*\*

ليت للبراق عيناً..  
آه يا ذلّ الإسار!  
حنظلاً صرت، مذاقي قاتلاً  
حقدي رهيب، موغل حتى القرار  
صخرة قلبي وكبريت وفوّاره نار  
ألف "هندي" تحت جلدي  
جوع حقدي  
فاغرّفاه، سوى أكبادهم لا  
يُشبعُ الجوعَ الذي استوطن جلدي  
آه يا حقدي الرهيب المستنزأ  
قتلوا الحب بأعماتي، أحوالوا  
في عروقي الدّم غسليناً وقار!!

## كفاني أظل بحضنها

كفاني أموت على أرضها  
وأدفن فيها  
وتحت ثراها أذوب وأفنى  
وأبعث عشباً على أرضها  
وأبعث زهره  
تعيث بها كف طفلٍ نمته بلادي  
كفاني أظل بحضن بلادي  
تراباً  
وعشباً  
وزهره

## حرية شعب

نشيد:

حريتي!

حريتي!

حريتي!

صوتُ أردده بملء فم الغضب

تحت الرصاص وفي اللهب

وأظل رغم القيد أعدو خلفها

وأظل رغم الليل أقفو خطوها

وأظل محمولاً على مدّ الغضب

وأنا أناضل داعياً حريتي!

حريتي!

حريتي!

ويردد النهر المقدس والجسور

حريتي!

والضفتان ترددان: حريتي!

ومعابر الريح الغضوب

والرعد والإعصار والأمطار في وطني

ترددتها معي:

حريتي! حريتي! حريتي!

\*\*\*

سأظل أحفر اسمها وأنا أناضل

في الأرض في الجدران في الأبواب في شرف المنازل

في هيكل العذراء في المحراب في طرق المزارع

في كل مرتفعٍ ومنحدرٍ ومنعطفٍ وشارعٍ  
في سجنٍ في زنزانةٍ التعذيب في عود المشانق  
رغم السلاسل رغم نسف الدور رغم لظى الحرائق  
سأظل أحفر اسمها حتى أراه  
يمتد في وطني ويكبر  
ويظل يكبر  
ويظل يكبر  
حتى يغطي كل شبر في ثراه  
حتى أرى الحرية الحمراء تفتح كل باب  
والليل يهرب والضيء يدك أعمدة الضباب  
حرיתי!  
حرיתי  
ويردد النر المقدس والجسور:  
حرיתי!  
والضفتان ترددان: حرיתי!  
ومعابر الريح الغضوب  
والرعد والإعصار والأمطار في وطني  
ترددها معي:  
حرיתי حرיתי حرיתי

## A LIBERDADE DO POVO

*“Voz da grande cólera que fazem versos  
sob as balas, no meio das chamas.”*

---

FADWA TOUQAN

### DIÁRIO DE MAZIN

Sento-me para escrever, que posso escrever?  
de que servirão as palavras?  
ó meu povo, ó minha pátria  
como é desprezível sentar-se para escrever  
neste dia  
por acaso a palavra protegerá minha gente?  
por acaso a palavra protegerá minha pátria?  
hoje  
todas as palavras são como o sal  
que nem brota nem floresce  
nesta noite...

No auge da aflição  
uma divina luz iluminou cada dobra de seu coração  
e em seus olhos acenderam-se brasas  
fechou seu diário  
Mazin, o grande valente se ergueu  
levando o peso de seu amor  
as penas de sua terra e de seu povo  
e os espalhados estilhaços de esperança

– Parto ó mãe  
vou com meus camaradas  
ao encontro  
aceito o destino  
levo-o como uma pedra pendurada em meu pescoço  
olha meu ponto de partida  
tudo que possuo, todas as minhas pulsações  
e o amor e a adoração  
eu os oferecerei como dote  
à terra  
não tenho outro amor além do teu, ó mãe  
do que a terra

– Ó filho meu  
Ó minha entranha

– Mãe  
a caravana do júbilo  
ainda não chegou  
mas virá  
trazendo com seus passos a glória  
– Ó filho meu  
– Ó...

– Não te preocupes  
se eu cair  
antes da hora da volta  
nosso caminho é longo e doloroso  
as asas infernais da noite  
se precipitam sobre o horizonte  
nós as passaremos pelas tochas de sangue  
mas o gozo se aproximará de nós  
esse júbilo seguramente virá  
a fim de estabelecer o equilíbrio

– Parte, ó filho meu  
parte

Sua mãe colocou-lhe um talismã  
em torno do pescoço  
abençoou-o e afastou o perigo  
em nome de Deus

Mazin era o nobre cavaleiro  
era seu orgulho e sua glória  
era sua imensa oferenda  
à pátria  
na noite profunda  
sob a nudez do céu  
ela se levantou para rezar  
ela elevou seu rosto ao céu  
e o céu transbordava de estrelas e de signos

Ó filho meu  
Ó minha entranha  
para este dia  
te trouxe ao mundo  
para este dia  
te amamentei  
para este dia  
te dei meu sangue  
todas as minhas pulsações  
tudo o que uma mãe pode dar  
ó filho meu, ó planta generosa  
desgarrada de sua terra generosa  
parte, não tenho outro amor além de ti, ó filho meu  
além da terra

Tubas está atrás das colinas  
ouvidos que espreitam as palavras  
olhos que o sono abandonou  
o vento sopra atrás das fronteiras do silêncio  
explode, ruge pelas colinas  
bate asas buscando o ânimo agonizante  
e se instala no círculo da morte

Ó mil boas-vindas à morte  
a estrela fugaz se incendiou e caiu  
entre as colinas  
como um relâmpago explosivo  
e espalhou seu intenso resplendor  
nas colinas  
sobre uma terra que a morte não vencerá  
sim  
que a morte não vencerá jamais

## CARTA ÀS CRIANÇAS DA MARGEM ORIENTAL

(Fragmentos)

*A Karmah e 'Amr*

[...]

Queridas crianças  
do outro lado do rio  
queridas crianças  
tenho para vocês  
muitas histórias  
diferentes de Simbad o Marujo  
diferentes de O Gênio e o Pescador  
da de Qamar Azzamane e a Princesa  
tenho para vocês  
novas histórias  
mas temo que ao contar-lhes as peripécias  
afogue a luz do universo de vocês  
turve a paz e a serenidade  
da ilha da inocência  
temo pelo pequeno universo de vocês  
as histórias de encarcerados e carcereiros  
histórias de nazistas e nazismo  
em nossa pátria  
porque são sinistros  
e fazem as crianças envelhecerem  
de terror

não perguntem quando e como chegará ao fim  
a história da dispersão e da privação  
porque hoje não entenderiam a resposta  
e quando crescerem  
minhas queridas crianças  
a experiência ensinará vocês  
nesse dia, carregarão o fardo como nós  
e cumprirão sua parte  
na epopeia da luta  
é longa nossa história

longa  
a epopeia da luta  
nesse dia  
ó tesouro descoberto  
vocês saberão  
quando e como voltaremos a ver os exilados  
e como acabará  
a história da dispersão  
e da privação

## A PESTE

Quando a peste se alastrou pela minha cidade  
saí  
com o peito descoberto  
gritando ao vento a tristeza implacável.  
Sopra, ó vento  
e traz-nos as nuvens  
faz com que a chuva caia  
para que purifique o ar de minha cidade  
para que lave as casas, as montanhas e as árvores  
Sopra, ó vento  
e conduz as nuvens até nós  
que a chuva caia  
que a chuva caia

## SUSPIROS NA FRENTE DO ESCRITÓRIO DE SALVO-CONDUTOS

Na ponte de Allenby

Retenção antes da ponte  
para pedir passagem  
ah, pedir passagem  
estupor  
respiração entrecortada  
suspensa na modorra do meio-dia  
sete horas de espera  
quem cortou as asas do tempo?  
quem desdobrou os passos do meio-dia?  
o calor me oprime a fronte  
o suor desliza em minhas pálpebras como sal  
ah! mil olhos  
como espelhos dolorosos  
suspensos pela impaciência  
na frente do escritório de salvo-condutos  
endereços  
espera, espera  
pedimos passagem  
e a voz atroz de um soldado ressoa  
como um assovio diante do rosto da multidão:  
“árabes, anarquia, cachorros  
retrocedam  
não se aproximem da barreira, ladrem seus cachorros”  
– uma mão bate no guichê  
com um assovio diante do rosto da multidão  
minha humanidade sangra, meu coração  
goteja seu fel, meu sangue se transformou em fogo e veneno  
árabes, anarquia, cachorro!...  
Para ajudar  
Ó vingança dos meus  
só possuo a espera  
quem cortou as asas do tempo?  
quem desdobrou os passos do meio-dia?

o calor me oprime a fronte  
o suor desliza em minhas pálpebras como sal  
ó minha chaga  
o carrasco arrastou minha chaga na lama

Quem dará testemunho  
da humilhação desse claustro?  
me tornei fel  
meu sabor é mortal  
um ódio aterrador  
mergulha no fundo de minha alma  
meu coração é de pedra e de enxofre  
geiser de fogo  
existem mil Hind na minha pele  
meu ódio  
é uma fome de goelas que babam  
nada poderia saciar o ódio  
que se aloja sob minha pele  
entre minhas entranhas  
ó meu ódio aterrador  
mataram o amor em mim  
transformaram o sangue de minhas veias  
em glicerina e alcatrão

## BASTA-ME PERMANECER EM SEU REGAÇO

Basta-me morrer em meu país  
aí ser enterrada  
dissolver-me e aí reduzir-me a nada  
ressuscitar erva em sua terra  
ressuscitar flor  
que uma criança crescida em meu país arrancará  
basta-me estar no regaço de minha pátria,  
terra  
    erva  
        flor

## A LIBERDADE DO POVO

Canção

Liberdade!

Liberdade!

Liberdade!

voz da grande cólera que fazem versos

sob as balas, no meio das chamas

voz que persigo apesar das correntes

cujo avanço apresso, apesar da noite

e luto fazendo versos

Liberdade!

Liberdade!

Liberdade!

e o rio sagrado e as pontes fazem versos

liberdade

e as duas margens fazem versos

liberdade

o trovão, o redemoinho e a tormenta de minha pátria

fazem versos comigo

liberdade! liberdade! liberdade!

Continuarei lutando

e gravarei na terra, nos muros

nas portas, nas janelas

no templo da virgem e nos *mibrabs*

nos sulcos, nos relevos e nas rodas

na prisão, na câmara de tortura, na forca

apesar das correntes, apesar da destruição das casas

apesar da mordida das brasas

continuarei gravando seu nome

até que a veja

estender-se sobre minha pátria e crescer

crescer crescer

até cobrir cada polegada de sua terra

até que eu veja a liberdade vermelha abrir cada porta

a noite fugir e a luz destroçar as fortificações da névoa

Liberdade!

Liberdade!  
Liberdade!  
o rio sagrado e as pontes fazem versos  
liberdade!  
e as duas margens fazem versos  
liberdade!  
e as correntezas do vento rebelde fazem versos  
o trovão o redemoinho e as tormentas de minha pátria  
fazem versos comigo  
Liberdade! liberdade! liberdade!

# PARA AS CRIANÇAS DA PALESTINA

OLIVIA ELIAS

**O TEXTO:** Seleção com seis poemas de Olivia Elias, extraídos da coletânea *Ton nom de Palestine*, publicada em 2017: “O amanhã é um sonho” (“L’avenir est un rêve”), “Corações-tamborins” (“Cœurs-tambours”), “Poema do amanhecer” (“Poème du petit matin”), “Para as crianças da Palestina” (“Pour les enfants de Palestine”), “Apenas um homem, uma mulher a caminhar” (“Seulement un homme, une femme qui marche” e “Viajante sem bagagem” (“Voyageur sans bagage”). Em sua poesia, caracterizada por uma linguagem concisa e lacônica e por ritmos fortes, Elias mescla sua história pessoal e a história de um povo despossuído, passando pelos caminhos do exílio e pela obstinação daqueles que afirmam seu pertencimento ao mundo.

**Texto traduzido:** Elias, Olivia. *Ton nom de Palestine*. Neuilly-sur-Seine: Éditions Al Manar, 2017. Collection Combats.

**Agradecimentos:** à poeta Olivia Elias, pela concessão da seleção.

**Licença:** © Éditions Al Manar.

**A AUTORA:** Olivia Elias (1944-), poeta da diáspora palestina e de escrita francesa, nasceu em Haifa. Viveu até a juventude em Beirute, no Líbano, onde sua família se refugiou em 1948, transferindo-se depois para a cidade canadense de Montreal, onde realizou seus estudos acadêmicos e lecionou Economia. Na década de 1980, se estabeleceu em Paris, onde publicou seu primeiro livro de poesias, *Je suis de cette bande de sable*, em 2015, seguido das coletâneas *L’espoir pour seule protection* (2015), *Ton nom de Palestine* (2017) e *Chaos, traversée* (2019). Sua poesia, que fala de pátria e exílio, da opressão e da dificuldade vivida por aqueles que foram expulsos de suas terras originárias, trata-se de um testemunho pessoal com um profundo sentimento de solidariedade com os imigrantes.

**A TRADUTORA:** Raquel Silveira é revisora, tradutora e mediadora de leitura. Mestre em estudos literários e graduada em letras pela UFSCar, é aluna do Programa Formativo para Tradutores Literários da Casa Guilherme de Almeida. No âmbito dos estudos literários e tradutórios, interessa-se pela escrita de mulheres que versa sobre especialidades, geografias e deslocamentos.



**“Nas mãos das crianças  
as pedras da ira enunciam a recusa.”**

“Dans la main des enfants  
les pierres de la colère disent le refus.”

# POUR LES ENFANTS DE PALESTINE

*“Dans la main des enfants les pierres  
de la colère disent le refus.”*

---

OLIVIA ELIAS

## L'AVENIR EST UN RÊVE

Lorsque la nuit tombe et que nous dormons  
des hommes et des femmes se lèvent furtivement

L'avenir est un rêve qui galope devant eux  
son halo lumineux éclaire la nuit sauvage

Vague après vague ils avancent serrant sur leur poitrine  
leur fardeau précieux d'enfants

Pas après pas ils labourent les terres d'Europe  
les marécages les chemins écartés

Ils voyagent entassés dans des camions frigorifiés  
zigzaguent entre les fosses de Méditerranée

Familiers de l'enfer ils avancent avec la mort pour compagne  
les matraques et les loups à tous les carrefours

C'est la fin de l'été les oiseaux se rassemblent  
eux remontent vers le Nord

Implorant le Ciel de les mener à bon port là où les attend  
ce rêve qui galope devant eux

Ce rêve d'une vie belle qui un jour les a visités  
et ne les a plus jamais quitté

## CŒURS-TAMBOURS

Le récit ne sera pas perdu  
n'en déplaie aux trafiquants  
d'histoire et de temps  
Nos cœurs-tambours l'ont confié  
aux vents  
qui le dispersent avec les graminées  
Les abeilles en font leur miel  
au milieu des champs de blé  
Dans les fournils le pain lève  
et la parole avec  
Nos cœurs-tambours l'ont confié  
aux vents

## POÈME DU PETIT MATIN

Auprès de qui trouver consolation ?  
Il semble qu'il n'y ait plus  
que le chant des oiseaux

L'enfant tourne le dos au langage  
des hommes Il s'inscrit à l'école  
des tourterelles

Aux balcons populaires  
les pinsons enchantent  
les jours et les nuits

## POUR LES ENFANTS DE PALESTINE

Ils sortent des vases et des bas-reliefs antiques  
prennent leur élan et s'élancent  
Une douleur lancinante les tient éveillés  
au creux de la nuit et lorsqu'il s'assoupissent  
ils rêvent d'une vie en pleine lumière  
Mais chaque aube apporte  
la trahison des promesses  
Peut-on conquérir l'Eden par le glaive et le feu ?  
Dans la main des enfants  
les pierres de la colère disent le refus  
Et s'il ne restait aucune pierre  
les enfants de Palestine souffleraient  
dans leurs mains jusqu'à ce que les vents  
du désert se lèvent et emportent l'édifice  
construit sur le mépris sanglant

## SEULEMENT UN HOMME, UNE FEMME QUI MARCHE<sup>1</sup>

*pour Tamiki, Isaku, Okini, Eylan et tous les autres*

*« Sono già arrivati gli aerei. Si vedono. Dalle nuvole proviene il rumore indistinto di un'esplosione. Cerco me stesso. Io c'ero. Ero lì, in quella casa... Grido. Davanti a miei occhi, una luce brilla nel cielo di Hiroshima. Lenta come se fosse un sogno, la luce si propaga, piano piano... Adesso, però, sono le case a crollare piano piano, una dopo l'altra alla velocità dei sogni... »*

La catastrophe était survenue  
Elle était survenue

Hara Tamiki était là  
lorsque « *le monde a explosé en mille morceaux  
en mille morceaux* »

*L'éclair n'a duré que le temps d'un battement de cils*  
un simple battement de cils  
Image éternellement prisonnière  
d'un instant de lumière

Hara Tamiki s'est levé et a commencé à marcher parmi les décombres  
« *Camminavo tra le macerie e mi dicevo che non ero io. Ma la parte di me che camminava tra le macerie cercava di convincermi che fossi io, che fossi io* ».

*« La seule chose qu'il savait encore est qu'il avait vécu au milieu des lamentations de ceux qui imploraient le salut »*  
Et qu'il voulait vivre « *Vivre non pour soi-même, seulement pour les lamentations des morts* »

La seule chose qui le faisait tenir debout était ses jambes. Les merveilleuses  
jambes qui soutiennent les hommes  
quand tout s'écroule autour d'eux... Et les lamentations des hommes...

La femme Isaku était là aussi au milieu des gens qui marchaient tous les jours  
parmi les décombres

---

<sup>1</sup> Inspiré par *Il paese dei desideri, Il ricordo di Hiroshima, racconti*, Hara Tamiki, préface de Ôe Kenzaburo, Prix Nobel de Littérature, Atmosphere libri, Rome, 2015. (n.a.)

Elle s'interroge : « *ils auront sans doute semé des empreintes humaines et des prières le long du chemin ?* »

Ainsi que la femme Okuni qui perdit le temps d'un éclair de lumière son mari et sa maison. Sa-maison-seul-lieu-de-retour-possible

« *A partir de ce moment, j'ai dû courir à perdre haleine pendant je ne sais combien d'années. Sinon je n'aurais pas pu vivre* »

Okuni avait un fils  
Elle a oublié qu'elle avait un fils

Okuni marche pieds nus  
la rumeur des pas grondant dans les oreilles  
la rumeur des pas seule capable  
de couvrir les explosions intérieures

*Le monde a explosé en mille morceaux  
en mille morceaux*

Okuni marche sans s'arrêter  
pour ne pas céder à l'envie fatale de se coucher  
et de s'abandonner au sommeil profond  
des entrailles de la terre

Elle n'est plus qu'une femme qui marche  
« *Non sono più io, cammino, cammino, solo una che cammina* »

Okuni a oublié qu'elle avait un fils  
– qui a survécu –  
puis elle s'en est souvenue

Sur les routes-et-les fleuves-artères-du-monde  
flottent les drapeaux de prière  
petits cailloux balisant le chemin  
de ceux qui ne sont plus  
que des hommes et des femmes  
qui marchent

Hommes et femmes  
Vivants et morts  
Vivants portant leurs morts  
qui marchent au-dedans d'eux  
Morts réconfortant les vivants

Avec le bourdon  
des pas  
dans les oreilles

Un pas  
Un autre  
Un autre pas  
Encore  
Encore

## VOYAGEUR SANS BAGAGE

Il n'y a plus que la route  
et ce pays qui ne veut pas de moi  
voyageur sans bagage

Aux jeux de la fortune  
j'ai pourtant gagné  
le temps infini de l'attente  
du commencement  
d'un commencement de lendemain

L'attente la demeure  
où je me réinvente  
mutant-cabossé  
aux friches de vos vies

# PARA AS CRIANÇAS DA PALESTINA

*“Nas mãos das crianças as pedras da ira  
enunciam a recusa.”*

---

OLIVIA ELIAS

## O AMANHÃ É UM SONHO

Quando a noite cai e adormecemos  
homens e mulheres levantam-se furtivamente

O amanhã é um sonho que galopa diante deles  
seu halo reluzente ilumina a noite selvagem

Onda após onda eles avançam apertando contra o peito  
seu precioso fardo de crianças

Passo após passo eles lavram as terras da Europa  
os pântanos os caminhos afastados

Viajam amontoados em caminhões refrigerados  
serpeiam por entre as fossas do Mediterrâneo

Afeitos ao inferno eles avançam tendo a morte como companhia  
os cassetes e os lobos a cada encruzilhada

É o fim do verão os pássaros se bandeiam  
eles remontam ao Norte

Rogando aos Céus para que cheguem ilesos aonde os espera  
esse sonho que galopa diante deles

Esse sonho de uma vida bela que um dia os visitou  
e nunca mais os deixou

## CORAÇÕES-TAMBORINS

A narrativa não será perdida  
sem ofensa aos traficantes  
de história e de tempo  
Nossos corações-tamborins  
confiaram-na ao vento  
que a dispersa com as gramíneas  
As abelhas fazem dela seu mel  
no meio dos campos de trigo  
Nos fornos o pão leveda  
e a palavra leva  
Nossos corações-tamborins  
confiaram-na ao vento

## POEMA DO AMANHECER

Junto de quem encontrar consolo?  
Parece que resta apenas  
o canto dos pássaros

A criança dá as costas à língua  
dos homens Matricula-se na escola  
das pombas

Nas varandas populares  
os pintassilgos encantam  
os dias e as noites

## PARA AS CRIANÇAS DA PALESTINA

Elas saem dos vasos e baixos-relevos antigos  
tomam impulso e lançam-se  
Uma dor lancinante as mantém despertas  
na calada da noite e quando cochilam  
sonham com uma vida em plena luz  
Mas cada alvorecer traz consigo  
a traição das promessas  
Pode-se conquistar o Éden pela espada e pelo fogo?  
Nas mãos das crianças  
as pedras da ira enunciam a recusa  
E se não restasse pedra nenhuma  
as crianças da Palestina soprariam  
em suas mãos até que os ventos  
do deserto se levantassem e levassem o edifício  
construído sobre o desprezo sangrento

## APENAS UM HOMEM, UMA MULHER A CAMINHAR<sup>1</sup>

para Tamiki, Isaku, Okini, Eylan e todos os outros

*“Sono già arrivati gli aerei. Si vedono. Dalle nuvole proviene il rumore indistinto di un’esplosione. Cerco me stesso. Io c’ero. Ero lì, in quella casa... Grido. Davanti a miei occhi, una luce brilla nel cielo di Hiroshima. Lenta come se fosse un sogno, la luce si propaga, piano piano... Adesso, però, sono le case a crollare piano piano, una dopo l’altra alla velocità dei sogni...”<sup>2</sup>*

A catástrofe sobreviera  
Ela sobreviera

Hara Tamiki estava lá  
quando *“o mundo explodiu em mil pedaços  
em mil pedaços”*

O clarão transcorreu num abrir e fechar de olhos  
um mero abrir e fechar de olhos  
Imagem aprisionada eternamente  
a um instante luminescente

Hara Tamiki levantou-se e começou a caminhar entre os escombros  
*“Camminavo tra le macerie e mi dicevo che non ero io. Ma la parte di me che camminava tra le macerie cercava di convincermi che fossi io, che fossi io”*.<sup>3</sup>

*“A única coisa que ainda sabia era que vivera em meio aos lamentos daqueles que imploravam a salvação”*  
É que queria viver *“Viver não para si mesmo, apenas para lamentar dos mortos”*

A única coisa que o mantinha em pé eram suas pernas. As maravilhosas  
pernas que sustentam os homens  
quando tudo desmorona em torno deles... E o lamentar dos homens...

---

<sup>1</sup> Inspirado em *Il paese dei desideri, Il ricordo di Hiroshima, racconti*, Hara Tamiki, prefácio de Ôe Kenzaburo, Prémio Nobel de Literatura, Atmosphere libri, Roma, 2015. (n.a.)

<sup>2</sup> “Os aviões já chegaram. Veem-se. Das nuvens provém o ruído indistinto de uma explosão. Procuo por mim mesmo. Eu estava lá. Eu estava lá, naquela casa... / Grito. Diante dos meus olhos, uma luz brilha no céu de Hiroshima. / Lentamente, como se fosse um sonho, a luz se propaga, devagar devagar... / Agora, porém, são as casas que desmoronam devagar devagar, uma após a outra, à velocidade dos sonhos...”. (n.t.)

<sup>3</sup> “Caminhava pelos escombros e dizia a mim mesmo que não era eu. Mas a parte de mim que caminhava pelos escombros tentava me convencer de que era eu, era eu”. (n.t.)

A mulher Isaku também estava em meio às pessoas que caminhavam todos os dias entre os escombros  
Ela se questiona: “*acaso terão semeado pegadas humanas e orações ao longo do caminho?*”

Assim como a mulher Okuni que perdeu num lampejo de luz o marido e a casa. Sua-casa-único-lugar-de-retorno-possível

“*A partir daquele momento, tive de correr até me faltar o ar por não sei quantos anos. Do contrário não poderia viver*”

Okuni tinha um filho  
Ela esqueceu que tinha um filho

Okuni caminha descalça  
o rumor dos passos a ressoar nos ouvidos  
o rumor dos passos sozinho capaz  
de encobrir as explosões interiores

*O mundo explodiu em mil pedaços  
em mil pedaços*

Okuni caminha sem parar  
para não ceder ao desejo fatal de se deitar  
e de se entregar ao sono profundo  
das entranhas da terra

Ela já não é senão uma mulher a caminhar  
“*Non sono più io, cammino, cammino, solo una che cammina*”<sup>4</sup>

Okuni esqueceu que tinha um filho  
– que se salvou –  
então ela se lembrou

Nas estradas-e-rios-artérias-do-mundo  
flutuam bandeiras de orações  
pedrinhas a marcar o caminho

---

<sup>4</sup> “Não sou mais eu, caminho, caminho, apenas uma mulher a caminhar”. (n.t.)

daqueles que já não são  
senão homens e mulheres  
a caminhar

Homens e mulheres  
Vivos e mortos  
Vivos a carregar seus mortos  
que caminham dentro deles  
Mortos a confortar os vivos

Com o zumbir  
dos passos  
nos ouvidos

Um passo  
Mais outro  
Outro passo  
Mais um  
Mais um

## VIAJANTE SEM BAGAGEM

Resta apenas a estrada  
e esse país que não me quer  
viajante sem bagagem

Nos jogos da fortuna  
no entanto ganhei  
o tempo infinito da espera  
do começo  
de um começo de amanhã

A espera a morada  
onde me reinvento  
mutante-amolgado  
nos baldios de suas vidas



poesia  
(n.t.) | Jericó



# MEUS CABELOS NEGROS

IZUMI SHIKIBU

**O TEXTO:** A coleção pessoal de poesias de Izumi Shikibu consta em sua homônima *Antologia Poética* (和泉式部集). O compilado é dividido em dois tomos e conta com 1548 composições. O ano em que foi organizado ainda é um mistério: alguns autores afirmam se tratar de 1205, enquanto outros defendem que ocorreu por volta de 1439. Há poucos registros sobre a vida de Izumi, mas se estima que suas poesias foram compostas entre as últimas duas décadas do séc. IX e as primeiras duas décadas do séc. X. Esta seleção apresenta 10 poesias da coletânea em estilo *waka*, poemas curtos de cinco versos divididos em 5-7-5-7-7 moras, precisamente os de número 13, 19, 29, 38, 61, 86, 87, 93, 97 e 148. O de número 86, que versa sobre seus “cabelos negros”, é um dos mais célebres de sua obra.

**Texto traduzido:** 和泉式部, 和泉式部集. In: 『和泉式部日記・和泉式部集』. 東京: 新潮社, 1981.

**A AUTORA:** Izumi Shikibu (c. 976-1030 d.C.), poeta japonesa, nasceu na Província de Echizen. Consagrou-se como uma das maiores poetisas da literatura clássica japonesa, tendo vivido a era de ouro de seu país durante o período Heian e sido membro do grupo dos Trinta e seis Imortais de Poesia Medieval. Dama de corte da Imperatriz Shōshi em 1009, foi uma mulher apaixonada e de espírito melancólico, com uma vida marcada por grandes paixões e perdas. Publicou vários poemas nas coletâneas imperiais de poesia da época, além de um livro de memórias e uma coletânea pessoal de poesias.

**A TRADUTORA:** Laura Venzon Francisco Grandó é bacharelada em Letras, com ênfase em tradução do japonês, pela UFRGS, e desde 2022 trabalha em pesquisas e traduções na área de literatura clássica nipônica. Atualmente, trabalha na tradução de *As Memórias de Izumi Shikibu*.



“Meus negros cabelos  
emaranhados, não me importo.”

「黒髪の 乱れも知らず。」

## 黒髪の

「黒髪の 乱れも知らず うち臥せば まづかきやりし 人ぞ恋しき。」

---

和泉式部

13

春雨の 日をふるままに わが宿の 垣根の草は 青みわたりぬ

19

岩つつじ 折りもてぞ見る せこが着し 紅ぞめの 衣に似たれば

29

とこなつに おきふす露は 何なれや あつれて背子が 間遠なるらむ

38

声聞けば あつさぞまさる 蝉の羽の 薄き衣は みに着たれども

61

白ながら 露の置きたる 白菊を 今朝初霜に 見ぞ紛へつる

86

黒髪の 乱れも知らず うち臥せば まづかきやりし 人ぞ恋しき

87

夢にだに 見えもやすくと しきたへの 枕動きて いだにねられず

93

涙川 おなじみよりは ながるれど こひをば消たぬ ものにぞありける

97

世の中に こひといふ色は なけれども 深く身にしむ ものにぞありける

148

行き帰り いづくも旅の 雁は のどけき折りも 無しと鳴くなり

## MEUS CABELOS NEGROS

*“Meus negros cabelos emaranhados,  
deitada sinto saudades daquele que os penteava.”*

---

IZUMI SHIKIBU

13

há dias cai  
uma garoa primaveril  
em minha casa  
a cerca viva tornou-se  
um verde exuberante

19

olho sem parar  
para as azaleias que colhi  
lembram-me das vestes  
que ele usara  
tingidas em carmesim

29

o refrescante orvalho  
descansa nas cravinas  
ainda assim ele parece  
sofrer com o calor  
pois de mim se afasta

38

ouço o grito  
das cigarras  
o calor é insuportável  
mesmo a elas que trajam  
vestes tão leves

61

os crisântemos brancos  
tomados em pálido orvalho  
fizeram-me crer que havia visto  
a primeira geada do ano  
tudo é alvo nesta manhã

86

meus negros cabelos  
emaranhados, não me importo  
deitada sinto saudades  
daquele que com seus dedos  
os penteava

87

talvez em meus sonhos  
eu possa te encontrar  
deito-me na tentativa  
mas inquieta em meu travesseiro  
nem mesmo chego a dormir

93

do mesmo eu de onde  
um rio de lágrimas  
flui também  
arde um amor  
que nunca se apaga

97

neste mundo não há  
uma cor chamada amor  
ainda assim parece  
que por ela nós somos  
profundamente tingidos

148

indo e vindo  
nunca param de viajar  
os gansos parecem  
gritar que em paz  
nunca podem descansar

# ALGUMAS PALAVRAS DE AMOR

CEMAL SÜREYA

**O TEXTO:** Seleção com seis poemas de Cemal Süreya extraídos da coletânea *Sevda Sözleri: Bütün Şiirleri (Palavras de amor: todos os poemas)*, publicada em 1990: “Vosso pai alguma vez morreu?” (“Sizin Hiç Babanız Öldü mü?”), “Dois corações” (“İki Kalp”), “Curta” (“Kısa”), “Cortinada” (“Perdeli”), “Li um romance e pensei em ti” (“Roman Okudum Seni Düşündüm”) e “Já sei que os caminhos estão fechados para ti” (“Biliyorum Sana Giden Yollar Kapalı”). No conjunto, os poemas, marcados por uma profunda sensibilidade e emoção, por meio de uma linguagem simples e direta, foram publicados originalmente em revistas literárias turcas, como *Yeni Yaprak*, em diferentes obras do autor, incluindo *Üvercinka* (1958) e *Güz Bitiği* (1988), e em seu epistolário.

**Texto traduzido:** Süreya, Cemal. *Sevda Sözleri: Bütün Şiirleri*. 51. baskı. İstanbul: Yapı Kredi Yayınları, 2013.

**O AUTOR:** Cemal Süreya (1931-1990), poeta, escritor e tradutor turco de ascendência curdo-zaza, nasceu em Erzincâ. Prolífico autor, escreveu poesia, ensaio, crítica e diário, sendo considerado um dos poetas pioneiros da Segunda Nova Poesia da literatura moderna turca. Publicou seus primeiros poemas e artigos em várias revistas e jornais turcos, lançando seu primeiro livro de poesias, *Üvercinka*, em 1958. Os temas mais frequentes em sua obra são o amor, as mulheres, a solidão, a crítica social e política, a morte e a ideia de Deus. Como tradutor, verteu uma dezena de obras do francês para o turco. Fez uso de vários pseudônimos ao longo de sua vida literária, como Osman Mazlum, Ali Fakir, Hasan Basri, Suna Gün, entre outros.

**A TRADUTORA:** İmren Gökce Vaz de Carvalho é doutoranda em Tradução e Terminologia no CETAPS-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Licenciada e mestra em estudos de tradução e interpretação. Suas traduções incluem obras da literatura portuguesa para o turco, como Fernando Pessoa, Almeida Garrett e José Saramago. Para a (n.t.) traduziu Sait Faik Abasıyanık.

**Contato:** imren.gkce@gmail.com



“É curta a vida,  
Os pássaros voam.”

“Hayat kısa,  
Kuşlar uçuyor”

## BAZI SEVDA SÖZLERİ

*“Uyandım uyandım, hep seni düşündüm  
Yalnız seni, yalnız senin gözlerini.”*

---

CEMAL SÜREYA

### SİZİN HIÇ BABANIZ ÖLDÜ MÜ?

Sizin hiç babanız öldü mü?  
Benim bir kere öldü kör oldum  
Yıkadılar aldılar götürdüler  
Babamdan ummazdım bunu kör oldum  
Siz hiç hamama gittiniz mi?  
Ben gittim lambanın biri söndü  
Gözümün biri söndü kör oldum  
Tepede bir gökyüzü vardı yuvarlak  
Şöylelemesine maviydi kör oldum  
Taşlara gelince hamam taşlarına  
Taşlar pırl pırlı ayna gibiydi  
Taşlarda yüzümün yarısını gördüm  
Bir şey gibiydi bir şey gibi kötü  
Yüzümden ummazdım bunu kör oldum  
Siz hiç sabunluyken ağladınız mı?

*Üvercinka (1958)*

## İKİ KALP

İki kalp arasında en kısa yol:  
Birbirine uzanmış ve zaman zaman  
Ancak parmak uçlarıyla değebilen  
İki kol.

Merdivenlerin oraya koşuyorum,  
Beklemek gövde kazanması zamanın;  
Çok erken gelmişim seni bulamıyorum,  
Bir şeyin provası yapılıyor sanki.

Kuşlar toplanmışlar göçüyorlar  
Keşke yalnız bunun için sevseydim seni.

*Güz Bitiği (1988)*

K I S A

Hayat kısa,  
Kuşlar uşuyor.

(Yeni Yaprak, Sayı: 2, Ocak 1989)

## PERDELİ

Mutluluk,  
Diyordu adam,  
Her konuda  
Tekrara düşecek kadar  
Rahat olmak.

Rahatsın,  
Diyordu kadın,  
Ama o arada  
Birdenbire  
Odayı  
Sözelimi  
Brezilya'ya  
Çevirir  
Bir çiçek.

İyi niyetlidir musluk,  
Diyordu adam,  
Yüzüne çarptığın  
Ve içtiğin su  
Aynı serinliktedir.

Mutluluk mu,  
Diyordu kadın,  
Mutluluk:  
Açan tütün  
Körelten tütün.

(*Yeni Yaprak*, Sayı: 6, Haziran 1989)

## ROMAN OKUDUM SENİ DÜŞÜNDÜM

Bende tarçın sende ihlamur kokusu  
Yürürüz başkentin sokaklarında

Bir nehir şu tutuk konuşan cumartesi  
Üstünde iki yonga: Çarşamba, bir de cuma

Ayrılık lâfları etme sevgilim  
Önümüz Temmuz önümüz Ağustos nasıl olsa

Kolkola yürüyoruz tek tük öpüşüyoruz  
Sonra ayrılıyoruz korkuyoruz da

Kimi zaman neden kalabalığın içinde duruyoruz da  
Kimi zaman bir köşe arıyoruz en sapa

İşimiz mi yok, şu Akay'a sapalım istersen  
İstersen garson girelim ilkyazın gazinosuna

Börekçi! diye bağır istersen şurda  
Kısmet çıkar – sanırım – Emek'te oturan kıza

Abiler! Abiler! diye bir şey satayım ben  
Mendilim kalmamış kâğıt peçete yok mu çantanda?

Üç peseta gibi bir paraya dondurma yemiştım  
Madrid'te yemiştım, ve çatılardan kanguru akıyordu  
Londra'da

Seversin mi beni, doğru söyle ama? – Sigara?  
Ne eflâtun etin var, yanarca mı yanarca

İnan Selimiye'nin minareleri gibisin  
Her seferinde başka yoldan çıkılır nirvanaya

(12 Mayıs 1973)

## [BİLİYORUM SANA GİDEN...]

Biliyorum sana giden yollar kapalı  
Üstelik sen de hiçbir zaman sevmedin beni

Ne kadar yakından ve arada uçurum;  
İnsanlar, evler, aramızda duvarlar gibi

Uyandım uyandım, hep seni düşündüm  
Yalnız seni, yalnız senin gözlerini

Sen Bayan Nihayet, sen ölümüm kalımım  
Ben artık adam olamam bu derde düşeli

Şimdilerde bir köpek gibi koşuyorum ordan oraya  
Yoksa gururlu bir kişiyim aslında, inan ki

Anımsamıyorum yarı dolu bir bardaktan su içtiğimi  
Ve içim götürmez kenarından kesilmiş ekmeği

Kaç kez sana uzaktan baktım 5.45 vapurunda;  
Hangi şarkıyı duysam, bizimçin söylenmiş sanki

Tek yanlı aşk kişiyi nasıl aptallaştırıyor  
Nasıl unutmuşum senin bir başkasını sevdiğini

Çocukça ve seni üzen girişimlerim oldu;  
Bağışla bir daha tekrarlanmaz hiçbirini

Raslaşmamak için elimden geleni yaparım  
Bu böyle pek de kolay değil gerçi...

Alışırım seni yalnız düşlerde okşamaya;  
Bunun verdiği mutluluk da az değil ki

Çıkar giderim bu kentten daha olmazsa,  
Sensizliğin bir adı olur, bir anlamı olur belki

İnan belli etmem, seni hiç rahatsız etmem,  
Son isteğimi de söyleyebilirim şimdi:

Bir geceyarısı yazıyorum bu mektubu  
Yalvarırım onu okuma çarşamba günleri

Mektuplarda Kalanlar

## ALGUMAS PALAVRAS DE AMOR

*“Acordei e sempre pensei em ti  
Apenas em ti e apenas em teus olhos.”*

---

CEMAL SÜREYA

### VOSSO PAI ALGUMA VEZ MORREU?

Vosso pai alguma vez morreu?  
Uma vez morreu o meu e fiquei cego  
Eles o lavaram e logo levaram embora  
Não esperava isso do meu pai e fiquei cego  
Alguma vez haveis ido ao banho turco?  
Eu fui e apagou-se uma das lâmpadas  
Apagou-se um dos meus olhos e fiquei cego  
Em cima havia um céu esférico  
Era tão azul que fiquei cego  
E as pedras do banho turco  
As pedras brilhavam como espelho  
Vi nelas a metade do meu rosto  
Se parecia com uma coisa ruim  
Não esperava isso do meu rosto e fiquei cego  
Alguma vez haveis chorado ao se lavar com sabão?

*Üvercinka (1958)*

## DOIS CORAÇÕES

O caminho mais curto entre dois corações:  
Dois braços  
Estendidos um para o outro e de vez em quando  
Se tocando na ponta dos dedos.

Estou correndo para as escadas,  
O tempo engendra aparências ao fazer esperar;  
Cheguei muito cedo, não consigo te encontrar,  
Parece que há o ensaio de alguma coisa.

Os pássaros se reuniram para migrar  
Que me dera se te amasse apenas por isso.

*Güz Bitiği* (1988)

## CURTA

É curta a vida,  
Os pássaros voam.

(*Yeni Yaprak*, nº 2, janeiro de 1989)

## CORTINADA

Felicidade,  
Disse o homem,  
É estar tão tranquilo  
Que se cai em repetições  
Em todas as coisas.

Estás tranquilo,  
Disse a mulher,  
Mas naquele instante,  
Por exemplo,  
Uma flor  
De repente  
Transforma  
O quarto  
No Brasil.

É de boa vontade a torneira,  
Disse o homem,  
A água com que  
Lavas o rosto e bebes  
É igualmente fresca.

A Felicidade?  
Disse a mulher,  
Felicidade:  
O tabaco que floresce  
O tabaco que incapacita.

(*Yeni Yaprak*, n.º 6, junho de 1989)

## LI UM ROMANCE E PENSEI EM TI

Cheiro a canela e tu a tília  
Andamos pelas ruas da capital

Um rio, este sábado que é falador hesitante,  
E tem duas peças em cima: quarta e sexta-feira

Não fales de despedidas meu amor  
Afinal temos julho, temos agosto pela frente

Andamos de mãos dadas, às vezes nos beijando  
Depois nos separamos e nos amedrontamos

Por que às vezes estamos no meio de multidão  
E às vezes procuramos cantos isolados?

Não há o que fazer, vamos à baixada se quiseres  
Ou vamos trabalhar como garçom nas tavernas

Empanadas! Se quiseres grita aqui  
A garota do bairro – talvez – encontre um namorado

Vendo algumas coisas aos gritos: Irmãos! Irmãs!  
Não tenho mais lencinhos, não tens um na bolsa?

Tomei sorvete por três pesetas em Madri  
Enquanto cangurus saltavam dos telhados  
Em Londres

Diz-me a verdade, tu me amas? – Tabaco?  
Tens a carne roxa de tão queimada

E tu és como os minaretes de Selimiye  
A cada vez há um caminho diferente que leva ao nirvana

(12 de maio de 1973)

[JÁ SEI QUE OS CAMINHOS...]

Já sei que os caminhos estão fechados para ti  
Tu nunca me amaste aliás

Tão próximos estamos mas entre penhascos;  
Pessoas, casas, como paredes entre nós

Acordei e sempre pensei em ti  
Apenas em ti e apenas em teus olhos

Tu, Senhora Derradeira, és minha vida e morte  
Sou irremediável desde que caí nessa miséria

Hoje em dia corro de um lado para outro como um cão  
Crê-me que sou um homem deveras orgulhoso

Não me lembro de beber em um copo meio cheio  
E não posso comer o pão partido em pedaços

Quantas vezes te procurei no barco de 5h45;  
E que ouço todas as canções como se fossem feitas para nós

Como esqueci que amavas outra pessoa  
Como o amor platônico faz a pessoa perder o juízo

Magoei-te com coisas infantis que fiz;  
Perdoa-me que isso não se repetirá mais

Farei tudo o que puder para te ver fora disso  
Embora tal coisa não seja tão fácil...

Irei te cobrir de carícias apenas nos sonhos;  
Não é pouca a felicidade que isso me causa

Antes, vou-me embora desta cidade  
Talvez ficar sem ti faça algum sentido

Não direi nada, não te incomodarei, crê-me  
E agora posso fazer meu último pedido:

Escrevo esta carta à meia-noite.  
Peço que não a leias na quarta-feira.

Epistolário

# ISSO

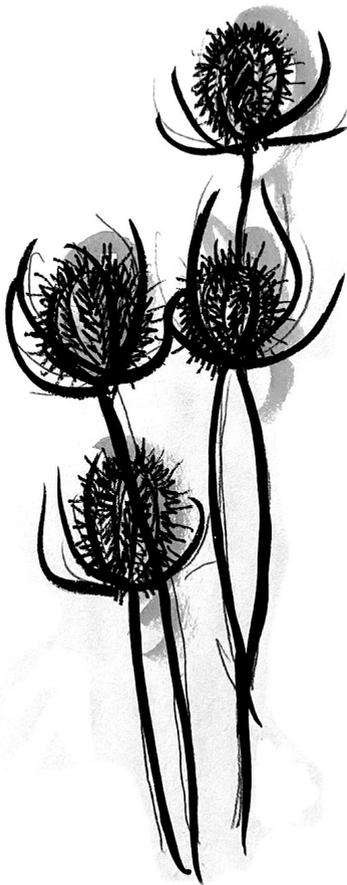
## JAN HUSZCZA

**O TEXTO:** Seleção com oito poemas de Jan Huszcza marcados pelo caráter catastrófico da dicção expressionista do grupo polonês Żagary, fundado em Vilna em 1930 pelos poetas influenciados, naquele momento, não só pela violência da guerra, mas também pela experiência da liberdade: “Isso” (“To”), “O mais difícil são seus olhos” (“Najtrudniej oczy twoje”), “Outubro de 1936” (“Październik 1936 r.”), “A partida” (“Odzjazd”), “Cegado na neve” (“Ślepnąc w śniegu”), “Um conto sobre a noite” (“Opowieść o nocy”), “Estvam cobertos de sombras os lagos” (“Rzęsami cieni zaszyły jeziora”) e “A madrugada silva com o vento nos lábios” (“Świt wiatrem syczy na ustach”). Nos versos de Huszcza, que se destacam pelos contrastes extremos e pelas imagens apocalípticas, há uma articulação, ao mesmo tempo, da oposição entre a catástrofe iminente e a busca pelo significado da existência. O expressionismo de Huszcza colocava em questão o discurso científico acerca da descontinuidade da relação entre o espírito e o corpo, valorizando a sensibilidade humana nos tempos devastados pelo abuso dos poderes.

**Texto traduzido:** Fazan, J.; Zajas, K. (Oprac.). *Żagary. Antologia poezji*. Wrocław: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 2019.

**O AUTOR:** Jan Huszcza (1917-1986), poeta e escritor polonês, nasceu em Zagošcinie (Lituânia). Fez parte do grupo vanguardista Żagary, que postulava o envolvimento social da literatura, caracterizado pelo antifascismo e pelo catastrofismo. Reconhecido por seu estilo lírico e crítico, com toques de humor e ironia, publicou seu primeiro livro de poemas, *Ballada o podróźnych* (*Balada dos Viajantes*), em 1938. Esteve no campo de trabalho no Cazaquistão durante a Segunda Guerra Mundial, onde permaneceu até 1943, lutando ao lado do Exército Popular Polonês ao final do conflito. Foi editor das revistas *Kronika* e *Osnowa*, tendo publicado diversos livros ao longo de sua carreira, incluindo poesia, prosa e sátira.

**A TRADUTORA:** Olga Kempnińska, formada em Filologia Românica (UJ) e em História Social da Cultura (PUC-Rio), é professora da UFF. Para a (n.t.) traduziu Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, Stanisław Lem, Wisława Szymborska, Bronisława Ostrowska, Miron Białozewski, dentre outros.



**“O mais difícil são seus olhos  
compreender a dor do adeus.”**

“Mais difícil que os seus olhos  
é compreender a dor do adeus.”

# To

*“Rosną przed nami kwiaty grozy:  
głogi wieczorne i dojrzałe osty.”*

---

JAN HUSZCZA

## TO

Blask otrząsać z oczu w dymiących parowach,  
ścieżkami dni po radość godzin słodkich wciąż wędrować.

Budzi przeczucie nocy jastrzębie senne krwi pragnieniem,  
toną domy w coraz ciemniejszych powodzi cieniów.

Wiatr rozbryzga płaczem huczącą świtów pianę –  
lipce ponad lasem łuną błyskawic ostrych staną.

W białe pomniki gniewnej grozy, potrzsane drzewa,  
zadzwońią na polanach pustych strachu mroźnym wiewem.

Zamrze pieśń. Jesieni przykryta błyskiem złym,  
odpłyńnie w kadzideł pożegnalnych wyniosły dym.

## NAJTRUDNIEJ OCZY TWOJE

Najtrudniej oczy twoje  
żalem odejścia zrozumieć.  
W mroku plusk niepokoju  
wzbiera, błyska, szumi.

Umiemy na pamięć cmentarze,  
znamy czerwień ognistą jesieni.  
Bieg lat trwożliwie powtarza  
powroty tych samych przemian.

Po odjeździe nieznajomych wozów  
pył malinowy na drogach został.  
Rosną przed nami kwiaty grozy:  
głogi wieczorne i dojrzałe osty.

## PAŹDZIERNIK 1936 R.

Podchodzi sen ogrodami pod domy:  
szepców nie utrwały ciepłe przystanie  
i westchnień nie powtórzy się płomień  
w tych samych – co dzisiaj – spotkaniach.

Znowu dnia nic nie zatrzyma.  
Zachód chmury czerwienią napoił.  
Chyli się księżyc nad moimi oczyma:  
nad zgliszczami spokoju.

## ODJAZD

Szept świtu nad wsią siwymi dymami.  
Wołają złe brzozy drogi dalekiej.  
Trzeba jechać, najmilsy, a o nas pamięć  
będzie słabnąć jak szum zostawionej tu rzeki.

Sady owiane oddechem mgły.  
Grzywy końskie falują. Okrzyki i rżenie.  
Łagodnie wiatr strąca jarzębin lzy.  
Złote gwiazdy nad lasem gasnące westchnienia.

## ŚLEPNĄC W ŚNIEGU

Białe wody na polach huczą,  
wzbija wiatr wodospady białe.

Konie uskrzydła obłędem białe wołanie:  
pędzą tabuny o białych grzywach  
po ciepłe słonecznych izb granie,  
po gwiazdy, którym na imię – szczęśliwość.

Wstają w białą dyszących parkach  
białe szelesty minionych dni,  
mrozów ostre upały  
grożą śniegiem zalanym folwarkom.

Kwiaty białego blasku wschodzą na rzekach,  
przed blaskiem białymi wodami uciekam.

Białym pyłem wzbiera widnokrąg jak basen szklany,  
nadchodzą lat zmarnowanych bory,  
włócznie lodu otwierają oczu krwawiące rany,  
białą zadymką gnamy –  
białe jeziora – krzyczę – białe jeziora.

## OPOWIEŚĆ O NOCY

Żadnego dźwięku. Nikną promienie złote.  
Jasne szyb łuski cienie trują.  
Czoła nie uchronić przed ciężkim potem  
– czarni noc wywołują.

W mroźnych zrodzeni dymach –  
wieją przez pokój samotny.  
Jakże dobrze imiona na ustach zatrzymać,  
gdy każą uwierzyć w ich niepowrotność –

Pokój jak ogniem – czarnym zajął się płaczem.  
Ani błysku. Już czarna pustynia.  
A teraz oni podchodzą rozpaczać:  
zły czas nie przeminie –

Tacy przyjaźni. Łaszą się, że królami,  
że tajemnicę pociechy znają –  
Czemu jednak chłód od ich ramion,  
a głowa opada i oczy dogasają –

Więcej niż czarno. Jakże się bronić –  
pochyleni najczulej – –  
Ten błysk trwożliwszy od czerni tamtej: to na dłoniach  
srebrne podają kule.

## RZĘSAM I CIENI ZASZŁY JEZIORA

Rzęsami cieni zaszły jeziora,  
w twardych zamknięte skałach posnęły źródła.  
Wołający zbłądzili w gęstych, miedzianych borach:  
skrzypiec szukali – rozbite znaleźli pudła.

Skradziono miecze srebrnym rycerzom,  
starła noc blaski z ich oczu.  
Piorunami pobici na polach leżą –  
łzami słabości broczą.

Przemykamy się chyłkiem sobie nieznani,  
dalecy modlitwom o jasne świty.  
Smukłe na ścieżkach płoszymy łanie,  
wielbią ucieczkę końskie kopyta.

## ŚWIT WIATREM SYCZY NA USTACH

Świt wiatrem syczy na ustach,  
nuci w gałęziach zielonym szumem,  
nad potoku matową pustką  
przepływem mgły mokrej duma.

Płynę na łodzi bez wiosel,  
przez dłonie rzucone za burtę  
dźwięczne, brązowe pluski się niosą  
zimnego nurtu.

Strome, żyzne wybrzeża –  
to drugi wzburzony potok:  
gorąco namawia, aby uwierzyć  
wiklin puszystym splotom.

Piękny jest ranek jak wtedy;  
gdy wołał śpiewem szesnastu lat,  
grządki różowych bukietów rezedy  
cały ku sobie chyliły świat.

Teraz mi witać wrześnieowy ranek,  
drzeć o chwilę tę groźną –  
w której oczy matki nade mną przystaną,  
a ja nie potrafię ich poznać.

# ISSO

*“Crescem diante de nós as flores do receio:  
espinheiros noturnos e cardos maduros.”*

---

JAN HUSZCZA

## ISSO

Arrebatado o brilho dos olhos nas depressões fumosas,  
pelas sendas dos dias seguir a alegria das doces horas.

Desperta os falcões sonolentos de sede de sangue a noite vindo,  
afundam as casas no dilúvio de vultos cada vez mais sombrio.

O vento arrebenta com o choro a espuma ruidosa das madrugadas –  
julho se erguerá acima da floresta na luz dos raios agudos.

Nos monumentos brancos de uma ira terrível, os troncos quebrados  
ressoarão nas clareiras vazias com o bater do vento gelado.

O canto morrerá. O outono coberto de uma luz maldita,  
correrá com o fumo altivo de incensos de despedida.

## O MAIS DIFÍCIL SÃO SEUS OLHOS

O mais difícil são seus olhos  
compreender a dor do adeus.  
No escuro o rumor de um transtorno  
levanta-se, brilha, rumoreja.

Sabemos os cemitérios de cor,  
conhecemos o vermelho ígneo do outono.  
O fluxo dos anos repete com pavor  
o retorno das mesmas mudanças.

Após a partida das carroças alheias  
um pó de framboesa ficou pelo caminho.  
Crescem diante de nós as flores do receio:  
espinheiros noturnos e cardos maduros.

## OUTUBRO DE 1936

Vem o sonho às casas pelos hortos:  
os sussurros não se fixaram nos refúgios calorosos:  
e não se repetirá a chama dos sopros  
nos mesmos – que hoje – encontros.

De novo nada impedirá o dia passar.  
O ocaso fez beber o vermelho às nuvens.  
Dobra-se a lua acima de meu olhar:  
nas ruínas da quietude.

## A PARTIDA

O sussurro da manhã acima da aldeia nos fumos cinzentos.  
As bétulas más chamam do caminho afastado.  
Tem de partir, queridos, e sua reminiscência  
se estafará como o rumor do rio aqui abandonado.

Os pomares envoltos no sopro do nevoeiro.  
As crinas de cavalos ondulam. Gritos e relinchados.  
O vento derruba com doçura as lágrimas da tramazeira.  
Estrelas de ouro acima da floresta, respiros apagados.

## CEGADO NA NEVE

As águas brancas troam nos campos,  
o vento levanta as cataratas brancas.

O chamado branco dá as asas de loucura aos cavalos:  
correm as manadas de crinas de leite  
atrás do som quente dos aposentos solares,  
atrás das estrelas cujo nome é – deleite.

Levantam-se nos parques ofegantes de brancura  
os rumores brancos das jornadas passadas,  
do frio as chamas agudas  
ameaçam as paragens em névoa banhadas.

As flores de brilho branco brotam nos rios,  
pelas águas brancas fujo do brilho.

O horizonte cresce de poeira branca como uma piscina vidrada,  
chegam as florestas dos anos esbanjados,  
as lanças de gelo abrem dos olhos as chagas ensanguentadas,  
pela nevasca branca corremos –  
lagos brancos – grito – brancos lagos.

## UM CONTO SOBRE A NOITE

Nenhum som. Desaparecem os raios dourados.  
As escamas claras dos vidros as sombras viciam.  
Não proteger a frente do suor pesado  
– os escuros a noite convidam.

Nascidos nos fumos gelados –  
ventam pelo quarto de solidão.  
Como é bom guardar os nomes nos lábios,  
quando fazem crer em sua desapareição –

O quarto como em fogo – encheu-se de negro choro.  
Nenhum brilho. Já é um deserto trevoso.  
E agora eles vêm lamentar em coro:  
não passará o tempo maldoso –

Tão amigáveis. Gabam-se que são realeza,  
que o segredo do consolo conhecem –  
Por que então de seus braços vem a frieza,  
E a cabeça cai e os olhos se desvanecem –

Mais do que escuro. Como buscar proteção –  
Com carinho debruçados – –  
Essa luz é mais atroz do que aquela treva: pois nas mãos  
estendem os globos prateados.

## ESTAVAM COBERTOS DE SOMBRAS OS LAGOS

Estavam cobertos de sombras os lagos,  
escondidos nas rochas duras havia olhos d'água.  
Os chamadores se perderam nos densos bosques acobreados:  
buscavam os violinos – acharam as caixas quebradas.

Roubaram as espadas aos cavalheiros prateados,  
a noite apagou de seus olhos o lampejo.  
Derrubados pelos raios jazem nos gramados –  
derramam as lágrimas de fraqueza.

Vamos escondidos a si mesmos estrangeiros,  
distantes das preces pelas manhãs em claro.  
As corças esguias espantamos nos sendeiros,  
Gostam da fuga os cascos de cavalo.

## A MADRUGADA SILVA COM O VENTO NOS LÁBIOS

A madrugada silva com o vento nos lábios,  
entoa nos galhos com um rumor verde,  
com o vazio fosco à beira do riacho  
sobre a passagem da névoa úmida reflete.

Vou em um barco sem remos,  
com as mãos para fora estendidas  
os barulhos sonoros castanhos vêm  
da corrente fria.

As margens altas, fecundas –  
é o segundo rio agitado:  
convence com ardor para acreditar  
nos vimeiros de grossos entrelaçados.

A manhã está como antes formosa;  
quando com o canto de dezesseis anos chamava,  
as fileiras de buquês de reseda rosa  
para si o mundo inteiro aproximavam.

Agora devo acolher a manhã de setembro,  
diante desse momento terrível tremer –  
quando os olhos de minha mãe vão pousar em mim  
e eu não os vou reconhecer.

# DA SOMBRA DAS PAREDES

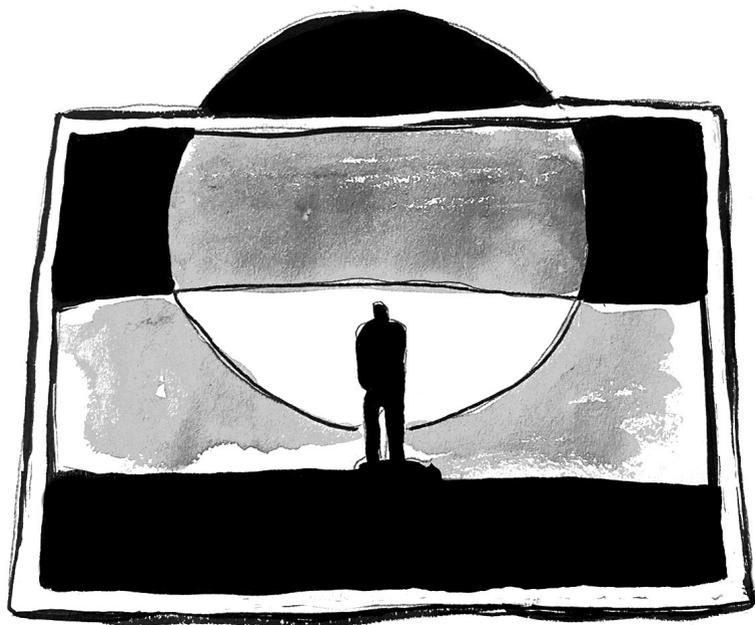
OCTAVIAN GOGA

**O TEXTO:** Seleção com cinco poemas de Octavian Goga, pertencentes ao livro *Din umbra zidurilor* (*Da sombra das paredes*), publicado em 1913: “Uma canção eu fiz” („Mi-am făcut un cântec”), “Uma rosa fenece” („Un trandafir se stinge”), “Segredo” („Taina”), “Solitude” („Singurătate”) e “Crepúsculo” („Apus”). No conjunto, as composições testemunham o poeta no máximo de suas capacidades criativas, ao evocar, por meio de referências visuais e simbólicas, temas nostálgicos de sua vida, como os dias distantes da juventude e os amores do passado.

**Texto traduzido:** Goga, O. *Din umbra zidurilor*. București: Minerva, 1913.

**O AUTOR:** Octavian Goga (1881-1938), poeta e escritor romeno, nasceu em Râșinari. Após finalizar os estudos secundários, transferiu-se para Budapeste, onde estudou Letras e Filosofia, iniciou sua carreira publicando em revistas literárias da época, como *Luceașărul*, e lançou seu primeiro livro, *Poezii*, em 1905. Sua poesia, que se caracteriza pelo manejo virtuoso e eloquente da língua romena, tornou-o célebre em seu país, levando-o a se tornar membro da Academia Romena. Ativo no meio literário, exerceu também uma profícua atividade como jornalista, dramaturgo e romancista. Na esfera pública, foi um político controverso, tendo ocupado o posto de primeiro-ministro da Romênia.

**O TRADUTOR:** Raul Passos é diplomado em Composição e Regência pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Coursou Letras na UFPR e aprimorou-se na Universidade Nacional de Música de Bucarest (UNMB). Como musicista, apresentou-se em diversos recitais e concertos no Brasil, Argentina, Reino Unido, Rússia e Romênia, onde reside. No Brasil, teve intensa atividade como pianista, regente, professor e tradutor. Mantém um blog dedicado às relações Brasil-Romênia (<http://raulpassos.blogspot.com.br/>). É autor de diversos trabalhos no âmbito da musicologia e de um livro de poemas, *O Beijo da Madrugada*.



**“Me envolve a noite agora em sua mortalha  
E a morte escreve sombras no meu rosto.”**

“Și văd cum noaptea-n giulgiu-i mă-nfășoară  
Și-mi scrie moartea umbre pe obraz...”

# DIN UMBRA ZIDURILOR

SELECȚIE

*“Și văd cum noaptea-n giulgiu-i mă-nfășoară  
Și-mi scrie moartea umbre pe obraz.”*

---

OCTAVIAN GOGA

## MI-AM FĂCUT UN CÂNTEC

Mi-am făcut un cântec de demult, odată,  
Mi-am făcut un cântec ne' nșeles și dulce,  
Leagăn pentr-o veche taină vinovată,  
Ziua să m-alinte, seara să mă culce.

Mi-am făcut un cântec și l-am dus cu mine,  
Printre anii tulburi singura mea zestre,  
Floare-ntârziată prinsă pe ruine,  
La o casă mută pusă-ntre ferestre.

Cântec de ispită, cântec de otravă,  
Smuls din nedormirea viselor fugare,  
Mi-ai crescut cu vremea ca un râu de lavă  
Mi-ai crescut ca noaptea viforul pe mare.

Cum te-a-nchis zăvorul tăinuirii mele,  
N-ai căzut în mreaja gureșelor rime,  
Împletit din patimi, coborât din stele,  
Cântec de-o viață, nu te știe nime...

Totuși mintea astăzi vine să mă-ndemne,  
Să-ți deschid fereastra, să te-alung din casă,  
Când ți-e mort copilul, ce să mai însemne,  
În odaia goală, leagăn de mătăasă?...

## UN TRANDAFIR SE STINGE

Cu trupul biruit de jale  
Un trandafir se stinge-n gastră,  
Stropindu-și plânsul de petale  
Pe perinița din fereastră...

Se zbuciumă sărmana floare  
Și moare-n patima ei mută,  
Ca-n inima de fată mare  
O dragoste nepricepută.

Se zbuciumă și până mâine  
Își scutură podoaba-ntreagă,  
Iar mâna gingașei stăpâne  
Alt trandafir o să-și culeagă.

Și rând pe rând au să mai vie  
Tot alte flori în vechea gastră,  
Asemeni viselor ce-nvie  
Și mor zâmbind în calea noastră.

## TAINA

Iubirea mea-nchisă cu tainic zăvor,  
Te port printr-al anilor șir,  
Te port și cu tine pe drum mă strecor,  
Păzindu-ți în suflet temutul fior  
Ca floarea polenu-n potir.

În jurul meu urlă al lumii război  
Cu vifor flămând și păgân,  
În jurul meu cade și praf și noroi,  
Și nimeni nu știe din tristul convoi  
Ce strâng eu statornic la sân.

Tu, chiot sălbatic din sute de guri,  
Zadarnic îmi strigi în urechi,  
Prin vămile vieții și prin cotituri,  
Ea vine cu mine și nu poți s-o furi,  
O taină din zilele vechi.

Când noaptea-mi coboară la geamul închis  
Și-n casa mea nimenea nu-i,  
Ca de pe alte tărâmurii trimis,  
În zboru-i molatic, plăpândul meu vis  
M-atinge cu aripa lui.

Atunci se desfac ale tale comori  
Și raiu-mi aduc pe pământ,  
Atunci la fereastră-mi vin privighetori  
Și toate te cântă... le-ascult până-n zori...  
Iubirea mea – și eu te cânt...

## SINGURĂTATE

Singurătate, tainică grădină,  
Cu freamăt lin, cu dulce adăpost,  
Pribeagul suflet fără de hodină  
De-atâta vreme-n țara ta n-a fost...

M-au alungat vâltorile pe-afară  
Și-n goana lor eu n-am avut răgaz  
Și văd cum noaptea-n giulgiu-i mă-nfășoară  
Și-mi scrie moartea umbre pe obraz...

Din vremi uitate mintea azi coboară  
Și-ți cer umil acuma, când te-ascult:  
Ori râsul meu curat de-odinioară,  
Ori lacrimile mele de demult...

## APUS

Iubirea mea-i o blândă rază  
Dintr-un târziu și trist apus  
Ce-ndurerată luminează  
În umbra zilei ce s-a dus...

Frumoasa mea rățăcitoare,  
Cu ochii-n veci spre răsărit,  
Privește-o raza care moare  
Și se cufundă-n asfințit...

Privește-o și te uit-afară  
Cum cade noaptea la ferești:  
Cu biata rază solitară  
Apune-o mie de povești...

# DA SOMBRA DAS PAREDES

SELEÇÃO

*“Me envolve a noite agora em sua mortalha  
E a morte escreve sombras no meu rosto.”*

---

OCTAVIAN GOGA

## UMA CANÇÃO EU FIZ

Uma canção eu fiz, de outrora, certa vez  
Fiz um incompreensível e doce descante,  
Berço para um segredo, uma velha tibiez,  
Que de dia conforte, e à noite me acalante.

Eu fiz uma canção e a trouxe nos meus ombros,  
Meu único quinhão em tempos de mazelas,  
Flor temporã colhida por entre os escombros,  
Numa vivenda muda posta entre janelas.

Cantiga venenosa, melodia escrava,  
Arrancada da insônia dos sonhos fugazes,  
Cresceste-me com o tempo como um rio de lava,  
Como a noite no mar gera ventos vorazes.

Como foste trancada p’lo meu fingimento  
Pelos meus versos fartos não foste possuída  
– Trançada de paixão, meu dom do firmamento –,  
Pois ninguém te conhece, canção de uma vida...

Todavia a razão hoje vem me dizer  
Para que abra a janela e daqui te remova.  
Se o teu filho está morto, de que há de valer  
O bercinho de seda no vazio da alcova?...

## UMA ROSA FENECE

Com o corpo vencido pela dor,  
No cântaro, há uma rosa definhando.  
Suas pétalas, num choro de langor,  
Ao largo da janela vão murchando...

E a pobre flor fenece, torturada,  
Morrente em seu calvário emudecido,  
Como n'alma da moça apaixonada  
Fenece um amor não correspondido.

Até amanhã, sofrendo a sua desdita,  
Fenece, e dos adornos se desveste.  
E a mão da delicada senhorita  
Colherá depois outra rosa agreste.

E uma a uma outras rosas, de seguida,  
Hão de morrer ali, em desalinho,  
Como sonhos que nascem para a vida  
E morrem a sorrir pelo caminho.

## SEGREDO

Amada minha, com secretas chaves trancada,  
Por anos a fio sigo de ti sendo o portador,  
Pelos caminhos contigo vou, levando-te guardada,  
Com calafrios de ciúme, no coração vais encerrada,  
Como o pólen no cálice da flor.

A guerra do mundo ruge em torno de mim  
Resso a tormenta herética e hiante  
Ao redor desabam poeira e lama sem fim  
Ninguém sabe do triste cortejo que, assim,  
No peito arrasto comigo constante.

Tu, grito selvagem, que de centenas de covis eclodes,  
Em vão no meu ouvido vocíferas  
Pelos portais da vida e nas metamorfoses,  
Ela vem comigo e roubá-la não podes,  
– Um mistério de antigas eras.

Quando sobre a janela fechada a noite indulgente  
Vem descendo, e não há ninguém em minha casa,  
Tal como se de outras paragens procedente,  
Planando em seu voo indolente,  
O meu sonho frágil toca-me com sua asa.

Então os teus tesouros começam a se desfazer  
E o paraíso desce à terra em frenesi  
E à janela os rouxinóis que vêm descer  
Cantam todos tua melodia... escuto-os até o amanhecer...  
Amada minha... Também eu canto a ti...

## SOLITUDE

Solitude, jardim silencioso,  
Teu doce rumor, tua calma bendita,  
Minh'alma solitária sem repouso  
Há tanto tua terra não visita...

Varreram-me as tormentas de batalha  
E em seu turbilhão não tive recosto  
Me envolve a noite agora em sua mortalha  
E a morte escreve sombras no meu rosto...

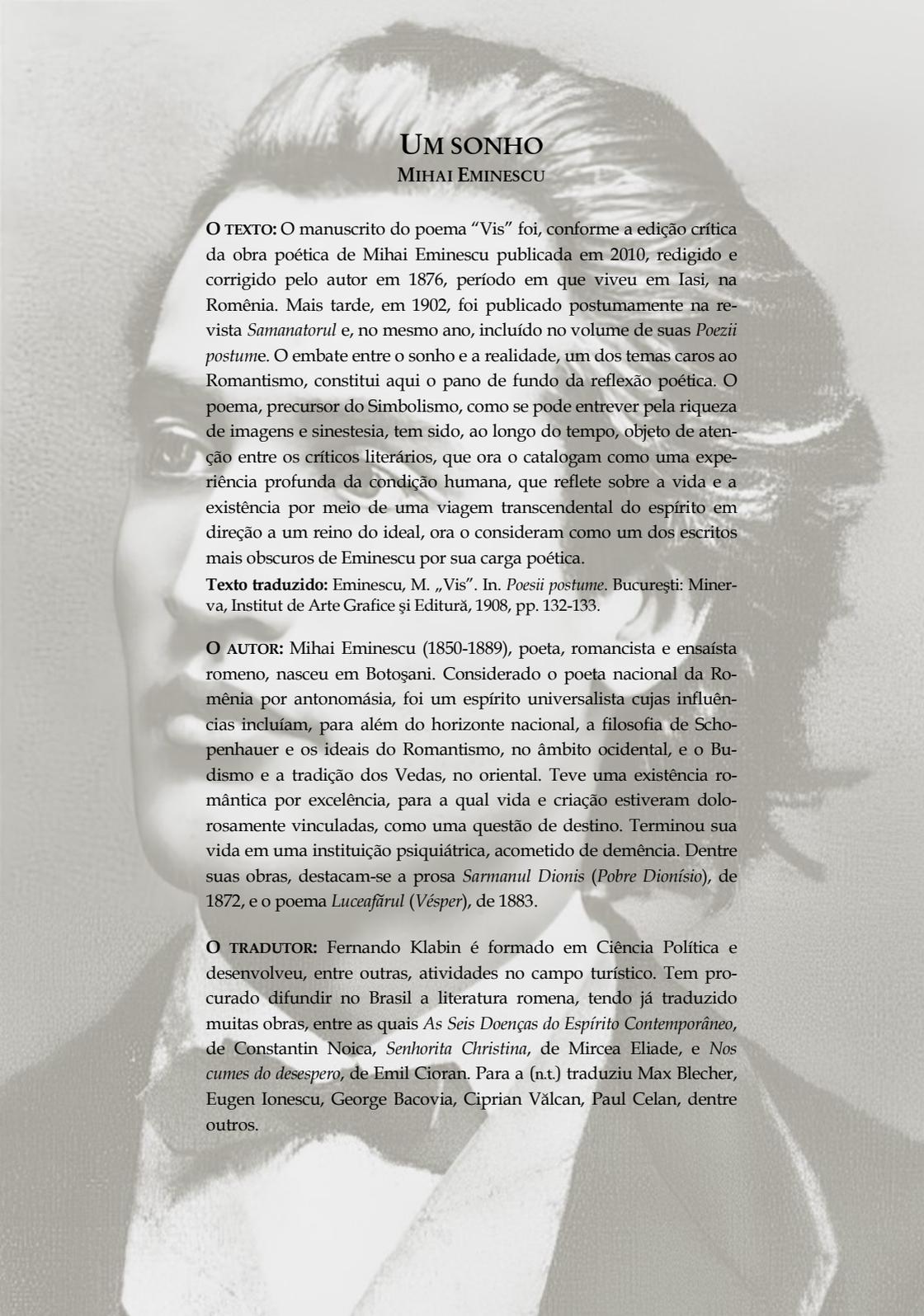
De idos tempos aterra a minha mente  
E humildemente suplico-te agora:  
Meu riso virginal de antigamente,  
Ou então minhas lágrimas de outrora...

## CREPÚSCULO

O meu amor é um raio de ternura  
De um pôr do sol tardio e entristecido  
Que insiste a iluminar, com amargura,  
Na sombra deste dia esvanecido...

Com os olhos sempre postos na aurora,  
Minha bela viandante, a luz morrente  
Do meu amor repousa em ti agora,  
E se amalgama enfim no sol poente...

Olha p'ra ela, e vê como lá fora  
A noite as janelas beija em glória:  
O raio solitário vai-se embora  
E com ele mil faces de uma história...



## UM SONHO

MIHAI EMINESCU

**O TEXTO:** O manuscrito do poema “Vis” foi, conforme a edição crítica da obra poética de Mihai Eminescu publicada em 2010, redigido e corrigido pelo autor em 1876, período em que viveu em Iasi, na Romênia. Mais tarde, em 1902, foi publicado postumamente na revista *Samanatorul* e, no mesmo ano, incluído no volume de suas *Poezii postume*. O embate entre o sonho e a realidade, um dos temas caros ao Romantismo, constitui aqui o pano de fundo da reflexão poética. O poema, precursor do Simbolismo, como se pode entrever pela riqueza de imagens e sinestesia, tem sido, ao longo do tempo, objeto de atenção entre os críticos literários, que ora o catalogam como uma experiência profunda da condição humana, que reflete sobre a vida e a existência por meio de uma viagem transcendental do espírito em direção a um reino do ideal, ora o consideram como um dos escritos mais obscuros de Eminescu por sua carga poética.

**Texto traduzido:** Eminescu, M. „Vis”. In. *Poesii postume*. București: Minerva, Institut de Arte Grafice și Editură, 1908, pp. 132-133.

**O AUTOR:** Mihai Eminescu (1850-1889), poeta, romancista e ensaísta romeno, nasceu em Botoșani. Considerado o poeta nacional da Romênia por antonomásia, foi um espírito universalista cujas influências incluíam, para além do horizonte nacional, a filosofia de Schopenhauer e os ideais do Romantismo, no âmbito ocidental, e o Budismo e a tradição dos Vedas, no oriental. Teve uma existência romântica por excelência, para a qual vida e criação estiveram dolorosamente vinculadas, como uma questão de destino. Terminou sua vida em uma instituição psiquiátrica, acometido de demência. Dentre suas obras, destacam-se a prosa *Sarmanul Dionis (Pobre Dionísio)*, de 1872, e o poema *Luceafărul (Vesper)*, de 1883.

**O TRADUTOR:** Fernando Klabin é formado em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Tem procurado difundir no Brasil a literatura romena, tendo já traduzido muitas obras, entre as quais *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, de Constantin Noica, *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade, e *Nos cumes do desespero*, de Emil Cioran. Para a (n.t.) traduziu Max Blecher, Eugen Ionescu, George Bacovia, Ciprian Vălcan, Paul Celan, dentre outros.



“Tive um sonho estranho, sonhos porém  
São do sono devotas criaturas.”

“Ce vis ciudat avui, dar visuri  
Sunt ale somnului fapturi.”

# VIS

*“Ce vis ciudat avui, dar visuri  
Sunt ale somnului făpturi.”*

---

MIHAI EMINESCU

Ce vis ciudat avui, dar visuri  
Sunt ale somnului făpturi:  
A nopții minte le scornește,  
Le spun a nopții negre guri.

Pluteam pe-un râu. Sclipiri bolnave  
Fantastic trec din val în val,  
În urmă-mi noaptea de dumbrave,  
Înainte-mi domul cel regal.

Căci pe o insulă în farmec  
Se nălță negre, sfinte bolți,  
Și luna murii lungi albește,  
Cu umbră împlă orice colț.

Mă urc pe scări, intru-nlăuntru,  
Tăcere-adâncă l-al meu pas.  
Prin întuneric văd înalte  
Chipuri de sfinți p-iconostas.

Sub bolta mare doar străluce  
Un singur sâmbure de foc;  
În dreptul lui s-arată o cruce  
Și întunecime-n orice loc.

Acum de sus din cor apasă  
Un cântec trist pe murii reci  
Ca o cerșire tânguioasă  
Pentru repaosul de veci.

Prin tristul zgomot se arată,  
Încet, sub vâl, un chip ca-n somn,  
Cu o făclie-n mâna-i slabă –  
În albă mantie de domn.

Și ochii mei în cap îngheață  
Și spaima-mi seacă glasul meu.  
Eu îi rup vâlul de pe față...  
Tresar – încremenesc – sunt eu.

.....

De-atunci, ca-n somn eu împlu ziua  
Și uit ce spun adeseori;  
Șoptesc cuvinte neînțelese  
Și parc-aștept ceva să mor?

# UM SONHO

*“Tive um sonho estranho, sonhos porém  
São do sono devotas criaturas.”*

---

MIHAI EMINESCU

Tive um sonho estranho, sonhos porém  
São do sono devotas criaturas:  
A mente da noite bem os inventa,  
Contam-nos da noite as bocas escuras.

Boiava n’água. Doentes faíscas  
De onda em onda passavam tafulas,  
A noite de bosques para trás fica,  
À minha frente via a real cúpula.

Pois que numa encantadíssima ilha  
Erguem-se ao alto arcos negros, santos,  
A lua caia muralhas compridas,  
Com sombras preenche todos os cantos.

Galgo os degraus, e entro curioso,  
Um silêncio total cobre os meus passos.  
Pela escuridão vejo maviosos  
Rostos de santos no iconostásio.

Refulge apenas sob o grande arco  
Uma única semente de chamas;  
Uma cruz se evidencia ao seu lado  
E a escuridão para si tudo clama.

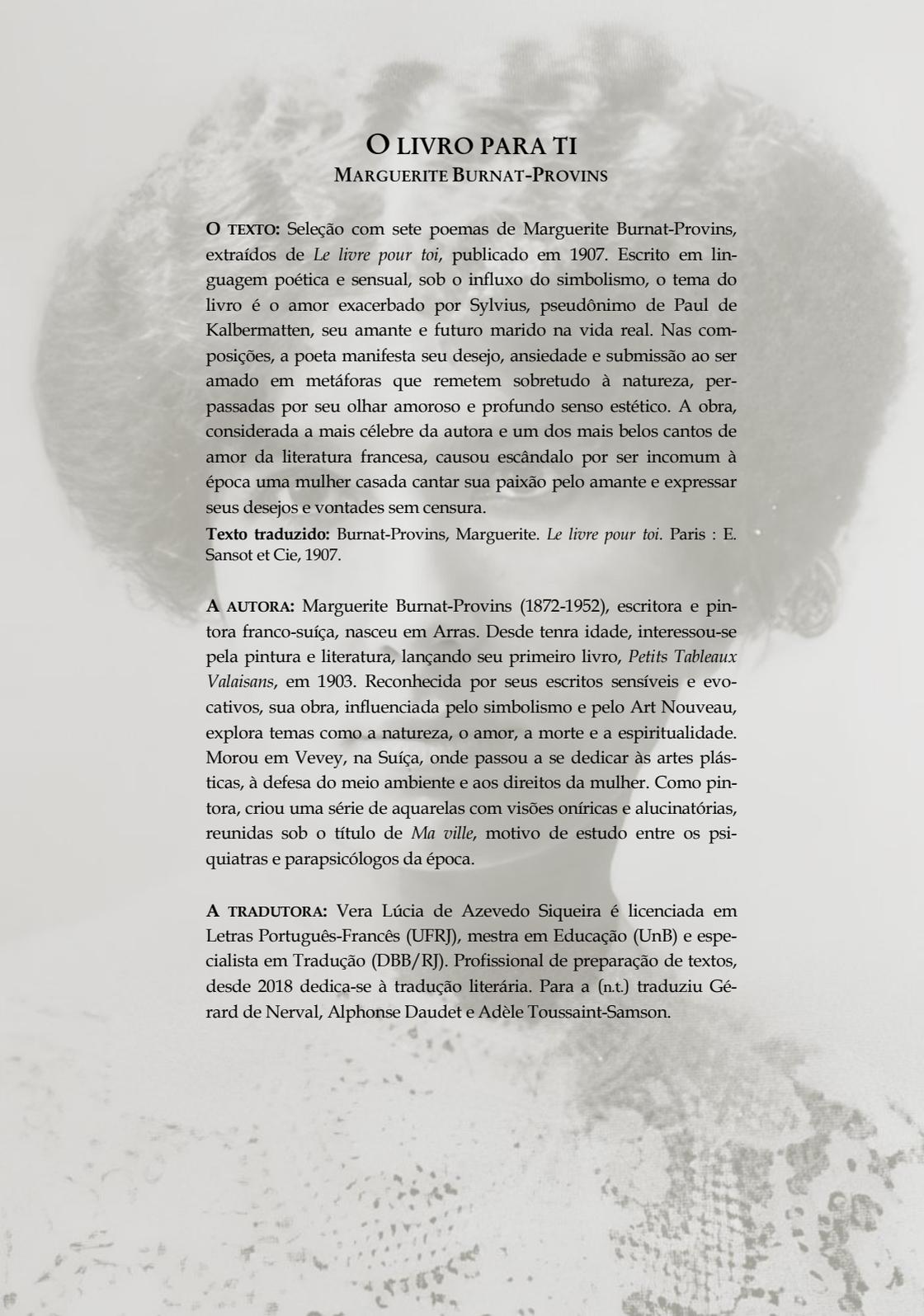
Ora de cima do coro sopesa  
Um canto triste pelos muros frios.  
Ecoa como lamentosa reza  
A embalar o descanso infinito.

Pelo triste ruído se propaga,  
Sob um véu, um rosto como no sono,  
Com um sombrio archote na mão fraca –  
E com uma capa branca de dom.

Então meu olhar nas órbitas gela,  
Apavora-se minha voz no breu.  
Arranco-lhe o véu, o rosto revela...  
Paraliso-me assustado – sou eu.

.....

Ora vagueio de dia nas ruas  
E sempre esqueço o que estou a dizer:  
Sussurro palavras de todo absurdas  
E pareço algo esperar – morrer?



## O LIVRO PARA TI

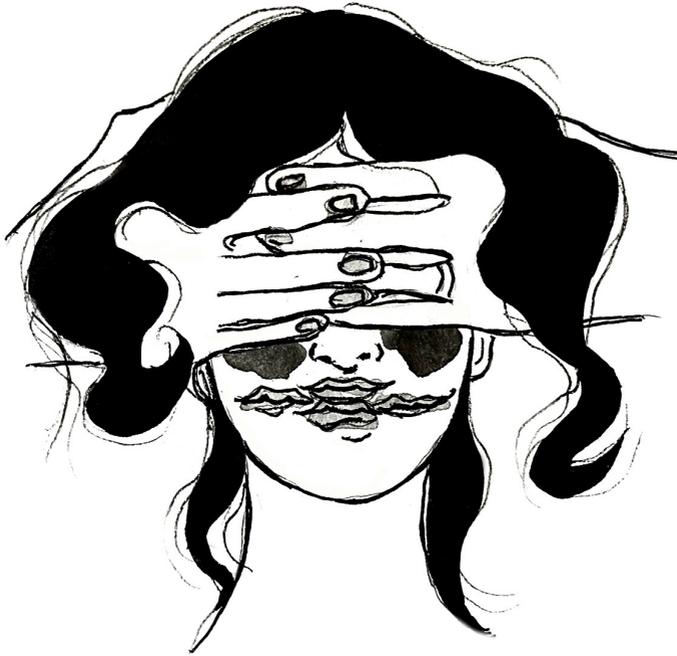
MARGUERITE BURNAT-PROVINS

**O TEXTO:** Seleção com sete poemas de Marguerite Burnat-Provins, extraídos de *Le livre pour toi*, publicado em 1907. Escrito em linguagem poética e sensual, sob o influxo do simbolismo, o tema do livro é o amor exacerbado por Sylvius, pseudônimo de Paul de Kalbermatten, seu amante e futuro marido na vida real. Nas composições, a poeta manifesta seu desejo, ansiedade e submissão ao ser amado em metáforas que remetem sobretudo à natureza, perpassadas por seu olhar amoroso e profundo senso estético. A obra, considerada a mais célebre da autora e um dos mais belos cantos de amor da literatura francesa, causou escândalo por ser incomum à época uma mulher casada cantar sua paixão pelo amante e expressar seus desejos e vontades sem censura.

**Texto traduzido:** Burnat-Provins, Marguerite. *Le livre pour toi*. Paris : E. Sansot et Cie, 1907.

**A AUTORA:** Marguerite Burnat-Provins (1872-1952), escritora e pintora franco-suíça, nasceu em Arras. Desde tenra idade, interessou-se pela pintura e literatura, lançando seu primeiro livro, *Petits Tableaux Valaisans*, em 1903. Reconhecida por seus escritos sensíveis e evocativos, sua obra, influenciada pelo simbolismo e pelo Art Nouveau, explora temas como a natureza, o amor, a morte e a espiritualidade. Morou em Vevey, na Suíça, onde passou a se dedicar às artes plásticas, à defesa do meio ambiente e aos direitos da mulher. Como pintora, criou uma série de aquarelas com visões oníricas e alucinatórias, reunidas sob o título de *Ma ville*, motivo de estudo entre os psiquiatras e parapsicólogos da época.

**A TRADUTORA:** Vera Lúcia de Azevedo Siqueira é licenciada em Letras Português-Francês (UFRJ), mestra em Educação (UnB) e especialista em Tradução (DBB/RJ). Profissional de preparação de textos, desde 2018 dedica-se à tradução literária. Para a (n.t.) traduziu Gérard de Nerval, Alphonse Daudet e Adèle Toussaint-Samson.



**“Sofrer de uma felicidade torturante:  
calar-me, contemplar-te.”**

“Souffrir d'un torturant bonheur :  
Me taire, te regarder.”

# LE LIVRE POUR TOI

SÉLECTION

*“Alors nos âmes ne seront plus qu’une âme  
et tu me posséderas pour l’éternité.”*

---

MARGUERITE BURNAT-PROVINS

## OFFRANDE

Sylvius, c’est pour toi que j’écris ce livre, pour toi seul.

Tu ne le mettras pas dans la chambre où tu travailles, ni sur le banc de ton jardin, mais tu le garderas dans l’abri caché de ton sommeil, à la place où ma tête pâmée a fait un creux brûlant.

Je te l’offre en souvenir de nos heures de volupté.

## II

Parce que l'amour a noué nos corps de ses mains divines, comme les enfants nouent les tiges qu'ils arrachent aux prés, parce que nos vies se sont mêlées comme se mêlent les eaux chantantes, je consacre à ta jeunesse un hymne enivré.

Je dirai la lumière de tes yeux, la volupté de ta bouche, la force de tes bras, l'ardeur de tes reins puissants et la douceur tiède de ta peau, blanche et dorée comme la clarté du soleil.

Je dirai l'emprise de tes mains longues qui font à ma taille une ceinture frémissante ; je dirai ton regard volontaire qui anéantit ma pensée, ta poitrine battante soudée à ma poitrine, et tes jambes aussi fermes que le tronc de l'érable, où les miennes s'enroulent comme les jets onduleux des houblons.

Telle qu'une idole, mon adoration couvrira ta nudité superbe des lys odorants et des phlox cueillis dans mon jardin.

Je te regarderai dormir dans leur parfum.

Contre ton flanc apaisé, j'écouterai ton sang couler dans le mystère de ta vie, comme j'écoute, dans le soir, le ruisseau qui descend de l'obscur forêt.

Sylvius, quand je ne serai plus, quand les saisons sur ma tombe ouvriront les passeroles et les giroflées d'or, dans la pureté du matin bleu, des voix passionnées rediront le chant de mon amour.

Alors nos âmes ne seront plus qu'une âme et tu me posséderas pour l'éternité.

## XXXV

Éros, te voici debout devant ma porte, hardi et tout poudroyant de soleil. Tes yeux fulgurent et ton sourire me défie. Je suis seule, pourquoi viens-tu me tourmenter ?

Éros te voici penché au bassin de la fontaine où se doublent tes boucles d'or. Ton souffle a frôlé l'eau que je vais boire, et je suis seule, pourquoi me poursuis-tu ?

J'ai chassé le coq insolent qui entre dans mon jardin, j'ai chassé la guêpe méchante, dont le dard pique les fruits mûrs, et le chat friand de lait qui glisse sur mes talons.

Mais toi...

Mes mains sont sans force pour repousser tes mains offertes, mon cœur bondit et tu l'écoutes, narquois.

Tu resteras là jusqu'au soir, je le sais ; eh bien, joue sur le seuil, attends.

Quand, sur les pierres du sentier, tu entendras les pas rapides de Sylvius, ensemble nous irons vers lui. Alors, tu mêleras nos doigts, tu mettras ton baiser sur nos lèvres, et blotti entre nous, dans la chaleur douce, toute la nuit tu riras.

## XLI

Une araignée tisse sa toile auprès de moi, sa toile au fil de brume, couleur de rêve et couleur d'eau.

Cette dentelle souple en roue blanche qui luit, c'est un piège perfide où la mort se balance.

La mouche folle y est tombée.

Elle meurt maintenant.

Toi, sous mes pas, tu as tissé un grand filet d'or fin, couleur des jours d'été et des midis qui flambent, une trame d'amour ouvrée par ta jeunesse.

Ivre, j'y suis tombée.

Je vis maintenant.

## XLV

Ô Sylvius, lorsque tes pas t'entraînent loin de moi par les chemins de la montagne, est-ce mon regard que tu vois poindre dans les fruits noirs des mûres sauvages ?

Est-ce ma voix qui chante à ton oreille, à travers les branches tordues des pins ?

Est-ce mon nom que l'eau murmure, en jouant avec les cailloux ?

Et quand tu marches souriant, dis-moi, Sylvius, est-ce à mon souvenir que tu souris ?

## XLIX

Les mots que tu m'as dits sont des oiseaux jaseurs qui tournent autour de ma tête.

Quelquefois, l'un d'eux, le plus tendre, revient vers ma bouche où tes lèvres l'avaient posé ; je le sens doux comme la plume, troublant comme un baiser, et lentement, il descend au fond de mon cœur pour s'y nicher.

## LI

Me taire, te regarder.

Sentir ton amour en moi, comme un fer rouge, ne pas crier.

M'étourdir à contempler ton visage, ne pas chanceler.

Suivre la ligne longue de tes mains, sans les toucher.

Voir ton corps provocant tout près, tout près, sans approcher.

Souffrir d'un torturant bonheur : Me taire, te regarder.

## XC

Lorsque j'aurai quitté la robe poudreuse du voyage, je me tiendrai devant toi.

Je déposerai dans tes mains mes seins roidis par le désir : ils te menaceront de leurs deux pointes brunes.

Je t'offrirai mes flancs comme une table polie où paraît, unique, mieux que la figue onctueuse, le fruit au cœur entr'ouvert qui doit te nourrir et te désaltérer.

Je prendrai tes genoux entre mes genoux, sur tes dents j'appuierai ma langue, et dans tes yeux, tout au fond de tes yeux, je regarderai, je regarderai...

# O LIVRO PARA TI

SELEÇÃO

*“Então, nossas almas serão uma só  
e me possuirás por toda a eternidade.”*

---

MARGUERITE BURNAT-PROVINS

## DEDICATÓRIA

Sylvius, escrevo este livro só para ti.

Não o colocarás no quarto onde trabalhas, nem no banco do teu jardim, mas no abrigo escondido do teu sono, no lugar onde minha cabeça desfalecida fez um nicho ardente.

Ofereço-o em memória às nossas horas de volúpia.

## II

Porque o amor atou nossos corpos com suas mãos divinas, como as crianças atam os caules que arrancam dos prados, porque nossas vidas se mesclaram como se mesclam as águas cantantes, dedico à tua juventude um hino inebriante.

Falarei da luz de teus olhos, do deleite de tua boca, da força de teus braços, do ardor de teu dorso poderoso e da doçura morna de tua pele, branca e dourada como o brilho do sol.

Falarei do poder de tuas longas mãos que tornam minha cintura um cinto palpitante; falarei de teu olhar voluntarioso que aniquila minha razão, de teu peito que palpita contra o meu, de tuas pernas firmes como o tronco do bordo, onde as minhas se enroscam como os brotos sinuosos dos lúpulos.

Tal como um ídolo, minha adoração cobrirá tua nudez soberba com lírios perfumados e floxes colhidos em meu jardim.

Eu te contemplarei adormecer sob esse aroma.

Junto a teu flanco apaziguado, ouvirei teu sangue correr no mistério de tua vida, como ouço, à noite, o riacho que desce do bosque sombrio.

Sylvius, quando eu não mais existir, quando sobre meu túmulo as estações abrirem as malvas-rosa e os goivos dourados, na pureza da manhã azul, vozes apaixonadas repetirão o canto do meu amor.

Então, nossas almas serão uma só e me possuirás por toda a eternidade.

## XXXV

Eros, aqui estás, de pé diante de minha porta, provocante e todo cintilante de sol. Teus olhos brilham e teu sorriso me desafia. Estou sozinha, por que vens me atormentar?

Eros, aqui estás, inclinado no lago da fonte, onde tuas madeixas douradas se duplicam. Teu sopro roçou a água que vou beber, e estou sozinha, por que me persegues?

Enxotei o galo insolente que entra em meu jardim, enxotei a vespa mal-dosa, cujo ferrão pica os frutos maduros, e o gato ávido por leite que roça meus calcanhares.

Mas tu...

Minhas mãos não têm força para repelir tuas mãos em oferenda, meu coração palpita e o ouves, malicioso.

Ficarás aqui até a noite, bem sei; sendo assim, brinca na soleira, espera.

Quando, nas pedras da vereda, ouvires os passos apressados de Sylvius, iremos juntos em sua direção. Então, unirás nossos dedos, darás um beijo em nossos lábios, e aninhado entre nós, no doce calor, te divertirás a noite inteira.

## XLI

Uma aranha tece sua teia perto de mim, sua teia de fio de névoa, cor de sonho e cor de água.

Essa renda flexível em círculo branco que reluz é uma armadilha traiçoeira onde oscila a morte.

A mosca imprudente ali caiu.

Agora ela agoniza.

Tu, sob meus passos, teceste uma grande rede de ouro fino, da cor dos dias de verão e dos meios-dias tórridos, uma trama de amor urdida por tua juventude.

Ébria, ali tombei.

E vivo agora.

## XLV

Ó Sylvius, quando teus passos te distanciam de mim pelos caminhos da montanha, é o meu olhar que vês aparecer nos negros frutos das amoras selvagens?

É minha voz que canta em teu ouvido, através dos ramos retorcidos dos pinheiros?

É meu nome que a água sussurra, ao brincar com os seixos?

E quando caminhas sorridente, diz-me, Sylvius, sorris ao te lembrares de mim?

## XLIX

As palavras que me disseste são pássaros tagarelas que rondam minha cabeça.

Às vezes, uma delas, a mais terna, volta à minha boca onde teus lábios a pousaram; sinto-a leve como a pluma, perturbadora como um beijo, e lentamente ela desce até o fundo do meu coração para ali se aninhar.

## LI

Calar-me, contemplar-te.

Sentir em mim teu amor, como um ferro em brasa, sem gritar.

Atordoar-me ao contemplar teu rosto, sem cambalear.

Seguir a extensa linha de tuas mãos, sem as tocar.

Ver teu corpo provocante de perto, bem de perto, sem me aproximar.

Sofrer de uma felicidade torturante: calar-me, contemplar-te.

## XC

Quando eu tiver despido o vestido empoeirado da viagem, ficarei diante de ti.

Colocarei em tuas mãos meus seios rijos de desejo: eles te ameaçarão com seus bicos castanhos.

A ti oferecerei meus flancos como uma mesa polida onde aparece, único, melhor que o figo suculento, o fruto de coração entreaberto que deve te nutrir e saciar tua sede.

Tomarei teus joelhos entre os meus, encostarei minha língua em teus dentes, e em teus olhos, bem no fundo dos teus olhos, contemplarei, contemplarei...

## SETE COISAS DO CORPO

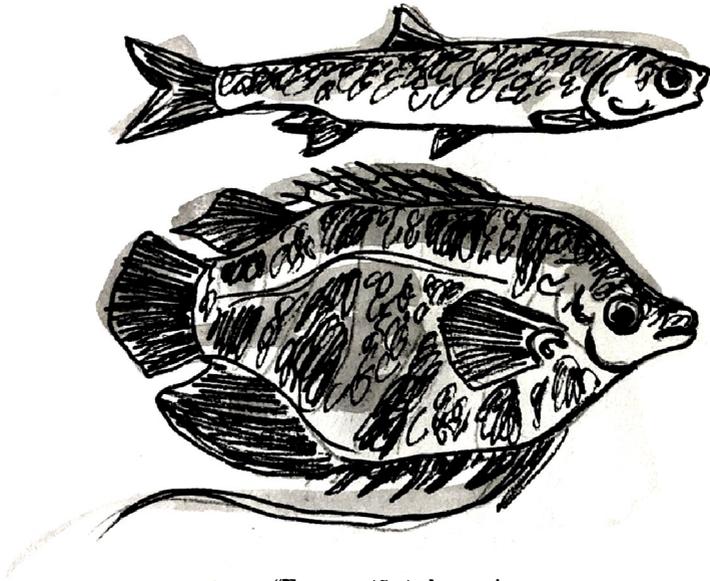
JOSÉ WATANABE

**O TEXTO:** Seleção com sete poemas que integram o livro *Cosas del cuerpo* (*Coisas do corpo*), de José Watanabe, publicado em 1999: “O linguado” (“El lenguado”), “Animal de inverno” (“Animal de invierno”), “Minha casa” (“Mi casa”), “Céu de hospital” (“Cielo de hospital”), “O banho” (“El baño”), “Os rios” (“Los ríos”) e “Canção” (“Canción”). No conjunto, os poemas condensam os questionamentos essenciais do poeta sobre a vida, a doença, a morte e a transcendência. Com críticas à sociedade ocidental e uma forte influência do *haikai*, Watanabe explora, de um lado, os movimentos densos do corpo. E com fluidez e um olhar fotográfico, decifra, por outro, os enigmas das águas, mantendo a corda amarrada ao cais, às origens, ao passado.

**Texto traduzido:** Watanabe, José. *Cosas del cuerpo*. Lima: Caballo Rojo, 1999.

**O AUTOR:** José Watanabe (1945-2007), poeta peruano de ascendência japonesa, nasceu em Laredo. Considerado uma das vozes mais importantes da geração dos poetas peruanos de 1970, sua obra se destaca pela fusão do pensamento oriental na cultura hispânica, permeada pela concisão do *haikai* e pela temática da migração ao Peru, espelhando a riqueza de ambas as culturas. Ganhou destaque através de imagens contemplativas, nas quais emerge um olhar sofisticado que encapsula o tempo. Estreou na literatura em 1971, com a publicação de *Álbum de familia*. Foi também diretor de cinema e de documentários, tendo adaptado *Antígona*, de Sófocles.

**A TRADUTORA:** Ekaterina Olortegui é original de Lima, Peru. É formada em Publicidade pela Universidad de Palermo, na Argentina. No Brasil, frequentou o Curso Livre de Preparação de Escritores da Casa das Rosas e concluiu o Programa Formativo para Tradutores Literários do Centro de Estudos da Casa Guilherme de Almeida.



"Eu sou então toda a areia,  
todo o vasto fundo do mar."

"Yo soy entonces toda la arena,  
todo el vasto fondo marino."

## SIETE COSAS DEL CUERPO

*“Otra vez es tiempo de ir a la montaña  
a buscar una cueva para hibernar.”*

---

JOSÉ WATANABE

### EL LENGUADO

Soy  
lo gris contra lo gris. Mi vida  
depende de copiar incansablemente  
el color de la arena,  
    pero ese truco sutil  
que me permite comer y burlar enemigos  
me ha deformado. He perdido la simetría  
de los animales bellos, mis ojos  
y mis narices  
han virado hacia un mismo lado del rostro. Soy  
un pequeño monstruo invisible  
    tendido siempre sobre el lecho del mar.  
Las breves anchovetas que pasan a mi lado  
creen que las devora  
una agitación de arena  
y los grandes depredadores me rozan sin percibir  
mi miedo. El miedo circulará siempre en mi cuerpo  
como otra sangre. Mi cuerpo no es mucho. Soy  
una palada de órganos enterrados en la arena  
y los bordes imperceptibles de mi carne  
no están muy lejos.  
A veces sueño que me expando

y ondulo como una llanura, sereno y sin miedo, y más grande  
que los más grandes. Yo soy entonces  
toda la arena, todo el vasto fondo marino.

## ANIMAL DE INVIERNO

Otra vez es tiempo de ir a la montaña  
a buscar una cueva para hibernar.

Voy sin mentirme: la montaña no es madre, sus cuevas  
son como huevos vacíos donde recojo mi carne  
y olvido.

Nuevamente veré en las faldas del macizo  
vetas minerales como nervios petrificados, tal vez  
en tiempos remotos fueron recorridos  
por escalofríos de criatura viva.

Hoy, después de millones de años, la montaña  
está fuera del tiempo, y no sabe  
cómo es nuestra vida  
ni cómo acaba.

Allí está, hermosa e inocente entre la neblina, y yo entro  
en su perfecta indiferencia  
y me ovillo entregado a la idea de ser de otra sustancia.

He venido por enésima vez a fingir mi resurrección.  
En este mundo pétreo  
nadie se alegrará con mi despertar. Estaré yo solo  
y me tocaré  
y si mi cuerpo sigue siendo la parte blanda de la montaña  
sabré  
que aún no soy la montaña.

## MI CASA

Mi vecino  
estira su casa como un tejido que le ajusta.

No debería burlarme,  
si yo mismo vivo inmensamente pegado a mi casa, tanto  
que a veces las paredes tienen manchas  
de mi sangre o mi grasa.

Sí, mi casa es biológica. En el aire  
hay un latido suave, un pulso que con los años se ha concertado  
con el mío.

Mi casa es membranosa y viva, pero no es asunto  
uterino. Estoy hablando del lugar de mi cuerpo  
que he construido, como el pájaro aquel,  
con baba  
y donde espacio y función intercambian  
carne.

Afuera soy, como todos, del trabajo y la economía, aquí  
de mi cuerpo desnudo  
y, a veces, de una mujer  
que se aviene a ser, como yo, otro órgano dentro de este  
pulposo  
tercer  
piso.

## CIELO DE HOSPITAL

*santa  
vaciada*  
BLANCA VARELA

Mi útero de humo  
sale por la chimenea y se disuelve como nimbo  
en este cielo que nunca tiene violencias.  
Una violencia de cielo me hubiera consolado más.

Una enfermera cruza el jardín, ninguna  
flor anuncia mi dolor. El dolor sólo está  
en los confines de la carne que aún me resta.

Mi útero  
debió irse como un globo festivo  
lleno de novios y nonatos. Él me convertía  
en un animal muy bello  
cuando urdía otro cuerpo.  
Debió irse entonces  
como un odre de dioses, ebrio y feliz, no víscera  
de triste mamífero  
en la bandeja de cirugía, no huevo  
de la amargura.

La muerte se me acunó como hijo  
y ahora también es humo de crematorio.  
La cólera  
o el ansia de belleza que impulsa a los árboles  
a restituir la rama podada, está conmigo. Todo será  
restablecido.  
Voy a formar  
una matriz nueva, un cuenco hondo como dos manos juntas,  
no para fruto, no importa si huera  
pero ahí.

## EL BAÑO

Mientras el agua cae  
sobre tu cuerpo  
yo pienso  
que de todos los cuerpos del mundo  
tú posees el más preciso.  
Tienes algo de intercambiable  
conmigo, algunos órganos secretos,  
los más saludables y hermosos,  
o el sabor  
o la mirada.

Ayer  
me acerqué por tus espaldas  
y deslicé mis manos  
bajo tus axilas  
hasta tocar tus senos. De pronto  
sentí  
el temblor de una restitución:  
si yo hubiera tenido tetas  
serían  
como las tuyas.

## LOS RÍOS

*Estos son mis ríos.*  
GIUSEPPE UNGARETTI

Mi hermana viene por el pasillo del hospital  
con sus zapatos resonantes, viejos, peruanos.

De pronto  
alguien hace funcionar el inodoro, y es el río Vichanza  
terroso  
corriendo entre las piedras.

Ah, las heces  
curiosidad primera de los médicos. Si fueron impecables  
habrá curación para ese alguien.

¿Habrá curación para mí, hermana?  
Si comes tu kraft-bruhe, tal vez. Los corderos alemanes  
son como los alemanes: optimistas, y corren  
blancos  
por los campos verdes. Come.

Y mi graciosa hermana abre el caño  
y lava el plato, y esta vez es el Moche, cristalino  
y benéfico,  
entrando por las heridas de mis costados  
abiertas como dos branquias.

Rico ser pez entonces: una sensualidad que me permite  
este dolor.

## CANCIÓN

La señorita Esther H.

en el camino solitario, excepto  
algún zorro, me pidió que no la mirara, que  
me volteara  
porque iba a rociar el mundo. Yo escuché entonces  
a mis espaldas  
ese sonido sibilante de sus aguas entre las piedras.

Pichi de mujer

no es pichi de hombre, supe. Pichi de mujer  
se expande y se hace atmósfera, marejada  
concupiscente  
que ese día envolvió también al caballo, al buey que labraba,  
a mi perro colero  
y a cuanto macho que respiraba a la redonda.

La señorita Esther H. era mi maestra rural.

Ella dilató por primera vez la nariz  
de mi corazón.

Una arbitrariedad de niño

sospechó su reconditez como fruta de rápido zumo.  
Unas veces naranja, otras ciruela de Chile.  
En la escuela rural sabíamos poco  
pero sospechábamos mucho.

## SETE COISAS DO CORPO

*“Outra vez é tempo de ir para a montanha  
buscar uma caverna para hibernar.”*

---

JOSÉ WATANABE

### O LINGUADO

Sou  
o cinza contra o cinza. Minha vida  
depende de copiar incansavelmente  
a cor da areia,  
    mas esse truque sutil  
que me permite comer e enganar inimigos  
me deformou. Perdi a simetria  
dos belos animais, meus olhos  
e meu nariz  
se viraram para o mesmo lado do rosto. Sou  
um pequeno monstro invisível  
    deitado sempre sobre o leito do mar.  
As breves anchovas que passam ao meu lado  
acreditam que são devoradas  
pela agitação da areia  
e os grandes predadores me tocam sem perceber  
meu medo. O medo circulará sempre no meu corpo  
como outro sangue. Meu corpo não é muito. Sou  
um punhado de órgãos enterrados na areia  
e as bordas imperceptíveis de minha carne  
não estão muito longe.  
Às vezes sonho que me expando

e ondulo como uma planície, sereno e sem medo, e maior  
que os maiores. Eu sou então  
toda a areia, todo o vasto fundo do mar.

## ANIMAL DE INVERNO

Outra vez é tempo de ir para a montanha  
buscar uma caverna para hibernar.

Vou sem mentir para mim: a montanha não é mãe, suas cavernas  
são como ovos vazios onde recolho minha carne  
e esqueço.

Novamente verei nas encostas do maciço  
veios minerais como nervos petrificados, talvez  
em tempos remotos foram percorridos  
pelos calafrios de uma criatura viva.

Hoje, depois de milhões de anos, a montanha  
está fora do tempo, e não sabe  
como é a nossa vida  
nem como acaba.

Ali está, bela e inocente entre a névoa, e eu entro  
em sua perfeita indiferença  
e me enrolo entregue à ideia de ser outra substância.

Vim pela enésima vez para fingir minha ressurreição.  
Neste mundo pétreo  
ninguém se alegrará com meu despertar. Estarei sozinho  
e me tocarei  
e se meu corpo continuar a ser a parte branda da montanha  
saberei  
que ainda não sou a montanha.

## MINHA CASA

Meu vizinho  
estica sua casa como um tecido que o aperta.

Não deveria zombar,  
pois eu mesmo vivo imensamente grudado à minha casa, tanto  
que às vezes as paredes têm manchas  
do meu sangue ou da minha gordura.

Sim, minha casa é biológica. No ar  
há uma batida suave, uma pulsação que com os anos se ajustou  
à minha.

Minha casa é membranosa e viva, mas não é uma questão  
uterina. Estou falando do lugar do meu corpo  
que construí, como aquele pássaro,  
com baba  
e onde espaço e função intercambiam  
carne.

Lá fora sou, como todos, do trabalho e da economia, aqui  
do meu corpo nu  
e, às vezes, de uma mulher  
que concorda em ser, como eu, um outro órgão dentro deste  
vultoso  
terceiro  
andar.

## CÉU DE HOSPITAL

*santa*  
*esvaziada*  
BLANCA VARELA

Meu útero de fumaça  
sai pela chaminé e se dissolve como um nimbo  
neste céu que nunca tem violências.  
Uma violência do céu teria me consolado mais.

Uma enfermeira atravessa o jardim, nenhuma  
flor anuncia minha dor. A dor está apenas  
nos confins da carne que ainda me resta.

Meu útero  
deve ter ido como um balão festivo  
cheio de noivos e nonatos. Ele me convertia  
em um animal muito belo  
quando tramava outro corpo.  
Deveria ter ido então  
como um odre dos deuses, ébrio e feliz, não as vísceras  
de um triste mamífero  
na bandeja de cirurgia, não um ovo  
da amargura.

A morte se fez embalar como filho  
e agora também é fumaça de crematório.  
A cólera  
ou o desejo de beleza que impulsiona as árvores  
a restituir o galho podado, está comigo. Tudo será  
restabelecido.  
Vou formar  
uma matriz nova, uma tigela funda como duas mãos juntas,  
não para fruto, não importa se oca  
mas ali.

## O BANHO

Enquanto a água cai  
sobre teu corpo  
    eu penso  
que de todos os corpos do mundo  
tu tens o mais preciso.  
Tu tens algo de intercambiável  
comigo, alguns órgãos secretos,  
    os mais saudáveis e belos,  
ou o sabor  
ou o olhar.

Ontem  
me aproximei pelas tuas costas  
e deslizei minhas mãos  
sob tuas axilas  
até tocar teus seios. De repente  
senti  
o tremor de uma restituição:  
se eu tivesse tetas  
seriam  
como as tuas.

## OS RIOS

*Esses são meus rios.*  
GIUSEPPE UNGARETTI

Minha irmã vem pelo corredor do hospital  
com seus sapatos ressoantes, velhos, peruanos.

De repente  
alguém dá a descarga, e é o rio Vichanzao  
barrento  
correndo entre as pedras.

Ah, as fezes  
primeira curiosidade dos médicos. Se forem impecáveis  
haverá cura para esse alguém.

Haverá cura para mim, irmã?  
Se comeres teu kraftbrühe, talvez. Os cordeiros alemães  
são como os alemães: otimistas, e correm  
brancos  
pelos campos verdes. Come.

E minha graciosa irmã abre a torneira  
e lava o prato, e desta vez é o Moche, cristalino  
e benéfico,  
entrando pelas feridas dos meus lados  
abertas como duas brânquias.

Bom mesmo é ser peixe: uma sensualidade que me permite  
esta dor.

## CANÇÃO

A senhorita Esther H.  
no caminho solitário, exceto  
alguma raposa, me pediu para não olhar para ela, que  
me virasse  
porque iria pulverizar o mundo. Eu ouvi então  
atrás de mim  
aquele som sibilante de suas águas entre as pedras.

Xixi de mulher  
não é xixi de homem, aprendi. Xixi de mulher  
se expande e se faz atmosfera, maremoto  
concupiscente  
que naquele dia envolveu também o cavalo, o boi que arava,  
meu cão de coleira  
e todo macho que respirava ao redor.

A senhorita Esther H. era minha professora rural.  
Ela dilatou pela primeira vez o nariz  
do meu coração.

A arbitrariedade de um menino  
suspeitou de seu esconderijo como uma fruta de sumo rápido.  
Algumas vezes laranja, outras ameixa do Chile.  
Na escola rural sabíamos pouco  
mas suspeitávamos muito.

# A CARTOMANCIA

OLGA OROZCO

**O TEXTO:** O poema “La cartomancia” abre *Los juegos peligrosos*, de Olga Orozco, publicado em 1962. Nesse livro, os saberes oraculares aos quais a poeta se dedicou ao longo de toda a vida assumem um lugar de destaque. De acordo com relatos biográficos, Orozco teria aprendido a ler as cartas do tarô aos 14 anos com a chapeleira de sua mãe. Anos mais tarde, passaria a comandar com María Julia Onetti o horóscopo semanal do jornal *Clarín*. Em “A cartomancia”, a poeta conduz o leitor, com seus versos longuíssimos e suas estrofes livres e encadeadas, pelos meandros extracorpóreos de um jogo de tarô. Uma segunda pessoa anônima ocupa o lugar da consulente, diante da qual desfilam os arcanos maiores e menores em resposta a suas “sete perguntas”: o Mundo, o Mago, o Carro, o Louco, o oito de espadas, que assomam como fantasmas ou augúrios em uma encenação entre quatro paredes “do que é, do que foi, do que será, do que pode vir a ser”.

**Texto traduzido:** Orozco, Olga. *Los juegos peligrosos*. Buenos Aires: Losada, 1962.

**A AUTORA:** Olga Orozco (1920-1999), poeta e escritora argentina, nasceu em Toay, La Pampa. Desde a sua estreia em 1946 com *Desde lejos*, publicou livros de poemas e de prosas, sendo galardoada, entre outros, com os prêmios Gabriela Mistral e Juan Rulfo de Literatura Latino-americana. Em 1935, passou a viver em Buenos Aires, onde trabalhou como jornalista, astróloga e crítica de teatro, colaborando com diversos periódicos, sob distintos pseudônimos. Frequentou a assim chamada “Geração de 40”, de Oliverio Girondo e Juan Rodolfo Wilcock, embora rejeitasse esse rótulo. Sua produção longeva, de filiação surrealista, apresenta uma notável consistência temática e formal.

**A TRADUTORA:** Camila de Moura é escritora, tradutora e doutoranda em Letras Clássicas pela USP, onde desenvolve uma pesquisa sobre as antigas *Vidas* de poetas gregos. Publicou traduções, poemas e fotografias em diversas revistas e suplementos. Traduziu, entre outros, *Contra a hidra capitalista*, do Subcomandante Insurgente Galeano (n-1 Edições). Atualmente, é bolsista da FAPESP e mantém a *Newsletter Correio das ruínas*.

**Contato:** [camilademoura@usp.br](mailto:camilademoura@usp.br)



“Aqui tens o que é, o que foi,  
o que será, o que pode vir a ser.”

“Aquí está lo que es, lo que fue,  
lo que vendrá, lo que puede venir.”

## LA CARTOMANCIA

*“Tú sellaste las puertas con tu nombre inscripto  
en las cenizas de ayer y de mañana.”*

---

OLGA OROZCO

Oye ladrar los perros que indagan el linaje de las sombras,  
óyelos desgarrar la tela del presagio.  
Escucha. Alguien avanza  
y las maderas crujen debajo de tus pies como si huyeras sin cesar y sin  
| cesar llegaras.  
Tú sellaste las puertas con tu nombre inscripto en las cenizas de ayer  
| y de mañana.  
Pero alguien ha llegado.  
Y otros rostros te soplan el rostro en los espejos  
donde ya no eres más que una bujía desgarrada,  
una luna invadida debajo de las aguas por triunfos y combates,  
por helechos.

Aquí está lo que es, lo que fue, lo que vendrá, lo que puede venir.  
Siete respuestas tienes para siete preguntas.  
Lo atestigua tu carta que es el signo del Mundo:  
a tu derecha el Ángel,  
a tu izquierda el Demonio.

¿Quién llama?, ¿pero quién llama desde tu nacimiento hasta tu muerte  
con una llave rota, con un anillo que hace años fue enterrado?  
¿Quiénes planean sobre sus propios pasos como una bandada de aves?  
Las Estrellas alumbran el cielo del enigma.  
Mas lo que quieres ver no puede ser mirado cara a cara

porque su luz es de otro reino.  
Y aún no es su hora. Y habrá tiempo.

Vale más descifrar el nombre de quien entra.  
Su carta es la del Loco, con su paciente red de cazar mariposas.  
Es el huésped de siempre.  
Es el alucinado Emperador del mundo que te habita.  
No preguntes quién es. Tú lo conoces  
porque tú lo has buscado bajo todas las piedras y en todos los abismos  
y habéis velado juntos el puro advenimiento del milagro:  
un poema en que todo fuera ese todo y tú  
– algo más que ese todo –.  
Pero nada ha llegado.  
Nada que fuera más que estos mismos estériles vocablos.  
Y acaso sea tarde.

Veamos quién se sienta.  
La que está envuelta en lienzos y grazna mientras hila deshilando tu sábana  
tiene por corazón la mariposa negra.  
Pero tu vida es larga y su acorde se quebrará muy lejos.  
Lo leo en las arenas de la Luna donde está escrito el viaje,  
donde está dibujada la casa en que te hundes como una estría pálida  
en la noche tejida con grandes telarañas por tu Muerte hilandera.  
Mas cuídate del agua, del amor y del fuego.

Cuídate del amor que es quien se queda.  
Para hoy, para mañana, para después de mañana.  
Cuídate porque brilla con un brillo de lágrimas y espadas.  
Su gloria es la del Sol, tanto como sus furias y su orgullo.  
Pero jamás conocerás la paz,  
porque tu Fuerza es fuerza de tormentas y la Templanza llora de cara  
| contra el muro.  
No dormirás del lado de la dicha,  
porque en todos tus pasos hay un borde de luto que presagia el crimen  
| o el adiós,  
y el Ahorcado me anuncia la pavorosa noche que te fue destinada.

¿Quieres saber quién te ama?  
El que sale a mi encuentro viene desde tu propio corazón.

Brillan sobre su rostro las máscaras de arcilla y corre bajo su piel  
| la palidez de todo solitario.  
Vino para vivir en una sola vida un cortejo de vidas y de muertes.  
Vino para aprender los caballos, los árboles, las piedras,  
y se quedó llorando sobre cada vergüenza.  
Tú levantaste el muro que lo ampara, pero fue sin querer la Torre  
| que lo encierra:  
una prisión de seda donde el amor hace sonar sus llaves de insobornable  
| carcelero.  
En tanto el Carro aguarda la señal de partir:  
la aparición del día vestido de Ermitaño.  
Pero no es tiempo aún de convertir la sangre en piedra de memoria.  
Aún estáis tendidos en la constelación de los Amantes,  
ese río de fuego que pasa devorando la cintura del tiempo que os devora,  
y me atrevo a decir que ambos pertenecéis a una raza de náufragos que  
| se hunden sin salvación y sin consuelo.

Cúbrete ahora con la coraza del poder o del perdón, como si no temieras,  
porque voy a mostrarte quién te odia.  
¿No escuchas ya batir su corazón como un ala sombría?  
¿No la miras conmigo llegar con un puñal de escarcha a tu costado?  
Ella, la Emperatriz de tus moradas rotas,  
la que funde tu imagen en la cera para los sacrificios,  
la que sepulta la torcaza en tinieblas para entenebrececer el aire de tu casa,  
la que traba tus pasos con ramas de árbol muerto, con uñas en menguante,  
| con palabras.  
No fue siempre la misma, pero quienquiera que sea es ella misma,  
pues su poder no es otro que el ser otra que tú.  
Tal es su sortilegio.  
Y aunque el Cubiletero haga rodar los dados sobre la mesa del destino,  
y tu enemiga anude por tres veces tu nombre en el cáñamo adverso,  
hay por lo menos cinco que sabemos que la partida es vana,  
que su triunfo no es triunfo  
sino tan sólo un cetro de infortunio que le confiere el Rey deshabitado,  
un osario de sueños donde vaga el fantasma del amor que no muere.

Vas a quedarte a oscuras, vas a quedarte a solas.  
Vas a quedarte en la intemperie de tu pecho para que hiera quien te mata.

No invoques la Justicia. En su trono desierto se asiló la serpiente.  
No trates de encontrar tu talismán de huesos de pescado,  
porque es mucha la noche y muchos tus verdugos.  
Su púrpura ha enturbiado tus umbrales desde el amanecer  
y han marcado en tu puerta los tres signos aciagos  
con espadas, con oros y con bastos.  
Dentro de un círculo de espadas te encerró la crueldad.  
Con dos discos de oro te aniquiló el engaño de párpados de escamas.  
La violencia trazó con su vara de bastos un relámpago azul en tu garganta.  
Y entre todos tendieron para ti la estera de las ascuas.

He aquí que los Reyes han llegado.  
Vienen para cumplir la profecía.  
Vienen para habitar las tres sombras de muerte que escoltarán tu muerte  
hasta que cese de girar la Rueda del Destino.

## A CARTOMANCIA

*“Selaste as portas com teu nome inscrito  
nas cinzas de ontem e de amanhã.”*

---

OLGA OROZCO

Ouve latirem os cães que indagam a linhagem das sombras,  
ouve-os rasgarem a tela do presságio.

Escuta. Alguém avança

e as madeiras rangem sob os teus pés como se fugisses sem parar

| e sem parar chegasses.

Selaste as portas com teu nome inscrito nas cinzas de ontem e de amanhã.

Porém, alguém chegou.

E outros rostos varrem o teu rosto dos espelhos

onde já não passas de uma centelha desgarrada,

uma lua invadida sob as águas por triunfos e combates,

por avencas.

Aqui tens o que é, o que foi, o que será, o que pode vir a ser.

Sete respostas para sete perguntas.

Confirma-o a tua carta que é o signo do Mundo:

à tua direita o Anjo,

à tua esquerda o Demônio.

Quem chama?, quem é que chama desde o teu nascimento até a tua morte  
com uma chave quebrada, com um anel há anos enterrado?

Quem são os que planam sobre os próprios passos como um bando de aves?

As Estrelas alumbram o céu do enigma.

O que queres ver, porém, não pode ser olhado cara a cara

pois sua luz é de outro reino.  
E ainda não é hora. E haverá tempo.

Mais vale decifrar o nome de quem entra.  
Sua carta é a do Louco, com sua paciente rede de caçar borboletas.  
É o hóspede de sempre.  
É o alucinado Imperador do mundo que te habita.  
Não perguntes quem é. Tu o conheces  
pois o procuraste sob todas as pedras e em todos os abismos  
e juntos assististes ao puro advento do milagre:  
um poema em que tudo fosse esse todo e tu  
– algo além desse todo –.  
Porém, não chegou nada.  
Nada além destes mesmos estéreis vocábulos.  
E talvez seja tarde.

Vejamos quem se senta.  
A que está envolta em panos e que grasna enquanto fia desfiando teu sudário  
tem por coração a borboleta negra.  
Mas a tua vida é longa e seu acorde irá quebrar muito longe.  
Posso lê-lo nas areias da Lua onde está escrita a viagem,  
onde está desenhada a casa em que afundas feito uma estria pálida  
na noite tecida em grandes teias de aranha por tua Morte fiandeira.  
Cuidado, porém, com a água, o amor e o fogo.

Cuidado com o amor que é quem fica.  
Para hoje, para amanhã e para depois de amanhã.  
Cuidado, pois ele brilha com um brilho de lágrimas e espadas.  
Sua glória é a do Sol, assim como suas fúrias e seu orgulho.  
Porém, jamais conhecerás a paz,  
pois tua Força é a força de tempestades e a Temperança chora de cara  
| contra o muro.  
Não dormirás do lado da alegria,  
pois em todos os teus passos há uma beira de luto que pressagia o crime  
| ou o adeus,  
e o Enforcado me anuncia a pavorosa noite a ti destinada.

Queres saber quem te ama?  
O que sai ao meu encontro vem do teu próprio coração.

Brilham sobre seu rosto as máscaras de argila e corre sob a sua pele  
| a palidez de todo solitário.  
Veio para viver numa única vida um cortejo de vidas e de mortes.  
Veio para aprender os cavalos, as árvores, as pedras,  
e ficou chorando sobre cada vergonha.  
Tu ergueste a parede que o ampara, mas foi sem querer a Torre que  
| o encerra:  
uma prisão de seda onde o amor faz soar suas chaves de insubornável  
| carcereiro.  
Entretanto o Carro aguarda o sinal para partir:  
a aparição do dia vestido de Eremita.  
Mas não é tempo ainda de converter o sangue em pedra de memória.  
Ainda estais estirados na constelação dos Amantes,  
esse rio de fogo que passa devorando a cintura do tempo que vos devora,  
e me atrevo a dizer que ambos pertenceis a uma raça de náufragos que  
| afundam sem salvação e sem consolo.

Cobre-te agora com a couraça do poder ou do perdão, como se não  
| temesses,  
pois vou te mostrar quem te odeia.  
Não escutas já seu coração bater feito uma asa sombria?  
Não a vês chegar como eu com um punhal de neve em teu flanco?  
Ela, a Imperatriz de tuas moradas derruídas,  
a que funde tua imagem em cera para os sacrifícios,  
a que sepulta a pomba nas trevas para entenebrececer o ar de tua casa,  
a que trava teus passos com galhos de árvore morta, com unhas de lua  
| minguante, com palavras.

Nem sempre foi a mesma, mas quem quer que seja, é ela mesma,  
pois seu poder é simplesmente ser alguém que não tu.  
Tal é o seu sortilégio.  
E ainda que o Mago faça rodar os dados sobre a mesa do destino,  
e tua inimiga amarre três vezes teu nome no cânhamo adverso,  
há pelo menos cinco que sabemos que a partida é vã,  
que seu triunfo não é nenhum triunfo  
mas apenas um cetro de infortúnio que lhe concede o Rei desabitado,  
um ossário de sonhos onde vaga o fantasma do amor que não morre.

Ficarás no escuro, ficarás sozinha.  
Ficarás na intempérie de teu peito para ferir a quem te mata.

Não invoques a Justiça. Em seu trono deserto abrigou-se a serpente.  
Não tentes encontrar teu talismã feito de ossos de peixe,  
pois a noite é muita e muitos são os teus verdugos.  
Sua púrpura turvou teus umbrais desde o amanhecer  
e marcaram em tua porta os três signos infaustos  
com espadas, com ouros e com paus.  
Dentro de um círculo de espadas te encerrou a crueldade.  
Com dois discos de ouro aniquilou-te o dolo das pálpebras escamosas.  
A violência traçou com seu bastão de paus um relâmpago azul em tua  
| garganta.  
E juntos estenderam para ti a esteira das brasas.

Eis que chegam os Reis.  
Vieram para cumprir a profecia.  
Vieram para habitar as três sombras de morte que escoltarão tua morte  
até que a Roda da Fortuna pare de girar.

## À VIAGEM ETERNA

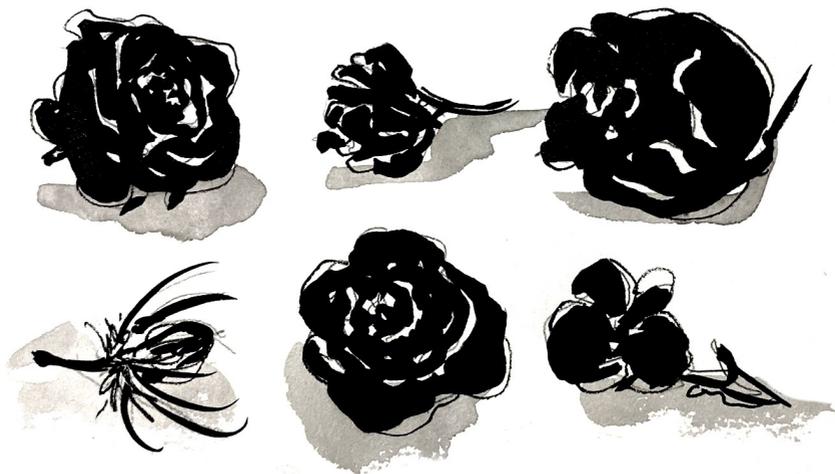
CECCARDO ROCCATAGLIATA CECCARDI

**O TEXTO:** Seleção com sete poemas de Ceccardo Roccatagliata, extraídos do *Il libro dei frammenti* (*O livro dos fragmentos*), publicado em 1895: “Alameda deserta” (“Viale deserto”), “Visão matutina” (“Visione mattutina”), “A viagem eterna” (“Il viaggio eterno”), “Sonhos de outubro” (“Sogni d’ottobre”), “Colóquio sentimental” (“Colloquio sentimentale”), “Fantasmas outonais” (“Fantasmi autunnali”) e “Os rostos dolorosos” (“I volti dolorosi”). Marcada por uma confluência de tendências literárias próprias de seu tempo, na poesia de Ceccardo Roccatagliata se entrecruzam o Decadentismo, pelo uso de temas como a solidão e a melancolia, o Simbolismo, por meio de símbolos e imagens sugestivas, e o Crepuscularismo, que retrata a crise de valores da sociedade italiana da época. Seus poemas se destacam por invocar a figura do poeta “sonhador” e por evocar a paisagem da Ligúria italiana.

**Texto traduzido:** Roccatagliata Ceccardi, Ceccardo. *Il libro dei frammenti. Versi*. Milano: Carlo Aliprandi Editore, s.d. [1895].

**O AUTOR:** Ceccardo Roccatagliata Ceccardi (1871-1919), poeta italiano, nasceu em Gênova. Considerado um precursor da poesia lírica do século XX e um bardo sob a insígnia do *poète maudit*, experimentou uma nova linguagem ao romper com a tradição clássica italiana, pressagiando um clima de fragmentação. Iniciou sua carreira poética colaborando para diversos jornais da época, como o *Supplemento al Caffaro* e *Vita Moderna*, tendo sido um dos primeiros tradutores, em solo italiano, dos simbolistas franceses, como Rimbaud e Verlaine. Participou também ativamente da vida política de seu tempo, defendendo ideais anticlericais e anarquistas. Publicou seu primeiro livro, *Il libro dei frammenti*, em 1895, seguido de *Il viandante* (1904) e *Sonetti e poemi* (1910).

**O TRADUTOR:** Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Para a (n.t.), do italiano, traduziu Dino Campana, Carlo Michelstaedter, Antonia Pozzi e Isabela di Morra.



"E a alma se sente a toda hora impelida  
rumo a um ignoto destino de dor."

"E l'anima si sente ognor sospinta  
verso un'ignota meta di dolore."

# IL VIAGGIO ETERNO

*“E l’anima si sente ognor sospinta  
verso un’ignota meta di dolore.”*

---

CECCARDO ROCCATAGLIATA CECCARDI

## VIALE DESERTO

Svolgonsi sul vial, silenziose,  
l’ore di luna. Splendono i sedili  
come in un sogno d’infiniti Aprili  
macchie di rose,

che dilungano in candido filare  
per rive ombrose dove tace il vento,  
e in mezzo scorre un lento scintillare  
d’acque d’argento.

Scende il viale: ed un orror aduna  
di ombre. E da ombre piene di spaventi  
escon fantasme da le risplendenti  
ali di luna.

E vanno con un pallido fruscio  
fra i grigi orrori e le marmoree panche,  
– spiriti di ricordi ne l’oblio  
de l’ore bianche. –

E come incenso diafano di morte  
rose dileguan pel silenzio. – Il cuore

trema. – Oh l'eterno sogno de l'Amore  
e de la Morte!

## VISIONE MATTUTINA

Or col lume e il fruscìo del mattutino  
rezzo, – Spirito dolce, Primavera  
sale, odorando, l'umida riviera  
d'alberelle stomenti e verdespino.

E se le nude quercie da la nera  
veste, incontra nel lucido cammino,  
ad esse batte con il suo turchino  
dito, come l'aurora a una vetrera.

Si slancia quindi un fremito pe' tardi  
tronchi da l'imo suol; cerule e bionde  
gemme, il cortice rotto, su gagliardi

rami a l'azzurro s'apron. – Primavera  
intanto canta e il sol nasce e s'effonde,  
in vel aureo d'oblio, su la riviera.

## IL VIAGGIO ETERNO

Una pace diffusa di colore  
come ne' vespri d'un ottobre mite,  
quando le selve sono ancor vestite  
di foglie, ma già un tenue pallore

s'insinua pel verde e un'indistinta  
malinconia vien dilagando in cuore,  
e l'anima si sente ognor sospinta  
verso un'ignota meta di dolore...

Un cielo bianco, bianco e sonnolento,  
un paesaggio da le tinte smorte:  
dir si poteva: è il regno de la morte  
questa pianura queta e senza vento?

Io viaggiaa verso lei malata,  
a piedi e solo, ed ero molto stanco:  
era la vista mia come anneggiata  
dal polverio de lo stradale bianco.

Era la mente mia una tristezza  
senza confine, come un mar di bruma  
che fluttua via via, è mai l'alluma  
neppur di vespro pallida dolcezza.

Oh! io voleva affrettarmi e mi sentia  
come un legame a' piedi... – che tormento! –  
non potea camminare...; era la via  
così lunga e concesso solo un lento

passo per volta!... Oh lo sapea, lontano  
io era ancora ed ella era malata  
assai assai, la mia dolcezza amata:  
... io viaggiaa e non finiva il piano.

Oh così sempre, e a lenti passi? Ed ella  
forse moria... Non l'avrei più veduta,

mai più, mai più veduta! O dolce e bella  
faccia, o di rose solatìe tessuta

faccia che non baciai ma che m'ha riso –  
forse ora la fatal ombra di morte  
t'ha scolorito?... Son le guance smorte,  
la bocca è chiusa e non ha più sorriso!

Oh voler camminare in fretta, avanti;  
in fretta, in corsa, ansando, e non potere  
e aver sempre ne gli occhi in biancheggianti  
striscie l'interminabile sentiere!

... Era malata, era malata assai:  
non sarei giunto a tempo: che destino!  
invano, sempre invano era il cammino:  
sempre: non sarei giunto mai, mai, mai...

Ecco, m'aspetta: prima di morire  
mi vorrebbe vedere e riparlare:  
e come ai dì che un tenero fiorire,  
era il suo pian, di biade azzurre e chiare,

mi tende la dīafana manina,  
e assorta nel delirio a sé mi chiama:  
crede che il vento ancor tra rama e rama  
canti e il sol rida in cerula mattina?...

Oh essa è morta e l'han distesa diaccia,  
ne la cassa di pioppo del suo fiume:  
inchiodato è il coperchio: la sua faccia  
più non vedrà l'azzurro... Qualche lume

s'accende e pel sentier dove è fiorito  
il sogno d'oro de la passione,  
passa la roca e lenta processione:  
muoion le rose e il cielo è scolorito...

Oh che tormento!... e aver in tutti i nervi  
la febbre e dentro il cuor triste e dolente;  
averla ne' pensier' folli e protervi  
che turbinavan disperatamente!

Morir di sete e non trovar per via  
un roseo pesco, un grappolo dorato;  
non trovar, tra pïoppi, correntia  
fresca, o un po' d'acqua almeno in un fossato!

... Sempre così, così: è un sonnolento  
cielo, un paese da le tinte smorte:  
dir si poteva: è il regno de la morte  
questa pianura queta e senza vento?

Sempre la stessa pace di colore  
come ne' vespri d'un ottobre mite,  
quando le selve sono ancor vestite  
di foglie, ma già un tenue pallore

s'insinüa pel verde e un'indistinta  
melanconia, vien dilagando in cuore;  
e l'anima si sente ognor sospinta  
verso un'ignota meta di dolore...



E il sogno una vision d'Eros che fosco  
cenna tra mucchi pallidi di rose,  
a fantasmi di brume dolorose  
penduli al bosco.

## COLLOQUIO SENTIMENTALE

*(Imitazione da P. Verlaine)*

Nel freddo parco ove le nude rame  
drizzansi tinte in grigio, ne la bruma,  
e per gli umidi viali si consuma  
la rosea reliquia del fogliame,  
– nel parco – tra l'alée gialle e brinate,  
due Ombre proprio adesso son passate.  
Son senza sguardo le pupille: morte:  
appena un'eco di parole smorte  
arriva – appena – ne le nebbie immote:  
son molli i labbri e pallide le gote.  
Due fantasmi nel parco desolato  
hanno evocato il fulgido passato...  
– Dimmi, ricordi i nostri sogni, ancora?  
– Perché volete che ricordi? – Ancora  
dunque, al mio nome il cuor non ti tremò?  
– Perché volete che tremasse?... No!...  
– Oh i dolci giorni in cui abbiamo insieme  
giunte le bocche e insiem giunta la speme,  
e vinti da un nostalgico bisogno  
abbian fuse le nostre anime in sogno!  
– Oh possibile?... adunque un giorno il sole  
rise benigno? – Un giorno le viole  
sbocciarono? Possibile?... – Oh la vinta  
speme a che fosco ciel fugge respinta!...  
... Vanno così nel parco dove i rami  
– nudi – torpon ne l'aria senza sole:  
la notte sola intende le parole;  
e a terra è la reliquia dei fogliami...

## FANTASMI AUTUNNALI

Ecco la morte, o cuore: non senti l'autunno che viene  
e in man la falce tiene pei sogni e per l'amore?  
Ecco: già invade i giardini tra un'onda di nebbia, le spalle  
cariche di farfalle morte e di gelsomini.  
E invade le colline dal culmine d'oro sognante  
sul glauco ciel tremante di guazze settembrine.  
Oh strade di campagna ne l'ombra dei vespri perdute,  
pallide strade mute, dove la pioggia stagna,  
ed egli va, a passo lento, le siepi, le rame spogliando,  
foglia e foglia strappando, fra un singhiozzar di vento!  
Già dentro l'umida pieve, ne l'albe, tra file di ceri  
(fuori i cipressi neri tremano al rezzo greve)  
scende il Pievan di velluto vestito ò d'or (una squilla  
piange rauca, oscilla, fuori sul borgo muto)  
e dice ai morituri: la morte sentite? oh, pregate,  
per quanto son passate, bimbe, gigli sui muri,  
pregate pace per quanti mai più torneran dai profondi,  
capi brinati e biondi, bocche e cuor, palpitanti!  
Tu dolce amor lo sai e pensi: l'autunno già viene  
e in man la falce tiene: non tornerò più mai.  
Che importa se maggio inonda di petali rossi e nivali  
gli orti, e di frulli d'ali? Se d'un riso di bionda  
luce, le case inonda? Le rose, a novembre un dì morte  
non sono mai risorte su da la nebbia fonda!  
Oh quando batton l'ore dei tristi addii supremi  
non vale, o cuor, se gemi, non val, se piangi, amore,  
un gel di morte ne invade ed ogni sogno si sfoglia:  
perfin l'ultima foglia de la speranza cade!  
Le mani strette ai miti colloqui, le bocche tra' baci,  
i volti che di paci rosee il sol ha fioriti  
stan larve taciturne in fondo a l'anima quali  
posano nei ducali orti, tra fonti ed urne,  
(e dietro sfumano scene di pallida luna suffuse)  
l'iddie pagane schiuse le forme al ciel; serene.  
Offron quelle bellezze antiche cullate su l'anche

l'agili membra bianche, nido di tenerezze;  
ma sotto il marmo langue la vita (che freddo!) e l'ondate  
sue tepide e rosate mai più vi slancia il sangue.

## I VOLTI DOLOROSI

Nei volti dolorosi, su le pacate fronti  
brilla quietamente effuso, un palor d'Alba,  
e ne gli occhi ristagna la visione scialba  
dei paesi che sognano a l'ombra dei tramonti.

Sotto, l'occhiaie incavansi come un vecchio sentiere  
cui rosero infinite piogge silenziose;  
e i labbri che un oscuro poter, come le rose  
morte nei libri, strazia, parlano di chimere.

Talor la fronte sfiora una carezza d'ale;  
La morte? – E, come un breve spiraglio d'opale  
che si svolga tra le nuvole misteriose, gli occhi

intraveggon lo scorcio d'un paese fiorito  
meravigliosamente. Trema il cuore e i ginocchi  
tremano. E il labbro esangue mormora: Oh, l'Infinito!

## A VIAGEM ETERNA

*“E a alma se sente a toda hora impelida  
rumo a um ignoto destino de dor.”*

---

CECCARDO ROCCATAGLIATA CECCARDI

### ALAMEDA DESERTA

Deslizam na alameda, silenciosas,  
as horas da lua. Esplendem os bancos  
como em um sonho de Abris infinitos  
manchas de rosas,

que se estendem em cândido alinhar  
por margens umbrosas que cala o vento,  
e em meio escorre um lento cintilar  
d'águas de argento.

Desce a alameda: e um horror aduna  
de sombras. E desde as sombras tementes  
saem fantasmas com resplandecentes  
asas de lua.

E seguem com um pálido zumbido  
entre grises horrores e os marmóreos bancos  
– espíritos de lembranças no olvido  
dos tempos brancos. –

E como incenso diáfano de morte  
rosas se esvaem no silêncio. – Em tremor

fica o coração. – Oh o sonho do Amor  
e da Morte!

## VISÃO MATUTINA

À luz e ao sussurrar do matutino  
rezo, – Espírito doce, Primavera  
sobe, odorando, a úmida ribeira  
de choupos rumorejantes e pinos.

E se os nus carvalhos de negral  
veste, encontra no lúcido caminho,  
neles bate com o seu turquesino  
dedo, como a aurora a um vitral.

Um frêmito irrompe através dos tardos  
troncos; cerúleas e douradas gemas,  
o córtice roto, sobre os galhardos

ramos ao céu se abrem. – A Primavera  
canta enquanto que o sol nasce e se extrema,  
em véu áureo de olvido, sobre a ribeira.

## A VIAGEM ETERNA

Uma quietude difundida em cor  
como nas tardes de um outubro ameno,  
quando as selvas já estão com menos  
folhas, mas tão logo um tênue palor

se insinua no verde e uma indistinta  
melancolia vem invadindo o cor,  
e a alma se sente a toda hora impelida  
rumo a um ignoto destino de dor...

Um céu branco, branco e sonolento,  
uma paisagem de cores alvadias:  
é o reino da morte: se dizer poderia,  
esta planície quieta e sem vento?

Eu viajava até ela enfermada,  
sozinho e a pé, e estava extenuado:  
e minha vista como que enevoada  
estava pelo pó da estrada esbranquiçado.

Era o meu pensamento uma tristura  
sem confim, como um mar de neblina  
que flutua aos poucos, e nunca se ilumina  
nem mesmo à tarde pálida doçura.

Oh! apressar-me eu queria e me sentia  
tal como um liame a pé... – que tormento! –  
não podia caminhar...; era a via  
tão longa e permitido só um lento

passo por vez!... Oh eu sabia, eu estava  
distante ainda e ela estava enfermada  
assaz assaz, a minha doce amada:  
... eu viajava e o vale não terminava.

Oh sempre assim, e em lentos passos? E ela  
talvez morria... E eu não a veria mais,

nunca mais, nunca mais! Ó doce e bela  
face, tecida de soalheiros rosais

face que não beijei mas que abriu um riso –  
quicá a fatal sombra da morte agora  
te descorou?... A boca está insonora,  
as bochechas pálidas, sem sorriso!

Oh querer caminhar com pressa, avante;  
com pressa, ofegante, e não mais poder  
e nos olhos em listras branquejantes  
sempre a interminável vereda ter!

... Estava doente, estava doente assaz:  
eu não chegarei a tempo: que destino!  
em vão, sempre me era em vão o caminho:  
sempre: não chegarei mais, nunca mais...

Eis-me aqui, espera-me: antes de partir  
ver-me e falar comigo ela queria:  
e como em dias de tenro florir,  
estava o vale, messes azuis e alvadias,

a diáfana mão vejo me estender,  
e absorta no seu delírio me chama:  
crê que o vento 'inda entre ramas e ramas  
canta e o sol ri em cérulo amanhecer?...

Oh ela está morta e seu corpo em uma  
urna feita de álamo foi disposto  
pregada está a tampa: o seu rosto  
nunca mais o céu verá... Brilha alguma

luz e pela senda onde floresceu  
o sonho dourejado da paixão,  
passa a rouca e lenta procissão:  
morrem as rosas e empalece o céu...

Oh que tormento!... ter em quaisquer nervos  
a febre e o coração triste e dolente;  
tê-la em pensamentos loucos e protervos  
que giravam desesperadamente!

Morrer de sede e não achar pela frente  
algum pessegueiro, um cacho dourado;  
não achar, entre álamos, fresca corrente,  
ou então um pouco d'água em um fossado!

... Sempre assim, assim: e um sonolento  
céu, um burgo de cores alvadias  
é o reino da morte: se dizer poderia,  
esta planície quieta e sem vento?

Sempre a mesma quietude em cor  
como nas tardes de um outubro ameno,  
quando as selvas já estão com menos  
folhas, mas tão logo um tênue palor

se insinua no verde e uma indistinta  
melancolia vem invadindo o cor;  
e a alma se sente a toda hora impelida  
rumo a um ignoto destino de dor...



E o sonho uma visão de Eros que turvo  
acena entre muitas pálidas rosas,  
a fantasmas de brumas dolorosas  
no bosque curvos.

## COLÓQUIO SENTIMENTAL

*(Imitação de P. Verlaine)*

No gélido parque onde a nua ramagem  
ergue-se tingida de gris, na bruma,  
e pelas alamedas se consuma  
a relíquia rosada da folhagem,  
– no parque – entre aleias fulvas e geadas,  
duas Sombras passaram apressadas.  
Estão as pupilas sem olhar: mortas:  
um eco de palavras semimortas  
chega – apenas – nos nevoeiros imotos:  
têm moles lábios e pálidos rostos.  
Dois fantasmas no parque desolado  
evocaram o fúlgido passado...  
– Diz-me, recordas nossos sonhos, ainda?  
– Por que queres que recorde? – Pois ainda,  
ao meu nome, não te tremeu o coração?  
– Por que queres que ele trema?... Não!...  
– Oh os doces dias em que juntamos  
as bocas e nossa esperança alçamos,  
e por nostálgico querer vencidos  
as almas em sonho quase fundimos!  
– Oh possível?... pois o sol algum dia  
riu benigno? – As violetas algum dia  
rebutaram? Possível?... – Oh a vencida  
espera que fosco céu foge evita!...  
... Vão assim pelo parque onde a ramagem  
– nua – entorpece no ar desolado:  
a noite sozinha ouve o palavreado;  
e a terra é a relíquia da folhagem...

## FANTASMAS AUTUNAIS

Eis a morte, ó cor: não sentes o outono que vem  
e em mão a foice tem pelos sonhos e o amor?  
Eis: já invade os jardins entre uma onda de névoa, as costas  
de borboletas mortas está cheia e de jasmins.  
E invade as colinas pelo cume de ouro sonhante  
sobre um céu cintilante de geadas setembrinas.  
Oh estradas de campina na sombra das tardes perdidas,  
pálidas e emudecidas, onde a chuva estagna  
e ele vai, a passos lentos, sebes e ramos espoliando,  
folha e folha rasgando, entre um soluçar de vento!  
Já na capela úmida, entre círios, na aurora,  
(os ciprestes afora tremem à sombra túmida)  
desce o Padre em veludo e ouro vestido (lá fora  
um sino, rouco chora, vibra, no burgo mudo)  
e diz aos morituros: oh, pregai, a morte sentis?  
pelos que foram, pueris, lírios sobre os muros,  
pregai paz pelos entes que não voltarão das profundezas,  
frontes geadas e louras, bocas e corações, frementes!  
Tu doce amor, eu sei, que pensas: o outono já vem  
e em mão a foice tem: nunca mais voltarei.  
Que importa se maio inunda de rubras pétalas nevadas  
os hortos, e voo de asas? Se de um riso de jucunda  
luz, as casas inunda? Um dia, em novembro, os rosais  
mortos não nascem mais em meio à névoa funda!  
Oh quando batem as horas das tristes saudações solenes  
não vale, ó cor, se gemes, não vale, amor, se choras,  
um frio mortal atrai tudo e cada sonho desfolha:  
até a última folha de esperança decai!  
As bocas entre beijos, mãos juntas aos colóquios suaves,  
os rostos que de pazes róseas o sol floriu  
saem larvas taciturnas no fundo da alma as quais  
pousam sobre os ducais hortos, fontes e urnas,  
(e atrás esfumam cenas de pálida lua cobertas)  
deusas pagãs abertas as formas ao céu; serenas.  
Exibem as antigas graças embaladas às ancas

as ágeis partes brancas, que ternuras abriga;  
mas sob o mármore langue a vida (que frio!) e suas ondadas  
tépidas e rosadas nunca mais arroja o sangue.

## OS ROSTOS DOLOROSOS

Nos rostos dolorosos, nas frentes pacientes  
brilha quietamente efuso, um palor da Alba  
e nos olhos estagna a paisagem dealba  
dos burgos que divagam à sombra dos poentes.

Como uma velha senda encavam-lhe as olheiras  
corroídas por chuvas sem fim e silenciosas;  
e os lábios que um obscuro poder, como o das rosas  
mortas nos livros, rasga, falam sobre quimeras.

Na frente roça às vezes uma carícia de alas;  
A morte? – E, como um breve interstício de opalas  
que se abre em meio a nuvens misteriosas, os olhos

entreveem o escorço de um burgo florido  
maravilhosamente. O coração e os joelhos  
tremem. E o lábio exangue murmura: Oh, o Infinito!

# SONHOS

MARY OLIVER

**O TEXTO:** Seleção com seis poemas de Mary Oliver extraídos do livro *Dream Work* (*O labor do sonho*), publicado em 1986: “Poema da manhã” (“Morning Poem”), “Fúria” (“Rage”), “Sonhos” (“Dreams”), “A viagem” (“The Journey”), “Uma ou duas coisas” (“One or Two Things”) e “As mariposas” (“The Moths”). Nessa obra, uma das mais populares da autora, a celebração do mundo natural justapõe-se à fragilidade e ao sofrimento da existência humana, bem como a lembranças dolorosas do sujeito lírico. Escrita em linguagem clara, sem qualquer afetação, a poesia de Oliver é fruto de um olhar em permanente espanto, seja na luz ou na sombra, na vigília ou no sono.

**Texto traduzido:** Oliver, Mary. *Dream Work*. New York: The Atlantic Monthly Press, 1986, p. 6, 12, 18, 38, 50 and 77.

**A AUTORA:** Mary Oliver (1935-2019), poeta e ensaísta estadunidense, nasceu em Maple Heights, Ohio. Criada em um lar disfuncional, encontrou desde a infância refúgio nas caminhadas pelos bosques e na observação atenta da natureza, sobretudo da vida animal, base sobre a qual elaborou sua poesia. É conhecida por sua lírica que se destaca pelas observações claras e comoventes acerca do mundo natural e por sua linguagem simples e acessível. Dentre seus livros, incluem-se *American Primitive* (1983), vencedor do Prêmio Pulitzer, e *New and Selected Poems* (1992), ganhador do National Book Award.

**A TRADUTORA:** Ana Santos é doutora em Estudos de Literatura pela UFRGS e atua como revisora na mesma instituição. Como poeta, é autora de *Móbile* (2017), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura, e *Fabulário* (2019), vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura e do Prêmio Minuano.



**“Uma profunda lembrança do prazer,  
um cortante conhecimento da dor.”**

“Some deep memory of pleasure,  
some cutting knowledge of pain.”

# DREAMS

*“Some deep memory of pleasure,  
some cutting knowledge of pain.”*

---

MARY OLIVER

## MORNING POEM

Every morning  
the world  
is created.

Under the orange

sticks of the sun  
the heaped  
ashes of the night  
turn into leaves again

and fasten themselves to the high branches –  
and the ponds appear  
like black cloth  
on which are painted islands

of summer lilies.  
If it is your nature  
to be happy  
you will swim away along the soft trails

for hours, your imagination  
alighting everywhere.

And if your spirit  
carries within it

the thorn  
that is heavier than lead –  
if it's all you can do  
to keep on trudging –

there is still  
somewhere deep within you  
a beast shouting that the earth  
is exactly what it wanted –

each pond with its blazing lilies  
is a prayer heard and answered  
lavishly,  
every morning,

whether or not  
you have ever dared to be happy,  
whether or not  
you have ever dared to pray.

## RAGE

You are the dark song  
of the morning;  
serious and slow,  
you shave, you dress,  
you descend the stairs  
in your public clothes  
and drive away, you become  
the wise and powerful one  
who makes all the days  
possible in the world.  
But you were also the red song  
in the night,  
stumbling through the house  
to the child's bed,  
to the damp rose of her body,  
leaving your bitter taste.  
And forever those nights snarl  
the delicate machinery of the days.  
When the child's mother smiles  
you see on her cheekbones  
a truth you will never confess;  
and you see how the child grows –  
timidly, crouching in corners.  
Sometimes in the wide night  
you hear the most mournful cry,  
a ravished and terrible moment.  
In your dreams she's a tree  
that will never come to leaf –  
in your dreams she's a watch  
you dropped on the dark stones  
till no one could gather the fragments –  
in your dreams you have sullied and murdered,  
and dreams do not lie.

## DREAMS

All night  
the dark buds of dreams  
open  
richly.

In the center  
of every petal  
is a letter,  
and you imagine

if you could only remember  
and string them all together  
they would spell the answer.  
It is a long night,

and not an easy one –  
you have so many branches,  
and there are diversions –  
birds that come and go,

the black fox that lies down  
to sleep beneath you,  
the moon staring  
with her bone-white eye.

Finally you have spent  
all the energy you can  
and you drag from the ground  
the muddy skirt of your roots

and leap awake  
with two or three syllables  
like water in your mouth  
and a sense

of loss – a memory  
not yet of a word,

certainly not yet the answer –  
only how it feels

when deep in the tree  
all the locks click open,  
and the fire surges through the wood,  
and the blossoms blossom.

## THE JOURNEY

One day you finally knew  
what you had to do, and began,  
though the voices around you  
kept shouting  
their bad advice –  
though the whole house  
began to tremble  
and you felt the old tug  
at your ankles.

“Mend my life!”

each voice cried.

But you didn’t stop.

You knew what you had to do,  
though the wind pried  
with its stiff fingers  
at the very foundations –  
though their melancholy  
was terrible.

It was already late  
enough, and a wild night,  
and the road full of fallen  
branches and stones.

But little by little,  
as you left their voices behind,  
the stars began to burn  
through the sheets of clouds,  
and there was a new voice,  
which you slowly  
recognized as your own,  
that kept you company  
as you strode deeper and deeper  
into the world,  
determined to do  
the only thing you could do –  
determined to save  
the only life you could save.

## ONE OR TWO THINGS

1

Don't bother me.  
I've just  
been born.

2

The butterfly's loping flight  
carries it through the country of the leaves  
delicately, and well enough to get it  
where it wants to go, wherever that is, stopping  
here and there to fuzzle the damp throats  
of flowers and the black mud; up  
and down it swings, frenzied and aimless; and sometimes

for long delicious moments it is perfectly  
lazy, riding motionless in the breeze on the soft stalk  
of some ordinary flower.

3

The god of dirt  
came up to me many times and said  
so many wise and delectable things, I lay  
on the grass listening  
to his dog voice,  
crow voice,  
frog voice; *now*,  
he said, and *now*,  
and never once mentioned *forever*,

4

which has nevertheless always been,  
like a sharp iron hoof,  
at the center of my mind.

5

One or two things are all you need  
to travel over the blue pond, over the deep  
roughage of the trees and through the stiff  
flowers of lightning – some deep  
memory of pleasure, some cutting  
knowledge of pain.

6

But to lift the hoof!  
For that you need  
an idea.

7

For years and years I struggled  
just to love my life. And then

the butterfly  
rose, weightless, in the wind.  
“Don’t love your life  
too much,” it said,

and vanished  
into the world.

## THE MOTHS

There's a kind of white moth, I don't know  
what kind, that glimmers, it does,  
in the daylight,  
in mid-May  
in the forest, just  
as the pink moccasin flowers  
are rising.

If you notice anything,  
it leads you to notice  
more  
and more.

And anyway  
I was so full of energy.  
I was always running around, looking  
at this and that.

If I stopped  
the pain  
was unbearable.

If I stopped and thought, maybe  
the world  
can't be saved,  
the pain  
was unbearable.

Finally, I had noticed enough.  
All around me in the forest  
the white moths floated.

How long do they live, fluttering  
in and out of the shadows?

You aren't much, I said  
one day to my reflection

in a green pond,  
and grinned.

The wings of the moths catch the sunlight  
and burn  
so brightly.

At night, sometimes,  
they slip between the pink lobes  
of the moccasin flowers and lie there until dawn,  
motionless  
in those dark halls of honey.

# SONHOS

*“Uma profunda lembrança do prazer,  
um cortante conhecimento da dor.”*

---

MARY OLIVER

## POEMA DA MANHÃ

A cada manhã  
o mundo  
é criado.  
Sob os raios

alaranjados do sol  
as amontoadas  
cinzas da noite  
tornam-se folhas outra vez

e prendem-se aos galhos altos –  
e os lagos surgem  
como tecido negro  
no qual são pintadas ilhas

de nenúfares de verão.  
Se for da tua natureza  
ser feliz  
nadarás pelas trilhas suaves

por horas, tua imaginação  
pousando em toda parte.

E se teu espírito  
carrega dentro dele

o espinho  
mais pesado que o chumbo –  
se é tudo o que podes fazer  
para seguir caminhando –

ainda há  
em ti, nalgum lugar recôndito  
uma fera gritando que a terra  
é exatamente o que ela queria –

cada lago com seus nenúfares resplandecentes  
é uma prece ouvida e atendida  
generosamente,  
toda manhã,

tenhas ou não tenhas  
ousado ser feliz,  
tenhas ou não tenhas  
ousado rezar.

## FÚRIA

És a canção escura  
da manhã;  
sério e vagaroso,  
te barbeias, te vestes,  
desces a escada  
em tuas roupas públicas  
e partes de carro, te tornas  
o sábio e poderoso  
que faz os dias todos  
possíveis no mundo.  
Mas foste também a canção rubra  
na noite,  
tropeçando pela casa  
até a cama da criança,  
até a rosa úmida de seu corpo,  
deixando teu sabor amargo.  
E para sempre aquelas noites emaranham  
o delicado mecanismo dos dias.  
Quando a mãe da criança sorri  
vês nas maçãs do rosto  
uma verdade que jamais confessarás;  
e vês como a criança cresce –  
timidamente, agachando-se nos cantos.  
Às vezes na noite vasta  
ouves o grito mais triste,  
um instante violento e terrível.  
Em teus sonhos ela é uma árvore  
que jamais terá folhas –  
em teus sonhos ela é um relógio  
que derrubaste nas pedras escuras  
até que ninguém pudesse juntar os cacos –  
em teus sonhos manchaste e mataste,  
e os sonhos não mentem.

## SONHOS

A noite toda  
os escuros botões dos sonhos  
desabrocham  
profusamente.

No centro  
de cada pétala  
há uma letra,  
e imaginas

que se ao menos pudesses lembrar  
e uni-las todas  
elas formariam a resposta.  
É uma noite longa

e nada fácil –  
tens tantos ramos,  
e há distrações –  
pássaros que vêm e vão,

a raposa negra que se deita  
para dormir sob ti,  
a lua observando  
com seu olho branco-osso.

Enfim esgotas  
toda a tua força  
e ergues do chão  
a saia enlameada de tuas raízes

e acordas em sobressalto  
com duas ou três sílabas  
como água na boca  
e uma sensação

de perda – a lembrança  
ainda não de uma palavra,

certamente ainda não a resposta –  
apenas o que se sente

quando no âmago da árvore  
todas as fechaduras se abrem,  
e o fogo irrompe da madeira,  
e as flores florescem.

## A VIAGEM

Um dia enfim soubeste  
o que tinhas de fazer, e começaste,  
embora as vozes à tua volta  
gritassem  
seus maus conselhos –  
embora a casa inteira  
começasse a tremer  
e sentisses o velho puxão  
em teus tornozelos.  
“Conserta minha vida!”,  
cada voz bradava.  
Mas não paraste.  
Sabias o que tinhas de fazer,  
embora o vento forçasse  
com seus dedos firmes  
os próprios alicerces –  
embora sua melancolia  
fosse terrível.  
Já era tarde  
o bastante, e uma noite tempestuosa,  
e o caminho coberto de ramos  
caídos e de pedras.  
Mas, pouco a pouco,  
enquanto deixavas as vozes para trás,  
as estrelas foram se acendendo  
através das camadas de nuvens,  
e houve uma nova voz,  
a qual lentamente  
reconheceste como a tua,  
que te acompanhou  
enquanto adentravas mais e mais fundo  
no mundo,  
decidida a fazer  
a única coisa que podias fazer –  
decidida a salvar  
a única vida que podias salvar.

## UMA OU DUAS COISAS

1

Não me aborreças.  
Acabo  
de nascer.

2

O voo ágil da borboleta  
transporta-a pelo país das folhas  
delicadamente, e bem o bastante para levá-la  
aonde ela deseja ir, aonde quer que seja, parando  
aqui e ali para embriagar-se nas úmidas gargantas  
das flores e na lama negra; para cima  
e para baixo ela balança, frenética e sem rumo; e às vezes

por longos, deliciosos momentos, ela fica perfeitamente  
preguiçosa, cavalgando imóvel na brisa, na haste macia  
de uma flor qualquer.

3

O deus da terra  
veio a mim muitas vezes e disse  
tantas coisas sábias e encantadoras, que me deitei  
na grama escutando  
sua voz de cão,  
voz de corvo,  
voz de rã; *agora*,  
ele disse, e *agora*,  
e nem uma só vez mencionou *para sempre*,

4

que entretanto esteve todo o tempo,  
como um casco de ferro afiado,  
no centro da minha mente.

5

Uma ou duas coisas são tudo o que necessitas  
para viajar sobre o lago azul, sobre o denso  
emaranhado das árvores e pelas duras  
flores dos relâmpagos – uma profunda  
lembrança do prazer, um cortante  
conhecimento da dor.

6

Mas para livrar-te do casco!  
Para isso precisas  
de uma ideia.

7

Por anos e anos lutei  
apenas para amar minha vida. E então

a borboleta  
elevou-se, leve, no vento.  
“Não ames demais  
tua vida”, ela disse,

e desvaneceu  
no mundo.

## AS MARIPOSAS

Há uma espécie de mariposa branca, não sei qual espécie, que brilha, sim, à luz do dia, em meados de maio na floresta, precisamente quando os sapatos-de-vênus rosa estão nascendo.

Se notas algo, és levado a notar mais e mais.

E de todo modo eu tinha tanta energia. Estava sempre correndo, olhando isto e aquilo.

Se eu parava a dor era insuportável.

Se eu parava e pensava: talvez o mundo não possa ser salvo, a dor era insuportável.

Enfim, eu havia notado o bastante. Ao meu redor, na floresta, as mariposas brancas flutuavam.

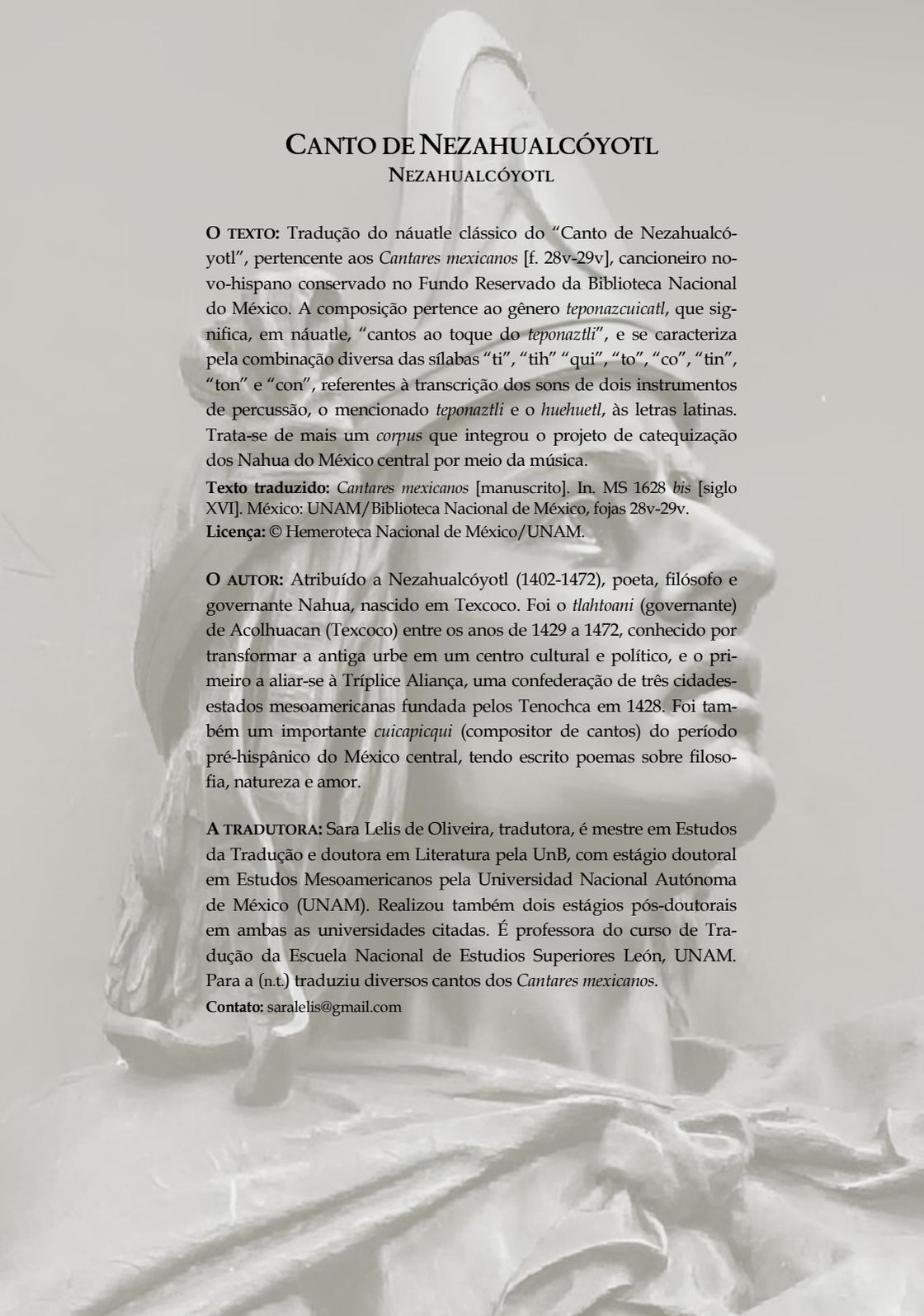
Quanto tempo elas vivem, esvoaçando para dentro e fora das sombras?

Não és grande coisa, eu disse um dia para o meu reflexo

em um lago verde,  
e sorri.

As asas das mariposas apanham a luz do sol  
e queimam  
com tanto brilho.

À noite, por vezes,  
deslizam entre os lóbulos rosados  
dos sapatos-de-vênus e lá ficam até a aurora,  
imóveis  
naqueles escuros corredores de mel.



## CANTO DE NEZAHUALCÓYOTL

### NEZAHUALCÓYOTL

**O TEXTO:** Tradução do náuatle clássico do “Canto de Nezahualcóyotl”, pertencente aos *Cantares mexicanos* [f. 28v-29v], cancionero novo-hispano conservado no Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México. A composição pertence ao gênero *teponazcuicatl*, que significa, em náuatle, “cantos ao toque do *teponaztli*”, e se caracteriza pela combinação diversa das sílabas “ti”, “tih” “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” e “con”, referentes à transcrição dos sons de dois instrumentos de percussão, o mencionado *teponaztli* e o *huehuetl*, às letras latinas. Trata-se de mais um *corpus* que integrou o projeto de catequização dos Nahuas do México central por meio da música.

**Texto traduzido:** *Cantares mexicanos* [manuscrito]. In. MS 1628 bis [siglo XVI]. México: UNAM/Biblioteca Nacional de México, fojas 28v-29v.

**Licença:** © Hemeroteca Nacional de México/UNAM.

**O AUTOR:** Atribuído a Nezahualcóyotl (1402-1472), poeta, filósofo e governante Nahuas, nascido em Texcoco. Foi o *tlahtoani* (governante) de Acolhuacan (Texcoco) entre os anos de 1429 a 1472, conhecido por transformar a antiga urbe em um centro cultural e político, e o primeiro a aliar-se à Tríplice Aliança, uma confederação de três cidades-estados mesoamericanas fundada pelos Tenochca em 1428. Foi também um importante *cuicapicqui* (compositor de cantos) do período pré-hispânico do México central, tendo escrito poemas sobre filosofia, natureza e amor.

**A TRADUTORA:** Sara Lelis de Oliveira, tradutora, é mestre em Estudos da Tradução e doutora em Literatura pela UnB, com estágio doutoral em Estudos Mesoamericanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Realizou também dois estágios pós-doutorais em ambas as universidades citadas. É professora do curso de Tradução da Escuela Nacional de Estudios Superiores León, UNAM. Para a (n.t.) traduziu diversos cantos dos *Cantares mexicanos*.

**Contato:** saralelis@gmail.com



“A flor do canto só brota dentro do meu coração.  
Espalho as flores do jardim.”

“Zan noyolitic ontlapani on cuicaxochitl  
nieyamoyahua ya i xochitla.”

# ICUIC NEZAHUALCOYOTZIN

*Cantares mexicanos*

[f. 28v-29v]<sup>1</sup>

*“Zan noyolitic ontlapani on cuicaxochitl  
nicyamoyabua ya i xochitla.”*

---

## NEZAHUALCÓYOTL

[28v, l. 6] *Icuic Nezabualcoyotzin*

*Totoco totoco tico totoco totoco ic ontlantiuh tico titico titico tico.*

*Nicayaquetzacon tobuehueuh a o niquimitotia cuauhtlocelo in ca tiya ibcac in cuicaxochitl nictemoan cuicatl ye tonequimilol ayyo.*

*Tinopiltzi[n] o tiNezabualcoyotl otiya Mictla[n] Quenonamica[n] i yecen i y oncan ayyo.*

*Quiyon quiyon caya nichoca ya a niNezabualcoyotl huiya quen i ye noyaz<sup>2</sup> oya nipolihuiz oya miquitla[n] i ye nimitzcahuan noteouh ipalnemoo<sup>3</sup> tinechnahuatia ye ni[y]az nipolihuiz ayyo.*

*Quen onmaniz tlallin Acolihuacan<sup>4</sup> huiya cuix oc quenman oo ticmohmoyahuaz in momacehua[l]li ye nimitzcahuan noteouh.*

*Can yio cuicatli tonequimilol quipoloa ya a in totlacuilol i tepilbuan oo maya'huilibuan nican aya ayac ichan tlalticpac oo ticyacencahuazque huelic ye xochitl ayio.*

---

<sup>1</sup> A paleografia e a edição do texto em náuatle são de minha autoria. (n.t.)

<sup>2</sup> Leia-se “niyaz”. (n.t.)

<sup>3</sup> Leia-se “Ipalnemoa”. (n.t.)

<sup>4</sup> Leia-se “Acolhuacan”. (n.t.)

O ayac quitlamitaz monecuiltonol ipalnemoa a'noyol quimati cuel achic otictlanehuico Nezahualcoyotzin ayoppa tihuan<sup>5</sup> nican an aya ichan tlalticpac oon in ayoppa tihuan in tlalticpacqui<sup>6</sup>, zan nicuicanitl ayabo on nichoca ya a niquelnamiqui Nezahualcoyotl ayio.

Xoacico ye nican in Dios aya ipalnemoa ayabo on nichoca ya a niquelnimiqui<sup>7</sup> Nezahualcoyotl ayio.

Quititi quititi quiti quiti tocoto tocoti tocototocoti çan ic mocueptiuh.

Ma xochicuicoya ma ihtoa nichuan a ayyahue teihuinti xochitl aoyano yebcoc ye nica[n] poyomaxahuallan timaliuhthuitz ayio.

[29r] Ma xochitl oyecoc ye nican ayyahue zan tlaa'huixochitla moyahua ya motzetzelo anca zo yehuatl in nepapa[n] xochitl ayio. Zan comoni huehuetl ma ya nehtotilo etcétera.

In quetzalpoyomatla ic ihcuilibuic noyol nicuicanitl in xochitl ayan tzetzelihui y yaan<sup>8</sup> cuel in cuiya ma xonahuiacan ayio zan noyolitic ontlapani on cuicaxochitl nicyamoyahua ya i xochitla etcétera.

Cuicatl ya ninoquimilotehuaz in quenmania xochineneliuhthiaz noyollo yehuan tepilhuan oon teteuctin in cayio.

Can<sup>9</sup> ye ic nichoca in quenmanian zan nicayaihtoa noxochiteyo nocuicatoca niclaltitehuaz in quenmania xochineneliuhthiaz etc.

Tico tico tocoto ic ontlantiuh ticoto ticoto.

Toztli yan quechol nipatlantinemi a in tlalla icpac oquihuinti ye noyol abua i i ai.

Niquetzaltototl niyecoya ye iquiapan Icelteotl i xochiticpac nihueloncuica oo nicuicaihtoa paqui ye noyol abuay etcétera.

Xochiatl in pozontimani a in tlalla icpac oquihuinti ye noyol abua etcétera.

---

<sup>5</sup> Leia-se “tohuan”. (n.t.)

<sup>6</sup> Leia-se “tlalticpac”. (n.t.)

<sup>7</sup> Leia-se “niquelnamiqui”. (n.t.)

<sup>8</sup> Leia-se “yaan”. (n.t.)

<sup>9</sup> Leia-se “zan”. (n.t.)

*Ninochoquilia niquinotlamati ayac inchan on tlallicpac<sup>10</sup> ahua etcétera.  
 Zan niquittoa ya ye nimexicatl ma niyahui ya nohtlatoca Tecuantepec<sup>11</sup> niyahui  
 polihuin chiltepehua aya ye choca in tecuantepehua obuaye etcétera.  
 Maca cualani a nobuey o yehua mexicatl i polihui chil... etc.  
 Citlalin in popoca ya ipan ye moteca y za[n] ye polihuia zan ye xochitecatl  
 obuaye etcétera.  
 Zan ye choca ya amaxtecatl aya ca ye choca ya tequantepehua.*

*Toto tiquti tiquti ic ontlantiuh, tocotico tocoti tototitiqui tototitiquiti.*

*Oyamoquetz huebuetl oo on ma onnetotilo teteuctin aya ma onnetlanehuibulo  
 chalchihuitl on quetzal i patlahuac ayac ichan tlalticpac ayio zan nomac onmani  
 a ooo ixochiuh aya ipalnemoa ma onnetlanehuilo chalchihuitl.*

[29v] *Oyobua[l]lin colonia o on in Icelteotl ipalnemoa Anahuac o onnemi a noyol  
 ayio.*

*In yancuica oncan quixima ipalnemoani ca ye Nonoalco Ahuilizapan i in  
 teuctli yehua Nezahualpilli y yece ye oncan aya in tlacochtenanpan Atlxco ayio.  
 Zan momac otitemic motlahua'zomal a ica ticahuiltia Icelteotl in teuctli yehua  
 etcétera.*

*I yebo aye icnotlamati noyollo zan ninonoalcatl nicolintototl<sup>12</sup> o nocamapan  
 aya mexicatl in cayio.*

*Onquetzalpipixauhtoc motlachinolxochiuh in ipalnemoa zan ca nizoli...*

*Toco toco tiqui tiqui ic ontlantiuh tocotico tocoti.*

*Ma ya pebualo ya nicuibua in ma ya oncuico ye nicaan<sup>13</sup> aya oya ye'coc yehuan  
 dios in cayio in ma ica ya onahuilibuan tepilhuan a aya mocuic oya yehuan dios  
 oncan titemoc yehuan dios a oncan huelin oncan tlacat y ye Jesuchristo in cayio.  
 In oncan tlahuizcalli milintimani mochan aya moxochiuh aya Dios aya  
 chalchiuhcueponi maquiztetzehuibui on netlamachtitlo ya in cayio in oncan yao  
 nepapan izhuayo moxochiuh aya dios a etcétera.*

<sup>10</sup> Leia-se “tlalticpac”. (n.t.)

<sup>11</sup> Leia-se “Tehuantepec”. (n.t.)

<sup>12</sup> Leia-se “nizolintototl”. (n.t.)

<sup>13</sup> Leia-se “nican”. (n.t.)

*Zan ye xochitl moyahua oo zan ca itlatol in ipalnemoani o on tepan ye moteca Anahuac oo ica tichuelmana atlon yan tepetl ayio.*

*Zan te momac mani a cemanahuatl in niman ye tehuatl toconyaittoa ya ipalnemoani.*

# CANTO DE NEZAHUALCÓYOTL

*Cantares mexicanos*

[f. 28v-29v]

“A flor do canto só brota dentro do meu coração.  
Espalho as flores do jardim.”

---

## NEZAHUALCÓYOTL

### [28v, l. 6] Canto de Nezahualcóyotl

Totoco totoco tico totoco totoco...  
assim vai minguando [o canto]...  
Tico titico titico tico.

Venho para colocar o nosso *buehuatl* de pé,  
faço as águias e os ocelotes dançarem!  
Vais embora,  
e a flor do canto floresce.  
Busco o canto,  
pois ele é a nossa veste, *aiio*.

És nosso nobre querido, és Nezahualcóyotl;  
Partiste definitivamente para o Lugar da Morte, para lá, para Quenonamican, *aiio*.

*Quiion quiion caia*;  
eu choro, eu sou Nezahualcóyotl, *uia*.  
Como irei? *Oia*.  
Perecerei no lugar dos mortos.  
Te abandonarei, meu Deus;  
Dono da vida, me darás a ordem.

Irei embora, perecerei, *aiio*...  
Como permanecerei na terra, em Acolhuacan? *Uia*.  
*Oo*, por acaso ainda desbaratarás os teus macehuales?  
Te abandonarei, meu Deus.

Onde está o canto? Ele é a nossa veste.  
Os nobres já destroem a nossa pintura, *oo*.  
A alegria está aqui, *aia*.  
O lar não é de ninguém, *oo*,  
abandonaremos as deliciosas flores na terra para sempre, *aiio*.

Ninguém destruirá tua riqueza, Dono da vida;  
meu coração sabe disso.  
Por pouco tempo vieste para pedi-la emprestado, Nezahalcóyotl.  
Aqui no lar dele não existiremos duas vezes, *oo*;  
aqui sobre a terra não existiremos duas vezes.  
Só eu sou cantor, *aiao*,  
eu choro;  
lembro de Nezahalcóyotl, *aiio*.

Oh! Deus, o Dono da vida, chegou aqui, *aia*, *aiao*.  
Choro,  
lembro de Nezahalcóyotl, *aiio*.

Quititi quititi quiti quiti tocoto tocoti tocototocoti.  
Então se transforma [o canto].

Que meus irmãos entoem o canto no lugar dos cantos floridos, *aiiue*.  
A flor chega aqui e a *poyomaxóchitl*,  
que está vindo, embriaga a todos.  
Tu vens retorcido, *aiio*.

[29r] A flor chegou até aqui, *aiiaue*.  
Só o perfume do jardim exala,  
se espraia, de modo que diversas das flores são chacoalhadas, *aiio*.  
Só o tambor de membrana retumba;  
que haja dança!

Por isso, a preciosa *poyomatli* pinta o meu coração;  
eu sou cantor.

As flores caem como a neve, *aia*,  
e já nos rodeiam.  
Alegrem-se, *aiio*,  
a flor do canto só brota dentro do meu coração.  
Espalho as flores do jardim...

Me envolverei com o canto;  
quando o meu coração misturará as flores?  
Eles, os nobres, são senhores, *aiio*.

Por isso, algumas vezes eu só choro...  
Só venho para proferir a minha honra florida,  
nomear o meu canto, estabelecê-lo.  
Quando o meu coração misturará as flores?

Tico tico tocoto  
assim vai minguando  
ticoto ticoto.

Estou voando sobre a terra como um papagaio da cabeça amarela,  
como um *quechol*.  
Meu coração embriagou-se, *auaiiai...*

Sou um pássaro quetzal;  
chego em meio à chuva do Deus único, sobre as flores.  
Canto bem, *oo*,  
entoo o canto.  
Meu coração está contente, *auai...*

As águas rosadas se avolumam sobre a terra,  
meu coração embriagou-se, *aua...*

Choro, entristeço-me;  
a casa deles não é de ninguém nesta terra, *aua...*

Mas digo: sou mexicana;  
que eu vá, que eu peregrine pelo caminho de Tehuantepec.  
Vou;

os chiltepehuas perecem, *aia*.  
Os tehuantepehuas choram, *ouaie*...

Que o meu grande mexicana, ele, não se zangue...  
Os chiltepehuas perecem, *aia*.  
Os tehuantepehuas choram, *ouaie*...

A estrela fumeja e se estende sobre o lugar perfumado;  
só os xochitecas perecem, *ouaie*...

Os amaxtecas choram, *aia*,  
já choram os tehuantepehuas...

Toto tiquiti tiquiti  
assim vai minguando [o canto],  
tocotico tocoti toto titiqui toto titiquiti.

O *huebuetl* se colocou de pé, *ooo*;  
que os senhores dancem, *aia*!  
Que as chalchihuites e os grandes quetzais abundem!  
A casa dele não é de ninguém nesta terra, *aia*.  
Só a flor do Deus único permanece na minha mão, *ooo*,  
que as chalchihuites e os grandes quetzais abundem!

[29v] O Deus único,  
aquele por meio do qual há vida, chacoalha o *oyobualli*, *oo*.  
Meu coração vive, *aio*...

Mais uma vez se reconhece o Dono da vida em Nonoalco, Ahuilizapan.  
Ele, Nezahualpilli, é senhor ali no lugar do muro de dardos, em Atlixco, *aio*.

Encheste as mãos dele com teus dardos;  
Apanhas o Deus único, o senhor, ele...

*Iieo aie*, meu coração órfão se entristece;  
sou um Nonoalca,  
sou uma codorniz, *aia*,  
o mexica está em minha boca, *aiio*.

Tuas flores de guerras espalham-se [como] plumas de quetzal, Dono da vida;  
sou uma codorniz, *aia*,  
o mexica está em minha boca, *aiio*.

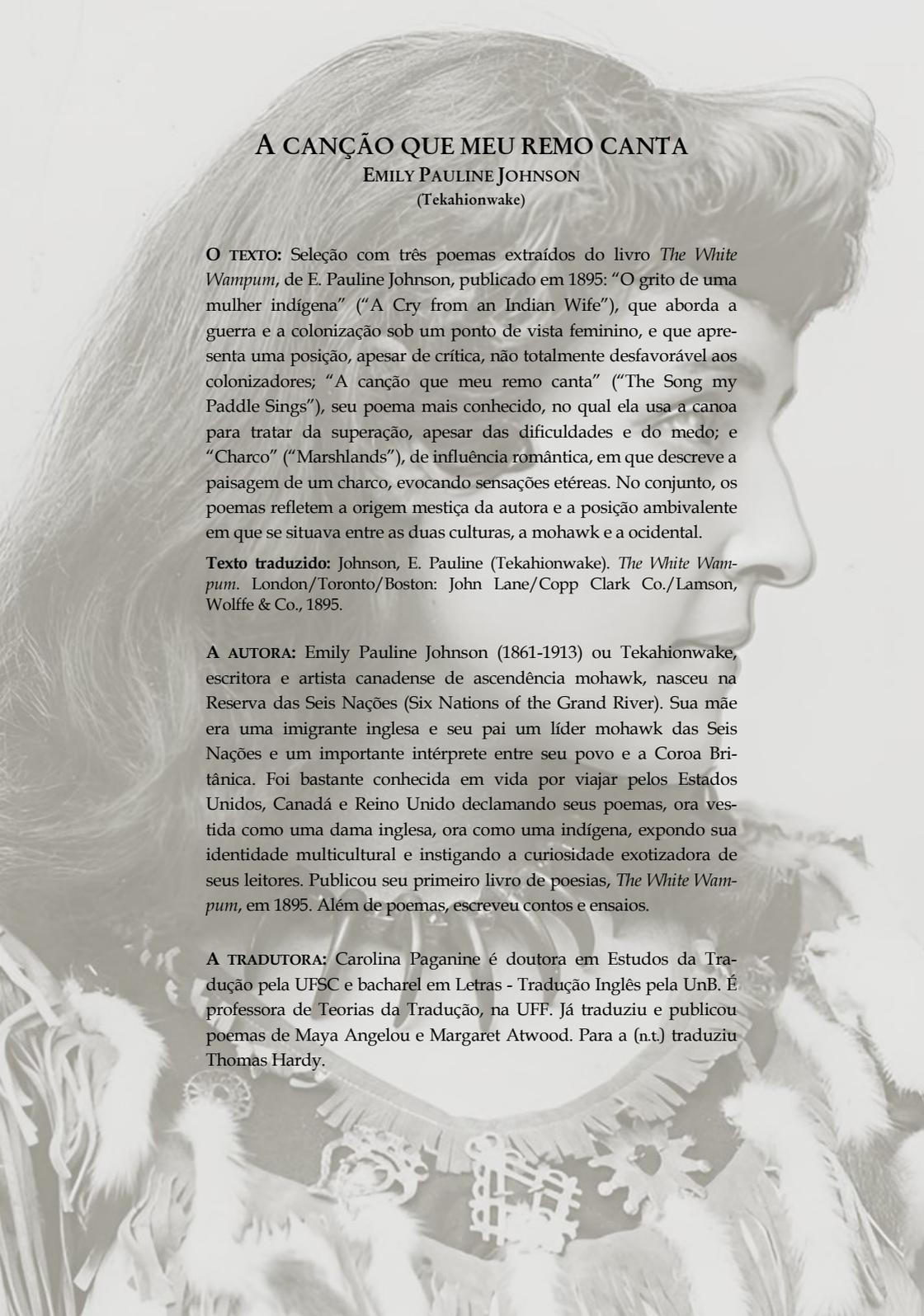
Toco toco tiqui tiqui assim vai mingando tocotico tocoti.

Que comecem, sou tomado.  
Que haja canto aqui, *aia*,  
ele, Deus, chegou, *aiio*.  
Que com o seu canto sejam alegrados os senhores, *aia*, ele é Deus.  
Ali descendeste, oh Deus,  
ali possivelmente nasceu Jesus Cristo, *aiio*.

Deus, *aia*,  
a aurora permanece brilhante ali,  
é a tua casa, *aia*,  
são as tuas flores, *aia*.  
As chalchihuites brotam,  
os braceletes caem como a chuva;  
todos são enriquecidos, *aiio*.  
Ali diversas folhas e flores são suas, *aia*, Deus...

As flores se espalham, *oo*,  
a palavra do Dono da vida se estende sobre todos, *oo*,  
está deitada sobre o Anáhuac, *oo*.  
Com elas fazes a oferenda no *altepetl*.

O mundo permanece somente em tuas mãos,  
depois dizes isso, Dono da vida.



## A CANÇÃO QUE MEU REMO CANTA

EMILY PAULINE JOHNSON

(Tekahionwake)

**O TEXTO:** Seleção com três poemas extraídos do livro *The White Wampum*, de E. Pauline Johnson, publicado em 1895: “O grito de uma mulher indígena” (“A Cry from an Indian Wife”), que aborda a guerra e a colonização sob um ponto de vista feminino, e que apresenta uma posição, apesar de crítica, não totalmente desfavorável aos colonizadores; “A canção que meu remo canta” (“The Song my Paddle Sings”), seu poema mais conhecido, no qual ela usa a canoa para tratar da superação, apesar das dificuldades e do medo; e “Charco” (“Marshlands”), de influência romântica, em que descreve a paisagem de um charco, evocando sensações etéreas. No conjunto, os poemas refletem a origem mestiça da autora e a posição ambivalente em que se situava entre as duas culturas, a mohawk e a ocidental.

**Texto traduzido:** Johnson, E. Pauline (Tekahionwake). *The White Wampum*. London/Toronto/Boston: John Lane/Copp Clark Co./Lamson, Wolfe & Co., 1895.

**A AUTORA:** Emily Pauline Johnson (1861-1913) ou Tekahionwake, escritora e artista canadense de ascendência mohawk, nasceu na Reserva das Seis Nações (Six Nations of the Grand River). Sua mãe era uma imigrante inglesa e seu pai um líder mohawk das Seis Nações e um importante intérprete entre seu povo e a Coroa Britânica. Foi bastante conhecida em vida por viajar pelos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido declamando seus poemas, ora vestida como uma dama inglesa, ora como uma indígena, expondo sua identidade multicultural e instigando a curiosidade exotizadora de seus leitores. Publicou seu primeiro livro de poesias, *The White Wampum*, em 1895. Além de poemas, escreveu contos e ensaios.

**A TRADUTORA:** Carolina Paganine é doutora em Estudos da Tradução pela UFSC e bacharel em Letras - Tradução Inglês pela UnB. É professora de Teorias da Tradução, na UFF. Já traduziu e publicou poemas de Maya Angelou e Margaret Atwood. Para a (n.t.) traduziu Thomas Hardy.



**“Agora recolhe tuas lentas asas e descansa,  
Pois suave é a canção que meu remo canta.”**

*“Now fold in slumber your laggard wings,  
For soft is the song my paddle sings.”*

# THE SONG MY PADDLE SINGS

*“By right, by birth we Indians  
own these lands.”*

---

EMILY PAULINE JOHNSON  
(Tekahionwake)

## A CRY FROM AN INDIAN WIFE

My Forest Brave, my Red-skin love, farewell;  
We may not meet to-morrow; who can tell  
What mighty ills befall our little band,  
Or what you'll suffer from the white man's hand?  
Here is your knife! I thought 'twas sheathed for aye.  
No roaming bison calls for it to-day;  
No hide of prairie cattle will it maim;  
The plains are bare, it seeks a nobler game:  
'Twill drink the life-blood of a soldier host.  
Go; rise and strike, no matter what the cost.  
Yet stay. Revolt not at the Union Jack,  
Nor raise Thy hand against this stripling pack  
Of white-faced warriors, marching West to quell  
Our fallen tribe that rises to rebel.  
They all are young and beautiful and good;  
Curse to the war that drinks their harmless blood.  
Curse to the fate that brought them from the East  
To be our chiefs – to make our nation least  
That breathes the air of this vast continent.  
Still their new rule and council is well meant.

They but forget we Indians owned the land  
From ocean unto ocean; that they stand  
Upon a soil that centuries ago  
Was our sole kingdom and our right alone.  
They never think how they would feel to-day,  
If some great nation came from far away,  
Wresting their country from their hapless braves,  
Giving what they gave us – but wars and graves.  
Then go and strike for liberty and life,  
And bring back honour to your Indian wife.  
Your wife? Ah, what of that, who cares for me?  
Who pities my poor love and agony?  
What white-robed priest prays for your safety here,  
As prayer is said for every volunteer  
That swells the ranks that Canada sends out?  
Who prays for vict'ry for the Indian scout?  
Who prays for our poor nation lying low?  
None – therefore take your tomahawk and go.  
My heart may break and burn into its core,  
But I am strong to bid you go to war.  
Yet stay, my heart is not the only one  
That grieves the loss of husband and of son;  
Think of the mothers o'er the inland seas;  
Think of the pale-faced maiden on her knees;  
One pleads her God to guard some sweet-faced child  
That marches on toward the North-West wild.  
The other prays to shield her love from harm,  
To strengthen his young, proud uplifted arm.  
Ah, how her white face quivers thus to think,  
*Your* tomahawk his life's best blood will drink.  
She never thinks of my wild aching breast,  
Nor prays for your dark face and eagle crest  
Endangered by a thousand rifle balls,  
My heart the target if my warrior falls.  
O! coward self I hesitate no more;  
Go forth, and win the glories of the war.  
Go forth, nor bend to greed of white man's hands,

By right, by birth we Indians own these lands,  
Though starved, crushed, plundered, lies our nation low....  
Perhaps the white man's God has willed it so.

## THE SONG MY PADDLE SINGS

West wind blow from your prairie nest?  
Blow from the mountains, blow from the west.  
The sail is idle, the sailor too;  
O! wind of the west, we wait for you.  
Blow, blow!  
I have wooed you so,  
But never a favour you bestow.  
You rock your cradle the hills between,  
But scorn to notice my white lateen.

I stow the sail, unship the mast:  
I wooed you long but my wooing's past;  
My paddle will lull you into rest.  
O! drowsy wind of the drowsy west,  
Sleep, sleep,  
By your mountain steep,  
Or down where the prairie grasses sweep!  
Now fold in slumber your laggard wings,  
For soft is the song my paddle sings.

August is laughing across the sky,  
Laughing while paddle, canoe and I,  
Drift, drift,  
Where the hills uplift  
On either side of the current swift.

The river rolls in its rocky bed;  
My paddle is plying its way ahead;  
Dip, dip,  
While the waters flip  
In foam as over their breast we slip.

And oh, the river runs swifter now;  
The eddies circle about my bow.  
Swirl, swirl!

How the ripples curl  
In many a dangerous pool awirl!

And forward far the rapids roar,  
Fretting their margin for evermore.  
Dash, dash,  
With a mighty crash,  
They seethe, and boil, and bound, and splash.

Be strong, O paddle! be brave, canoe!  
The reckless waves you must plunge into.  
Reel, reel,  
On your trembling keel,  
But never a fear my craft will feel.

We've raced the rapid, we're far ahead!  
The river slips through its silent bed.  
Sway, sway,  
As the bubbles spray  
And fall in tinkling tunes away.

And up on the hills against the sky,  
A fir tree rocking its lullaby,  
Swings, swings,  
Its emerald wings,  
Swelling the song that my paddle sings.

## MARSHLANDS

A thin wet sky, that yellows at the rim,  
And meets with sun-lost lip the marsh's brim.

The pools low lying, dank with moss and mould,  
Glint through their mildews like large cups of gold

Among the wild rice in the still lagoon,  
In monotone the lizard shrills his tune.

The wild goose, homing, seeks a sheltering,  
Where rushes grow, and oozing lichens cling.

Late cranes with heavy wing, and lazy flight,  
Sail up the silence with the nearing night.

And like a spirit, swathed in some soft veil,  
Steals twilight and its shadows o'er the swale.

Hushed lie the sedges, and the vapours creep,  
Thick, grey and humid, while the marshes sleep.

## A CANÇÃO QUE MEU REMO CANTA

*“Por direito, por nascimento, nós, indígenas,  
somos donos dessas bandas.”*

---

EMILY PAULINE JOHNSON  
(Tekahionwake)

### O GRITO DE UMA MULHER INDÍGENA

Meu bravo da floresta, meu amor de pele-vermelha, adeus;  
Talvez não nos encontremos amanhã; que posso eu  
Saber dos males terríveis a atingir nosso pequeno bando,  
Ou o que irás sofrer nas mãos do homem branco?  
Eis aqui a tua faca! Pensava que nunca mais a desembainharia.  
Nenhum bisão perdido a clama neste dia;  
Nenhuma pele de boi selvagem vai retalhar.  
A planície está vazia e busca algo mais nobre para caçar:  
Beberá o sangue vital de um exército de soldados.  
Vai; levanta-te e ataca, sem que importe o resultado.  
Agora fica. Não te revoltas contra a Coroa,  
Nem levantes, contra esses jovens, tua mão à toa,  
São guerreiros de pele branca, marchando a Oeste para reprimir  
Nosso povo que caiu e que se levanta para insurgir.  
São homens novos, belos e benevolentes;  
Maldita seja a guerra que bebe sangue inocente.  
Maldito seja o destino que do Leste os enviou  
Para mandar em nosso povo – que quase se acabou  
E ainda respira o ar desta vasta região.  
Mesmo assim suas novas leis têm boa intenção.

Apenas esquecem que nós, indígenas, possuíamos a terra nossa  
De um oceano a outro; que eles pisam numa posse,  
Sobre um solo e um reino  
Que há séculos era só nosso de direito.  
Eles nunca pensam em como seria revoltante,  
Se alguma grande nação viesse de um lugar distante,  
Arrebatando as terras de seus bravos e desafortunados guerreiros,  
Dando-lhes o que antes nos deram – nada além de guerras e enterros.  
Então vai e luta pela liberdade e pela vida,  
E traz de volta a honra para tua mulher indígena.  
Tua mulher? Ah, e quanto a isso, quem se importa comigo?  
Quem se compadece de meu amor e minha agonia humilde?  
Que padre de vestes brancas reza por sua segurança agora  
Como rezam para cada um que as fileiras engrossa  
Voluntariando-se para lutar pelo Canadá?  
Quem reza pelo jovem indígena que vencerá?  
Quem reza pelo nosso pobre povo derrubado?  
Ninguém – então vai logo e leva teu machado.  
Meu coração pode se partir todo e eu ficar chorando,  
Mas sou forte e para a guerra te mando.  
Agora fica, o meu coração não é o único entristecido  
Lamentando o marido e o filho perdidos;  
Pense nas mães pelos mares interiores ilhadas,  
Pense na virgem de pele branca ajoelhada;  
Uma roga ao seu Deus para olhar por seu rapaz de rosto juvenil  
Marchando rumo ao Noroeste selvagem e vil.  
A outra reza para proteger seu amor do perigo,  
Para dar força ao seu braço jovem e erguido.  
Ah, como o rosto pálido dela estremece ao pensar,  
*Seu* machado tomahawk o melhor sangue vai tomar.  
Ela nunca pensa no meu peito dolente e desesperado,  
Nem reza por seu cocar de água e seu rosto amorenado  
Ameaçado por mil balas de armas de fogo,  
Meu coração, o alvo, se meu guerreiro cair morto.  
Oh! Como sou covarde, não mais vou errar  
Vai e vence as glórias da guerra.  
Vai, e não te curves à cobiça das mãos do homem branco,

Por direito, por nascimento, nós, indígenas, somos donos dessas bandas,  
Ainda que nosso povo esteja faminto, destroçado, pilhado...  
Talvez o Deus do homem branco assim o tenha desejado.

## A CANÇÃO QUE MEU REMO CANTA

Vento do oeste, vem soprar de tua casa no prado  
Sopra das montanhas, sopra do oeste um bocado  
A vela não se mexe, tampouco quem veleja;  
Oh, vento do oeste, esperamos por ti.  
Sopra, sopra  
Te cortejo com tanto fervor  
Mas nunca me concedes esse favor  
Balanças o teu berço entre as montanhas  
Mas te recusas a notar minha vela branca.

Guardo a vela, desmonto o mastro:  
Cortejar é passado, mas meu cortejo foi vasto;  
Meu remo há de embalar o teu repouso.  
Oh, vento do oeste, vento vagaroso,  
Dorme, dorme,  
Perto do despenhadeiro da montanha,  
Ou lá embaixo onde o verde do campo balança!  
Agora recolhe tuas lentas asas e descansa,  
Pois suave é a canção que meu remo canta.

Agosto está rindo por todo o céu,  
Rindo enquanto o remo, a canoa e eu,  
Vagueamos, vagueamos,  
Por onde se eleva a mantiqueira  
Por cada lado da corrente ligeira.

O rio corre por sua cama rochosa;  
Meu remo, eu manejo vigorosa;  
Afunda, afunda,  
Enquanto a água abunda  
Como por seu peito deslizamos na espuma.

Mas, oh, agora o rio é ainda mais ligeiro;  
Redemoinhos envolvem o meu remo inteiro.  
Giram, giram!

Como há nas ondas um agito  
Em muitos poços um torvelinho, um perigo!

E as corredeiras rugem à frente,  
Atormentando as margens para sempre.  
Batem, batem,  
Em uma grande colisão,  
Elas fervilham, se agitam, entram em ebulição.

Sê forte, meu remo! Tem coragem, minha canoa!  
Nas ondas insensíveis deveis vos jogar.  
Rodai, rodai.  
A quilha passa a tremer,  
Mas nada meu barco há de temer.

Descemos a corredeira, estamos bem adiante!  
O rio desliza em silêncio por seu leito flutuante.  
Agitai, agitai,  
Enquanto as bolhas se soltam,  
Caem tinindo e voltam.

E ao céu o topo da mantiqueira faz crescer  
Um pinheiro entoando uma cantiga de adormecer,  
Balança, balança,  
Suas asas verdes fascinantes,  
Soando a canção que meu remo canta.

## CHARCO

Um céu translúcido e úmido, nas margens amarelado,  
Encontrando com a soleira perdida do sol à beira do charco.

As lagoas com água baixa, de musgos encharcadas,  
Reluzem os fungos como grandes taças douradas.

Entre matos de arroz selvagem na água tranquila,  
Num tom monótono o lagarto canta sua melodia.

O ganso selvagem, no caminho de casa, busca um pouso,  
Onde crescem os juncos e os líquens no lodo.

Atrasados, os groux com suas longas asas e voo lento,  
Planam no silêncio enquanto vai anoitecendo.

E como um espírito, envolto num véu suave,  
Rouba o crepúsculo e suas sombras sobre o vale.

Quietos estão os carriços e o nevoeiro começa a subir,  
Denso, cinzento e úmido, enquanto o charco está a dormir.

## GAZA

HEBA ABU NADA

**O TEXTO:** Em sua última mensagem enviada pelo ex-Twitter, no dia 8 de outubro de 2023, dias antes de ser morta pelo Estado de Israel em um ataque aéreo, a poeta palestina Abu Nada escreveu que a noite de Gaza estava ficando escura e que só era iluminada pelo brilho dos foguetes, quando então o silêncio que reinava na cidade era quebrado pelo som das bombas. Mesmo em seu *tweet* final, que logo se tornou seu último poema, sua escrita não deixou de evocar uma atmosfera poderosa e comovente, não obstante essa atmosfera retratasse a ocupação e o genocídio. Abu Nada usava frequentemente a linguagem coloquial palestina em sua escrita, o que contribuiu para a autenticidade e o realismo de sua obra, já que ela não se esquivava de retratar a realidade de forma crua e honesta. Esta HQ literária, que ilustra suas últimas palavras, apresentada em árabe e português, é em sua memória e em homenagem ao povo palestino, pois uma guerra, de fato, não é desenhável, só é possível fazê-lo porque estamos diante de uma poeta cuja poesia (e existência) a fez suportável.

**Texto traduzido:** Nada, Heba Abu. غزة. Gaza, 8 de out. 2023. Twitter.

**A AUTORA:** Heba Abu Nada (1991-2023), poeta, escritora e educadora palestina, nasceu em Meca, na Arábia Saudita, originária da aldeia de Bayt Jirja. Iniciou sua carreira literária com a publicação do romance الأكسجين ليس للموتى (*O oxigênio não é para os mortos*), de 2017, que narra a história de uma mulher palestina que luta para sobreviver na Faixa de Gaza. Sua obra é marcada não só por retratar a dura realidade do povo palestino sob a ocupação israelense, mas também por abordar questões memorialísticas e identitárias, explorando a experiência da diáspora e do exílio, e de luta dos direitos das mulheres árabes na sociedade. Apesar dos temas sombrios que permeiam sua obra, escreveu também sobre o amor, a esperança e a resiliência de seu povo. Foi morta em um ataque aéreo israelense em Gaza no dia 20 de outubro de 2023, aos 32 anos de idade.

**O TRADUTOR:** Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (Alemão e Literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor e professor de grego. Para a (n.t.) traduziu Forugh Farrokhzad, Ghazaleh Alizadeh, Fazıl Dağlarca, Maria Polyduri, dentre outros.

TRADUÇÃO: MIGUEL SULIS

HQ: ALINE DAKA

# GAZA

HEBA ABU NADA

غزة  
هبة أبو ندى

A NOITE DA CIDADE É ESCURA.

معتمٌ ليل المدينة



EXCETO PELO  
BRILHO DOS  
MISSEIS.

إلا من وهج الصواريخ.



SILENCIOSA.

صامتٌ



EXCETO PELO  
SOM DOS  
BOMBARDEIOS.

إلا من صوت القصف.



ASSUSTADORA, مخيف



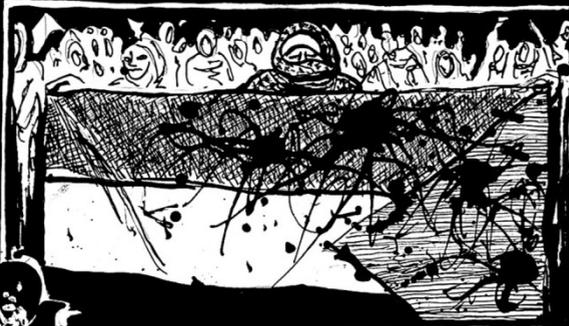
EXCETO PELA  
GARANTIA DAS  
SÚPLICAS.



BOOM



إلا من طمأنينة الدعاء.



TENEBROSA,

أسود

EXCETO PELA LUZ  
DOS MÁRTIRES.

إلا من نور الشهداء.

BOA NOITE,  
GAZA.

تصبحي على خيف يا  
غزة.



هبة أبو ندى

HEBA ABU NADA

1991 - 2023



# INDEX

## CAPA:



Umm el-Jimal, Jordânia  
ARQUIVO (n.t.)

## INTERNA:

**Aline Daka** (p. 3)  
*Papoula*, 2024  
Nanquim sobre papel  
ARQUIVO (n.t.)

**Aline Daka** (p. 5)  
*Geografia palestina*, 2024  
Nanquim sobre papel  
ARQUIVO (n.t.)

**Petra** (lugar) (p. 6)  
*Estela da deusa de Hayyan*, sécs. I-II d.C.  
Escultura nabateia  
DEPARTMENT OF ANTIQUITIES, JORDÂNIA

## VINHETAS:

**Jericó, Palestina** (pp. 10 e 70)  
Fotos de Gleiton Lentz  
ARQUIVO (n.t.)

## CONTRACAPA:

Escritório de Tradução em Sanaã, Iêmen  
Fotografia  
ARQUIVO (n.t.)

---

**Aline Daka** | @alinedakailustra  
Série *Poesia Traduzida I* – 2024  
15 ilustrações  
Nanquim sobre papel  
ARQUIVO (n.t.)

**Mahmud Darwich** (p. 12)  
Ilustração para “Amante da Palestina”

**Fadwa Touqan** (p. 25)  
Ilustração para “A liberdade do povo”



**Olivia Elias** (p. 51)  
Ilustração para “Para as crianças da Palestina”



**Izumi Shikibu** (p. 72)  
Ilustração para “Meus cabelos negros”

**Cemal Süreya** (p. 79)  
Ilustração para “Curta”

**Jan Huszcza** (p. 95)  
Ilustração para “O mais difícil são seus olhos”



**Octavian Goga** (p. 113)  
Ilustração para “Solitude”

**Mihai Eminescu** (p. 127)  
Ilustração para “Um sonho”

**Marguerite Burnat-Provins** (p. 133)  
Ilustração para “Ll”

**José Watanabe** (p. 151)  
Ilustração para “O linguado”



**Olga Orozco** (p. 169)  
Ilustração para “A cartomancia”

**Ceccardo Roccatagliata Ceccardi** (p. 179)  
Ilustração para “A viagem eterna”

**Mary Oliver** (p. 205)  
Ilustração para “Uma ou duas coisas”



**Nezahualcóyotl** (p. 227)  
Ilustração para “Canto de Nezahualcóyotl”

**Emily Pauline Johnson** (p. 238)  
Ilustração para “A canção que meu remo canta”



\*

A (n.t.) | 27º acabou-se de editar em 1º de setembro de 2024,  
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**  
Romeno, turco e polonês: **Palatino Lynotype**  
Árabe: **Sakkal Majalla** Japonês: **Noto Sans**



المركز العربي (n.t.) | Ièmen

# للترجمة المعتمدة

CERTIFIED TRANSLATION

التسجيل  
777278239

انجليزي فرنسي ألماني روسي

مراسلات تجارية - ترجمة فورية - طباعة بحوث - تصاميم إعلانية  
إشراف أ. محمد الدبيعي 01/472975 - 770132121 - 733578924

Certified Translation  
English - French - German - Russian  
المركز العربي للترجمة المعتمدة

Certified Translation  
English - French - German - Russian  
المركز العربي للترجمة المعتمدة

المركز العربي  
للترجمة المعتمدة

Arab Center for  
Certified Translation

متمدون من اليونسكو  
ووزارة الخارجية

◆ انجليزي ◆ فرنسي ◆ ألماني  
◆ روسي ◆ تركي ◆ ايطالي

مراسلات تجارية - ترجمة فورية - طباعة بحوث

770132121